



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Mestrado em Ciências da Educação

Educação pela Arte

**UM PROJETO DE LAND ART NUMA ESCOLA DE
1.º CICLO**

Celeste Maria Pissarra Ribeiro

Lisboa, fevereiro de 2013



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Mestrado em Ciências da Educação

Educação pela Arte

UM PROJETO DE LAND ART NUMA ESCOLA DE 1.º CICLO

Celeste Maria Pissarra Ribeiro

Relatório apresentado para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Educação,
na especialidade de Educação pela Arte, sob a orientação do Professor José Maria
de Almeida

Lisboa, fevereiro de 2013

AGRADECIMENTOS

À Marta e ao Carlos, por nunca terem reclamado a hipoteca de muitos fins de semana.

À minha mãe, pela libertação dalgumas tarefas culinárias.

À minha irmã, primeiras ofertas de livros de Land Art.

Aos meus amigos, pelos incentivos e encorajamento, em particular, à João Schwab e Zé Lopes pela companhia em Santa Apolónia e *busca* de livros e oferta de alguns.

Ao meu sobrinho e cunhado, pelo serviço de *táxi*, que em noites de inverno era reconfortante.

À Dores pelos conselhos e insistências, ainda que do outro lado do Atlântico.

Às minhas colegas e professores destes dois anos, os caminhos não se percorrem solitariamente.

Ao meu orientador, Professor Doutor José de Almeida, pela sua paciência e capacidade de partilha do seu saber.

Às professoras e diretora da escola, onde este trabalho foi realizado, o meu bem hajam por todo o apoio, boa vontade e carinho.

Aos alunos e pais dos mesmos, pela colaboração na concretização das etapas do trabalho.

O último e mais difícil agradecimento, por ter de caber em pouco espaço, é para a Sara Valério, dos poucos seres humanos que conheço de extraordinária generosidade e serenidade. À Sara devo a libertação de muitas preocupações com as questões informáticas e o permanente incentivo para avançar com a escrita deste relatório. Se há fadas, elas são parecidas com esta minha amiga.

RESUMO

As questões ambientais são frequentemente noticiadas, estando presentes em quase todos os multimídia. Quer por questões puramente ambientalistas, quer muitas vezes, mais economicistas e até de saúde pública, o ambiente e a natureza fazem parte das preocupações de vários grupos da sociedade.

Este trabalho pretendeu abordar a natureza pela vertente da criatividade e como fonte de inspiração para atividades de expressão, ao mesmo tempo que se introduziram conceitos, aperfeiçoaram outros, se mostraram as possibilidades de utilizar materiais à disposição de qualquer um e formas de os usar livremente.

Uma das valências do projeto foi o facto de não exigir aos alunos que utilizassem uma técnica ou outra mas que fizessem o que no momento conseguiam, com os materiais e espaço disponíveis. Por vezes, era-lhes pedido que utilizassem mais um determinado material que outro, nalgumas circunstâncias quiseram introduzir diferentes e, tal não lhes foi negado. Dos resultados obtidos em todas as sessões de trabalho realizadas, os mais significativos prendem-se com as sessões realizadas ao ar livre e aquelas em que o “fazer” era o objetivo das mesmas. Foi dado observar que os alunos ao ar livre não entravam em conflito e se organizavam com maior facilidade, do que em contexto de sala de aula; manifestaram várias vezes o desejo de sair para o exterior.

Os alunos sentiram-se sempre à vontade quando se falava dos quatro elementos e da natureza, quando se abordava o tema de uma forma generalizada; o 4.º ano mostrou mais interesse em aprofundar conhecimentos.

Verificou-se que o conceito de Land Art não foi de fácil interiorização mas, permitiu aos alunos uma abordagem do tema “natureza” de forma diferente e, que o seu conhecimento nos leva a muitos outros, nos permite buscas e experiências diversas.

Por parte dos pais houve o reconhecimento da importância de projetos iguais ou similares, bem como pela parte das professoras e diretora da instituição onde se realizou o estágio, do qual resultou este trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Land Art; Educação; Arte; Educar pela arte; Natureza; Arte e ciência.

ABSTRACT

Environmental issues are constantly in the news, being present in each and every media outlet. Whether for purely environmental reasons, or sometimes more for economic and public health reasons, concerns about the environment and nature are part of various societies' groups. This work focuses on nature through creativity and as a source of inspiration for activities. At the same time, it allows for the introduction of new concepts, improving on others and showing other possible ways of using freely materials available to everyone.

One of the strong points of this project is that it did not demand that the students focus on one specific technique but to do whatever they could with whatever space and materials they had at hand. Sometimes they were asked to use more of one specific material instead of another, sometimes they wanted to introduce a new material, which they weren't denied. From all the results gathered from the working sessions, the most significant results came from the outdoors sessions and from those where "doing" was the main purpose. One could see that in an outdoor setting they were less prone to conflicts and more easily organized than in the classroom. They often expressed their desire to be outdoors.

The students were quite at ease with the four elements and with nature, when the subject was broadly approached and 4th graders showed interest in learning more on the subject. The concept of Land Art was not an easy one to introduce, but it allowed students a different way of approaching the subject of "nature" and it leads to other concepts, new findings and a wider range of experiences.

Parents seemed to recognize the importance of this kind of project, as did the head teacher and the teachers involved in this project and the school where it took place.

KEY-WORDS

Land Art; Education; Art; Art education; Nature; Art and science.

ÍNDICE DE FIGURAS.....	ix
ÍNDICE DE QUADROS.....	xii

INTRODUÇÃO

1. Justificação e relevância do tema.....	1
2. Apresentação do projeto.....	2
3. Objetivos do projeto.....	2
4. Pertinência do estágio.....	3
5. Apresentação do estudo.....	4

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Conceito e teorias da Arte.....	5
1.1. Arte na infância.....	7
2. Conceitos de Educação.....	8
2.1. Educar pela Arte.....	11
3. Conceito de Land Art?.....	12
3.1. Alguns protagonistas nacionais e internacionais.....	13
4. Arte e Ciência.....	21
4.1. Educar para o Ambiente/Natureza.....	22
4.1.1. Os quatro elementos.....	24
4.2. Criatividade e educação.....	27

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1. Investigação Qualitativa.....	29
2.2. Opções metodológicas.....	30
2.2.1. Métodos e instrumentos adotados.....	31
2.2.2. Caracterização do estudo.....	33
2.2.3. Caracterização social da amostra.....	33
2.2.4. Caracterização das instituições e outros espaços.....	34

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

3.1. Planificação da ação/Narrativa dos ateliês.....	37
3.2. Apresentação dos resultados recolhidos através do inquérito por questionário.....	48
3.3. Análise dos diários de Land Art.....	49
3.4. Apresentação dos dados recolhidos através do inquérito por questionário	
3.4.1. Alunos do 3.º e 4.º ano do Ensino Básico	
3.4.1.1. Respostas aos inquéritos iniciais pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico.....	51
3.4.1.2. Respostas aos inquéritos iniciais pelos alunos do 4.º ano do Ensino Básico.....	57

3.4.1.3.	Respostas aos inquéritos intermédios pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico.....	63
3.4.1.4.	Respostas aos inquéritos intermédios pelos alunos do 4.º ano do Ensino Básico.....	68
3.4.1.5.	Respostas aos inquéritos finais pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico.....	72
3.4.1.6.	Respostas aos inquéritos finais pelos alunos do 4.º ano do Ensino Básico.....	79
3.4.1.7.	Interpretação dos inquéritos aos alunos.....	85
3.4.2.	Respostas dos inquéritos aos pais dos alunos do 3.º ano do Ensino Básico.....	87
3.4.3.	Respostas dos inquéritos aos pais dos alunos do 4.º ano do Ensino Básico.....	92
3.4.3.1.	Interpretação dos inquéritos aos pais dos alunos.....	97
3.4.4.	Respostas aos inquéritos das professoras do Jardim Escola.....	98
3.5.	Apresentação dos dados recolhidos através de entrevista à diretora.....	99
3.6.	Confirmação dos objetivos.....	100

CONCLUSÕES

1.	Discussão dos resultados.....	101
2.	Limitações.....	101
3.	Recomendações futuras.....	102

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....103

WEBGRAFIA.....105

ANEXOS

Anexo 1 – Relatório das sessões com grupos experimentais (alunos).....	107
Anexo 2 – Guião de entrevista.....	108
Anexo 3 – Transcrição da entrevista.....	109
Anexo 4 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 3.º ano – Inquérito inicial.....	110
Anexo 5 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 3.º ano – Inquérito intermédio.....	111
Anexo 6 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 3.º ano – Inquérito final.....	112

Anexo 7 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 4.º ano – Inquérito inicial.....	113
Anexo 8 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 4.º ano – Inquérito intermédio.....	114
Anexo 9 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 4.º ano – Inquérito final.....	115
Anexo 10 – Inquérito por questionário – Aplicado aos pais dos alunos.....	116
Anexo 11 – Inquérito por questionário – Aplicado às professoras do jardim-escola.....	117
Anexo 12 – Ofício dirigido aos pais dos alunos com informação com realização do estágio.....	118
Anexo 13 – Documento de informação dirigido aos pais dos alunos com pedido de autorização de saída do espaço do jardim-escola.....	119
Anexo 14 – Documentos com exemplo de redações dos alunos retirados dos diários de Land Art.....	120
Anexo 15 – CD com imagens dos trabalhos práticos realizados durante o projeto.....	121

ÍNDICE FIGURAS

Figura 1 – O cantinho da natureza.....	38
Figura 2 – Processo de construção do vulcão.....	39
Figura 3 – Resultado final da construção do vulcão com aproveitamento de medronhos esmagados para imitar a lava incandescente	39
Figura 4 – Construção de uma obra de Land Art utilizando água (3.º ano).....	40
Figura 5 – O tema da obra de Land Art escolhido foi a ilha (3.º ano)	40
Figura 6 – Inícios dos trabalhos com pedras (4.º ano).....	40
Figura 7 – Trabalho de Land Art realizado com pedras (4.º ano)	40
Figura 8 – Trabalho de Land Art alusivo às férias da Páscoa, simboliza um ovo (4.º ano) ...	40
Figura 9 – Nome da professora escrito com paus.....	42
Figura 10 – Construção de uma ponte com paus.....	42
Figura 11 – Trabalho com colagens e intervenção na imagem (4.º ano)	42
Figura 12 – Intervenção na imagem de paisagem (3.º ano)	42
Figura 13 – Materiais que compunham parte da instalação simbolizando o elemento terra .	43
Figura 14 – Grupos intervenientes.....	43
Figura 15 – Materiais que compunham parte da instalação simbolizando o elemento água.	44
Figura 16 – Materiais usados para simbolizar o elemento água.....	44
Figura 17 – Resultado final da instalação com o grupo de adultos intervenientes.....	44
Figura 18 – Trabalho de colagem com materiais recolhidos junto dos plátanos (3.º ano).....	45
Figura 19 – Página do caderno de Land Art com o trabalho sobre os plátanos (4.º ano).....	45
Figura 20 – Trabalhos realizados na sessão sobre o barro (3.º e 4.º ano).....	46
Figura 21 – Trabalhos realizados nos diários de Land Art (3.º e 4.º ano)	47
Figura 22 – Exemplos de diários de Land Art (3.º e 4.º ano)	49
Figura 23 – Idades dos alunos	51

Figura 24 – Composição do grupo quanto ao género	51
Figura 25 – Local de residência	52
Figura 26 – Desejo de brincar na natureza	52
Figura 27 – Frequência com que contactam com a natureza durante a semana	53
Figura 28 – Materiais naturais escolhidos para fazer trabalhos de expressão plástica	53
Figura 29 – Materiais naturais que os alunos preferem mexer (tato)	54
Figura 30 – Opiniões sobre a suficiente ou insuficiente existência de espaços verdes em Castelo Branco	55
Figura 31 – Espaços públicos que os alunos mais frequentam	55
Figura 32 – Opções para definição de Land Art	56
Figura 33 – Opinião sobre a utilidade deste projeto	57
Figura 34 – Desejo de brincar na natureza	58
Figura 35 – Frequência com que contactam com a natureza durante a semana	58
Figura 36 – Materiais naturais escolhidos para fazer trabalhos de expressão plástica	59
Figura 37 – Materiais naturais em que os alunos preferem mexer (tato)	60
Figura 38 – Opinião sobre a suficiente ou insuficiente existência de espaços verdes em Castelo Branco	61
Figura 39 – Espaços públicos mais frequentados na cidade de Castelo Branco	61
Figura 40 – Opções para definição de Land Art	62
Figura 41 – Opinião sobre a utilidade deste projeto	63
Figura 42 – Preferências quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema Land Art	64
Figura 43 – Quantidade de folhas preenchidas no diário de Land Art	65
Figura 44 – Pesquisas sobre Land Art	65
Figura 45 – Espaços preferidos onde se desenvolveram atividades	66
Figura 46 – Definição de Land Art	67
Figura 47 – Preferências quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema Land Art	68

Figura 48 – Quantidade de folhas preenchidas no diário de Land Art.....	69
Figura 49 – Pesquisas sobre Land Art.....	69
Figura 50 – Espaços preferidos onde se desenvolveram atividades.....	70
Figura 51 – Definição de Land Art	71
Figura 52 – Preferência por viver na cidade ou no campo.....	72
Figura 53 – Contribuições da Land Art para a tomada de decisão, se preferem viver na cidade ou no campo	73
Figura 54 – Preferência por materiais da natureza	73
Figura 55 – Preferência pela execução de obras com os quatro elementos da natureza	74
Figura 56 – Técnica preferida para trabalhar o barro.....	74
Figura 57 – Palavras novas que os alunos aprenderam	75
Figura 58 – Importância do diário de Land Art	76
Figura 59 – Gosto por repetir a experiência de Land Art	76
Figura 60 – O que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas.....	77
Figura 61 – Conhecimentos adquiridos com as atividades desenvolvidas.....	78
Figura 62 – Preferência por viver na cidade ou no campo.....	79
Figura 63 – Contribuição da Land Art para a tomada de decisão, se preferem viver na cidade ou no campo	80
Figura 64 – Preferência por materiais da natureza	80
Figura 65 – Preferência pela execução de obras com os quatro elementos da natureza	81
Figura 66 – Técnica preferida para trabalhar o barro.....	81
Figura 67 – Palavras novas que os alunos aprenderam	82
Figura 68 – Importância do diário de Land Art	83
Figura 69 – Gosto por repetir a experiência de Land Art	83
Figura 70 – O que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas.....	84
Figura 71 – Conhecimentos adquiridos com as atividades desenvolvidas.....	84

Figura 72 – Comentários que os alunos teceram sobre as atividades desenvolvidas	87
Figura 73 – Solicitada ajuda para realização de trabalhos, inclusive o do diário de Land Art	88
Figura 74 – Realizadas consultas/Pesquisas sobre Land Art	88
Figura 75 – Demonstração de maior interesse para sair para o campo/natureza.....	89
Figura 76 – Importância do projeto no desenvolvimento dos alunos	90
Figura 77 – Conhecimento da corrente artística Land Art.....	90
Figura 78 – Consideração sobre se as expressões artísticas melhoram o desenvolvimento/desempenho curricular	91
Figura 79 – Apetência por desenvolver um projeto similar	92
Figura 80 – Comentários que os alunos teceram sobre as atividades desenvolvidas	93
Figura 81 – Solicitada ajuda para realização do diário de Land Art.....	93
Figura 82 – Realizadas consultas/Pesquisas sobre Land Art	94
Figura 83 – Demonstração de maior interesse para sair para o campo	94
Figura 84 – Importância do projeto no desenvolvimento da criança.....	95
Figura 85 – Conhecimento da corrente artística Land Art.....	96
Figura 86 – Apetência por desenvolver um projeto similar	97

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Definição de Land Art.....	56
Quadro 2 – Definição de Land Art.....	62
Quadro 3 – Definição de Land Art.....	67
Quadro 4 – Definição de Land Art.....	71

INTRODUÇÃO

1. Justificação e relevância do tema

“God has given us the earth, and we have ignored it”
(Walter De Maria, *Land Art*, p. 15)

Apresentar a Land Art aos alunos afigurou-se um desafio, quer pela barreira linguística quer pelo conceito em si. Os conceitos, por mais simples, precisam ser desmontados e demonstrados, ensinados e apreendidos.

Entretanto, o progressivo afastamento do meio rural – consequentemente o afastamento da natureza – leva ao seu desconhecimento, à incompreensão da importância que a natureza tem para a sobrevivência e subsistência do ser humano.

A imagem emblemática do avô e da avó que tinham a horta ou quinta é já rara; o tecido do mundo rural tem-se transformado de forma que, são e serão, muito poucos os que a ele vão continuar ligados e, no respeitante a currículos escolares formais, não se imagina tarefa fácil encontrar formas que levem a estas aprendizagens, adivinhando-se assim a necessidade de novas estratégias e reflexões.

Uma corrente artística é um argumento, veículo, e forma de conhecimento que nos leva a outras e, também ele, o conhecimento, pode assumir formas artísticas, inclusive levar à necessidade da procura de novos saberes; serve como exemplo o conhecimento e comportamento das matérias-primas.

O tema da Land Art é também um tema “inter” e “trans” disciplinar, é transversal a muitos saberes e facilmente cruzável com o conhecimento científico (estudar e aprofundar conhecimentos sobre os quatro elementos, é um exemplo) e, tal aplica-se a qualquer nível de ensino, não só ao básico. Pode pois, despertar-se a curiosidade para diversos saberes e necessidade dos mesmos, estimular o sentido de observação, o gosto pela experiência e, quem sabe, o despertar de vocações. Nestes processos estruturam-se ideias e constroem memórias e saberes.

Pensando na criatividade, dificilmente se encontra fonte mais inspiradora que a natureza, pela diversidade das paisagens; pelas lendas e poesia; pelas memórias de cheiros e sabores; a própria arte, como o testemunha a história, lhe deve tributo.

Há todo um imaginário na paisagem que nos transporta através do tempo e do espaço.

2. Apresentação do projeto

“Um projeto de Land Art numa escola de 1.º Ciclo” é estruturado segundo dois vetores:

- Apresentação da corrente artística Land Art.
- Realização de trabalhos de expressão plástica e escrita, a partir de temas sobre a natureza.

O projeto decorre durante um ano letivo e as sessões sobre Land Art, ao longo do ano, uma vez por semana.

Em sessões teóricas e práticas abordam-se temáticas (sempre relacionadas com a natureza), que são depois trabalhadas na expressão plástica e escrita, ao ar livre ou em contexto de sala de aula. Os trabalhos desenvolvem-se em quatro espaços: – sala de aula; recreio da escola; espaço envolvente à escola e no espaço ao ar livre do Museu.

Os materiais utilizados são dados aos alunos e é-lhes explicada a(s) técnica(s) que podem utilizar ou, dos materiais à disposição, os que devem usar preferencialmente, segundo a temática em desenvolvimento.

Incentivam-se os alunos a fazer pesquisas sobre as temáticas abordadas e a escrever um diário de Land Art.

A utilização da habitual ficha de verificação de conhecimentos, que também é usada em muitos Museus, foi propositadamente evitada, já que era objetivo, através dos inquéritos por questionário, verificar a motivação ou desinteresse dos alunos.

Chamou-se sempre a atenção para o carácter de interesse e da importância da prática de determinadas tarefas (registo de acontecimentos e prática da escrita), e não tanto para a obrigatoriedade das mesmas, contudo os alunos eram alertados para a necessidade de conhecer para melhor atuar.

Os vários intervenientes neste processo, sobretudo os adultos, tiveram a preocupação de dizer aos alunos que o empenho nas tarefas é importante para o bom resultado final.

3. Objetivos do projeto

Mais do que dar a conhecer uma corrente artística aos alunos e desenvolver atividades em torno da mesma, o principal objetivo deste projeto, passa pela tentativa de demonstrar que, através de uma forma de arte se interiorizam aprendizagens; se experienciam novas situações; melhoram-se e desenvolvem-se capacidades, quer motoras quer cognitivas; os alunos têm possibilidade de utilizar a experiência como

forma de aprendizagem e, no caso da Land Art, a liberdade de se expressarem, através de materiais muito diversificados. Os constrangimentos impostos pela folha de papel em branco são evitados, pois a utilização de materiais tão diversificados e outros espaços permitem novas formas de criatividade.

Uma vez que utilizar a Land Art, como forma privilegiada de expressão, significa período de tempo ao ar livre, os alunos têm a possibilidade, para além de desfrutarem de momentos saudáveis, de se relacionarem com um espaço que, pode ser estudado consoante as estações do ano, onde podem descobrir inúmeras matérias-primas e, enquanto criam obras com essas matérias, vão compreendendo o comportamento das mesmas. A Land Art permite a interação com a natureza, logo a necessidade de a conhecer e compreender e, nesta interatividade nenhum dos sentidos é deixado ao acaso.

Pretendeu dar-se espaço à criatividade, levando os alunos a construir as suas obras de arte (individuais e coletivas) sem imposições formais, para que a espontaneidade fosse possível.

Por fim, um dos objetivos prendeu-se com a possibilidade de pôr os alunos a trabalhar em equipa, dar-lhes autonomia para estruturarem trabalhos e distribuírem tarefas entre si, bem como aprenderem a estruturar ideias, dando-se também desta forma um contributo para a formação pessoal e social dos alunos.

4. Pertinência do estágio

A pertinência de qualquer estágio pressupõe o encontro de estratégias que levem a conclusões até à data desconhecidas ou não desenvolvidas, um dos principais objetivos deste projeto de Land Art numa escola de 1.º Ciclo.

Concluiu-se que este projeto é original, por se desenvolver em tempo letivo e com alunos de idades entre os 8 e os 11 anos, onde os conceitos na generalidade estão pouco desenvolvidos e enraizados. Por outro lado, o estágio justifica-se por permitir observar e aferir atitudes e reações aos trabalhos propostos, individualmente e em grupo, quer dos intervenientes diretos (alunos) quer dos outros intervenientes (pais e professores).

A pertinência do estágio também se justifica pela vertente da interdisciplinaridade; da formação do espírito de equipa e grupo e da interação com faixas etárias superiores.

Ainda a sublinhar, a preocupação com a vertente arte/ciência, tema pouco explorado e abordado em qualquer nível de ensino e, mesmo na formação pessoal dos indivíduos.

A abordagem ao tema da natureza foi diferente daquela a que os alunos estão habituados, bem como o tratamento de materiais e matérias-primas usadas no decorrer dos trabalhos práticos. A preocupação no surgimento de um documento realizado pelos alunos para registo dos acontecimentos – os diários de Land Art – permitiu desenvolver o sentido de observação, treino do registo escrito e da expressão plástica.

Por ser um projeto em que a arte é apresentada de uma forma completamente diferente do habitual, como a pintura, a escultura e a fotografia, desperta maior curiosidade e os alunos memorizam imagens, nomes e acontecimentos relacionados com os trabalhos realizados, ao mesmo tempo que permite estabelecer novas relações com a Natureza.

5. Apresentação do estudo

Este relatório é constituído por introdução, onde se justifica a relevância do tema, se apresenta o projeto, os objetivos do mesmo, a pertinência do estágio e apresenta-se o estudo.

No capítulo 1, é feito o enquadramento teórico, onde se faz uma abordagem ao conceito e teoria da arte, conceito de educação, conceito de Land Art e arte e ciência.

No capítulo 2, são apresentadas as metodologias adotadas na elaboração do estudo.

No capítulo 3, apresentação de resultados e as conclusões.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Conceito e teorias de arte

Relativamente ao conceito de arte, Leite (2005) sistematiza:

Trabalho com a ideia de que arte é um sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento; uma forma particular de ver e expressar o mundo, que actua como uma reacção emocional e conceitual à vida. A linguagem artística busca resolver o problema artístico no qual se encontra o artista, possibilitando-lhe o pensamento e a expressão de si e da sua época, por imagens – sonoras, visuais, corporais, poéticas ... O que vigora, hoje, na área não é apenas o conhecimento sensível ou mesmo a beleza – é a inteireza, a significação. É um campo privilegiado da experiência estética (p. 48).

A dificuldade em reunir consensos quanto à definição de arte advém, provavelmente, do facto de ser uma manifestação que dificilmente se estuda num só campo do saber. Não existe uma só forma de manifestação artística, mas várias – dança, teatro, poesia, música, pintura, cinema, A psicologia tenta dar as suas explicações, a filosofia dedica-lhe inúmeras páginas e a educação procura e vê na arte, uma alternativa a outros métodos de ensino, dando-lhe estatuto privilegiado nos currículos escolares (nalgumas escolas), efetuando experiências e procurando resultados que promovem a melhoria das competências dos alunos em diversas áreas curriculares.

Segundo o Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura (Silva & Calado, 2005), a arte é:

O sentido mais humilde da palavra é a maneira de fazer qualquer coisa com habilidade. Enquanto trabalho do homem, a arte opõe-se a Natureza. Para certos teóricos da estética, a Arte, criadora de beleza, não é senão uma fonte de prazer desinteressado. Segundo Tolstoi, é antes de tudo um dos meios de que dispõem os homens para comunicar entre eles, para comunicar um sentimento. Do mesmo modo que pela palavra, o homem transmite a outros os seus pensamentos, pela arte transmite as suas emoções (p. 43).

É difícil definir Arte. Há quem defenda a sua indefinibilidade. Segundo Weitz (1956, citado por Mateus, 2008), “[...] o conceito de arte é um conceito aberto e defini-lo é não só prejudicial, porque inibe a criatividade dos artistas, como logicamente impossível”.

Ainda Weitz (1966) afirma que “cada teoria representa um conjunto de critérios exploráveis que servem para nos lembrar o que poderemos ter negligenciado ou para nos fazer ver o que poderemos não ter visto” (p. 55).

O antropólogo Levi-Strauss entende “a arte como um signo ligado ao comportamento social que não poderá ser compreendido independentemente das forças sociais que o originaram” (Rocha, 2001, p. 59).

Por sua vez, Collingwood (1953) apresenta a sua linha de pensamento baseada na noção que “a arte não é um objeto mas, em vez disso, o exercício da imaginação e do carácter consciencioso no pensamento”. A arte, em seu entender, não tem em vista um fim real; mesmo enquanto objeto existe apenas como se fosse “uma melodia na cabeça do compositor” (Rocha, 2001, p. 67).

Carroll (2010) diz:

Há quem defenda que em todas as sociedades humanas, se encontram indícios de atividade artística. A finalidade da filosofia analítica da arte é explorar os conceitos que tornam possível criar arte e pensar sobre ela. Entre estes conceitos conta-se com o próprio conceito de arte, os conceitos de representação, de expressão, de forma artística e o de estética (p. 18).

Outros autores, como Sousa (2003) considera:

O que é e o que não é Arte? Porque existe Arte? Quais são os seus fins? Quais as suas origens? Qual o seu valor? Há Arte ou Artes? Estas e outras interrogações tem o homem feito a si próprio ao longo dos séculos, sem contudo ter conseguido encontrar uma resposta que inteiramente o satisfizesse (pp. 48-49).

«- Para definir Arte, seria preciso definir Vida: o mesmo é dizer que é impossível definir Arte» (Abel Salazar, 1922).

A própria palavra «Arte», também levanta algumas dúvidas quanto ao seu apropriado emprego, como derivação latina do termo «Art», que nos parece segundo o seu conceito romano, ligada à noção de trabalho e produção, mais conectado à «Teckné» grega referente à transformação da matéria do que propriamente à noção de algo distinto da técnica (pp. 49-50).

Como é dado observar, definir arte não reúne uma opinião unânime, o mesmo é dizer que a maior parte dos autores não é consensual numa só definição de arte. Read (1958) afirma que “Muitos homens inteligentes têm tentado responder à pergunta «o que é a arte?», mas nunca satisfazendo toda a gente.

A arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar. Porque a arte não é apenas algo que se encontra nos Museus e galerias de arte, ou em velhas cidades como Florença e Roma. A arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos (p. 28).

Para Gentile, a arte pura é inatual e, por isso, não pode ser apreendida na sua pureza. Isto não significa, porém, que ela não existe, mas somente que não se pode separar, tal como é, e por aquilo que é propriamente, do resto do ato espiritual, em que existe, e em que demonstra toda a sua energia existencial” (in «Filosofia da Arte», 1930, citado por Sousa, 2003).

Deste modo, a Arte não é como se poderia eventualmente por vezes supor, um produto da fantasia, dado que não existe uma fantasia como faculdade distinta do pensamento ou da atividade espiritual. A arte é, para Gentile, um momento de subjetividade pura que se torna objetiva no pensamento e se converte em expressão. A expressão estética é, pois, pensamento, e a Arte não é a expressão de um sentimento, mas o próprio sentimento (p. 52).

Para Read (1956):

– Vimos que estão envolvidos dois princípios fundamentais: um *princípio de forma*, derivado, na minha opinião, do mundo orgânico, e do aspeto objetivo universal de todas as obras de arte; e um princípio de invenção próprio do espírito do homem, e que o impele a criar (e a apreciar a criação) símbolos, fantasias, mitos, que se tornam uma existência objetiva universalmente válida em virtude do princípio da forma. A forma é uma função da *percepção*; a originalidade é uma função da *invenção*. Estas duas atividades mentais esgotam, no seu intercâmbio dialético, todos os aspetos psíquicos da experiência estética. Mas a arte tem outros aspetos – biológicos e sociais (p. 49).

Para concluir e segundo Vale (2011), “[...] E a arte pode colocar cada um mais próximo da sua experiência mais íntima. Permite, assim, olhar para dentro. Por outro lado, a arte permite dar uma atenção nova ao mundo. Abre portas e outros pontos de vista. Permite, assim, olhar para fora e conhecer mais” (p. 44).

Se a arte, como conceito, suscita tantas dúvidas, a verdade é que tem sido tão presente na história da humanidade e permanente em todas as sociedades que temos que a entender como uma forma de revelação humana eminentemente pessoal. É uma necessidade de comunicação que anima, quer o artista quer quem da obra de arte usufrui.

1.1. Arte na infância

A criança é um ser dotado de sensibilidade, é um ser afetivo, sensorial e lúdico. Durante o período de crescimento, a criança vai definindo diversas relações com o mundo que a rodeia, relação com o tempo e com o espaço, com formas e diversos seres, o real e o imaginário entrecruzam-se e envolvem-se.

Nestas fases de crescimento é determinante proporcionar à criança vivências para um bom desenvolvimento da inteligência sensorial e motora. Estas vivências devem permitir que a imaginação criadora se vá desenvolvendo. O papel da arte na infância prende-se de forma essencial, com este desenvolvimento que se quer harmonioso.

Na opinião do autor Santos (2008), nas experiências/vivências que as expressões artísticas proporcionam às crianças, apura-se a sensibilidade e a afetividade, ao mesmo tempo que há um contributo para um melhor aproveitamento noutras matérias escolares.

Compete depois ao adulto proporcionar um ambiente favorável para que a criança se sinta livre na forma de se exprimir, “através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada

um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações (Gonçalves, 1991, p. 12).

Diversos autores defendem a importância do «jogo» na formação da criança e, encontram nele, formas que favorecem a expressividade. Ao jogar a criança desenvolve naturalmente e de forma simples “expressões emocionais e corporais, cada vez mais elaboradas e precisas” (Sousa, 2003, p. 197). Para se entender melhor o significado de jogo na infância, para Charlotte Bühler, citada por Arquimedes da Silva Santos (1999, p. 50), “existem três formas básicas de jogo: o jogo de função, ou seja de experimentação sensório-motora; o jogo de representação, ou seja, as ações dramáticas; e o jogo de construção, ou seja, a formação de figuras por composição ou deformação de materiais.” Segundo Santos (1999):

O jogo e a arte têm sido muitas vezes mencionados e tratadas conjuntamente; de facto encontram-se estreitamente relacionados, dado que pela objetivação de vivências imaginativas trazem um mundo novo de factos e acontecimentos ao mundo existente e em vigor. Mas, no 1.º como no segundo caso, o modo e o significado da objetivação são completamente diferentes (p. 54).

Em suma, as atividades lúdicas e de expressão plástica, corporal, vocal, musical e dramática, favorecem a descoberta do eu e do mundo em que a criança se integra, num relacionamento entre jogo, arte e educação.

2. Conceito de Educação

Segundo o dicionário de Psicologia de Roland Doron e Françoise Parot (1991/2001) educação é:

Uma dessas palavras de que toda a gente crê conhecer bem o sentido, na condição de não ter de o definir. Efetivamente, a ideia de educação revela-se triplamente resistente a uma apreensão conceptual. Antes de ser uma noção, a educação designa uma experiência, um desafio, uma aposta: uma experiência intersubjetiva, um desafio moral e político, uma aposta na concorrência entre as ciências humanas (p. 259).

Já para Boavida e Amado (obra a que este texto é devedor, 2008), na obra Ciências da Educação, Epistemologia, Identidade e Perspetivas, dão-nos o conceito antropológico de educação: “[...] a educação é uma realidade complexa de práticas e de processos, objetivos e subjetivos mediante os quais o educando se transforma – a criança e o jovem em adulto, o adulto num ser mais completo e “melhor” – em ordem a um desenvolvimento que se pretenda integral” (p. 155).

“Ela é, pois, um meio ao serviço da transitividade da vida do educando” (Santos, 1973, p. 488).

Trata-se de um processo muito variado, os indivíduos e nas situações sócio-históricas que o sustentam; goza por isso, das características gerais “da complexidade

da instabilidade e da indefinibilidade que caracterizam o humano (Santos, 1973, p. 489)”.

[...] Algumas características comuns a todo o fenómeno educativo:

- Em 1.º lugar, não há uma Educação do abstrato: o que de facto há, sempre, é uma história pessoal, é um processo individual, de transformação do indivíduo em pessoa, resultante de motivações intrínsecas e da ação direta e indireta dos outros [...].
- Por outro lado, é um processo constitutivo “e não uma superestrutura, algo que se acresce como um complemento [...]”, porque o ser humano é uma “natureza aberta”, descentrada e, portanto não programada.
- Podemos identificar a Educação com a humanização, e esta como um processo de apropriação, pelo educando, da cultura em que está inserido. O que significa que ele se vai apropriando de objetos, de práticas, de ideias, de valores, de sensibilidades e de interpretações que integrem em estruturas e esquemas sociais psicoafectivos e racionais – imaginando portanto, sequencialmente e por sucessivas aquisições (herança socio-genética), a sua subjetividade (p. 156).
- O homem pode ser muita coisa, não só por razões psicoafectivas e intelectuais, por razões de carácter pessoal mas também por razões de natureza cultural e social. De algum modo, cada ser humano é o conjunto daquilo que os homens produziram ao longo da história.

[...] Na realidade, o ser humano é um “ser potencial” que fica sempre aquém daquilo que podia ser ou fazer, numa espécie de *carência essencial* “defetibilidade”, que o fez ansiar pelo passo seguinte (perfectibilidade). Por outro lado, todo o humano é sempre um certo tipo e modo de ser humano (determinado por fatores individuais/pessoais e sócio/históricos), o que significa que ninguém se pode apropriar do conjunto do humano e, muito menos, refletir o conjunto do humano produzido em todos os tempos e lugares (plasticidade).

- A Educação, “ao concretizar-se em cada indivíduo, tem pela frente fatores particulares e em condições que só reduzidamente controlamos, sendo os resultados só em parte previsíveis, isto é, sempre aquém ou para além do previsto (Boavida, 2002, p. 74)”. Toda a Educação traz, pois, a marca do tempo e do lugar em que se produz. Concretiza-se em diversos contextos espaciais, sociais e históricos e, em grande medida, reproduz as determinantes desses contextos. A este propósito, Rodriguez (2003) chama a atenção para a importância do “território” como determinante da educação e, portanto, como “variável orientadora do processo educativo, como epicentro em que deve apoiar-se a construção da identidade das pessoas” (p. 158).

- Se o processo educativo nunca é total, porque nunca pode sê-lo, também nunca está acabado:

É o conjunto de práticas e atitudes diversificadas, muitas vezes imprevisíveis, fruto das mais variadas situações, um processo contínuo que acompanha as vidas, com progressos e retrocessos, com altos e baixos, por vezes aproximando-se outras afastando-se de uma linha de rumo predominante, umas vezes apontando a um fim outras perdendo-o de vista, mas sempre dentro de um enquadramento cultural também sujeito a oscilações idênticas e no seio de uma infindável teia de interações (p. 158 e 159).

Rodriguez (2003) sistematiza:

[...] A realidade educativa é, pois, algo desassociado, rico e complexo, que transcende muito o meio escolar e a sua problemática específica, com modalidades e formas concretas, antes e depois desse período restrito de formação, e que se manifesta de uma maneira evidente, e sempre, e todas as culturas desde os primórdios da humanidade, como é o caso da educação familiar e de muitas outras formas de educação informal (pp. 158-160).

Outros autores, como Read (1956), define educação:

[...] como sendo o apoio do desenvolvimento, mas à parte a maturação física, o desenvolvimento apenas se manifesta na expressão – signos e símbolos audíveis e visíveis. A educação pode por isso ser definida como o cultivo de modos de expressão – consiste em ensinar as alunos e os adultos a produzir sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios. Um homem que consegue fazer bem estas coisas é um homem bem-educado. Se pode produzir bons sons, é um bom orador, um bom músico, um bom poeta; se pode produzir boas imagens, é um bom pintor ou escultor; se pode produzir bons movimentos, é um bom dançarino ou trabalhador; se pode produzir boas ferramentas ou utensílios, é um bom artífice. Todas as faculdades, de pensamento, lógica, memória, sensibilidade e intelecto estão envolvidas nestes processos, e nenhum aspeto da educação está aqui excluído. E todos eles são processos que envolvem a arte, porque a arte não passa da boa produção de sons, imagens, etc. O objetivo da educação é por isso a criação de artistas – de pessoas eficientes nos vários modos de expressão (pp. 24-25).

Sousa (2003) refere que: “o termo «educação» tem resistido a uma definição única e universalmente aceite, existindo atualmente várias perspetivas, concebendo-a cada uma à luz dos seus conceitos teórico-científicos. Entre elas, as perspetivas desenvolvimentistas: “Educação é uma renovação contínua que a criança faz à luz das experiências por que passa (Dewey, 1910)”. Perspetivas personalistas: “Educação como relação dinâmica, recíproca, interação da personalidade do indivíduo com o meio sociocultural em que vive (Mounier, 1962; Faure, 1968; Hoz, 1972)”; e, por fim, perspetivas sistémicas: “Educação como influência exercida sobre o indivíduo (e sua assimilação – acomodação) pelas inter-relações desenvolvidas entre as diferentes redes de interações humanas (mãe, pai, família, amigos, professores, colegas, etc.)” e de interações materiais (TV, meios de informação, livros, currículos, casa, escola, bairro, comunidade, clima, cultura, economia, política, etc.) (Berthalanffy, 1973)” (pp. 41-42).

Bertrand (2001) considera que “a educação é fundamentalmente uma questão de estruturas socioculturais. Deve desempenhar um importante papel na transformação da sociedade e da cultura” (p. 13).

No documento intitulado *Museus e Educação* de 1971, Molly Harrison, no seu texto “*Museus e Educação*”, publicado pela UNESCO, acentua que “a educação deve realizar uma obra mais larga do que o simples enriquecimento da memória ou que uma formação lógica; deve tender ao desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade” (p. 44).

Dar uma definição de educação quer resuma toda a essência da palavra, da atividade educativa e, sobretudo de toda a problemática que envolve, merece um longo e atarefado tratado. Fica a convicção que o valor maior da educação será sempre a pessoa.

2.1. Educar pela Arte

Na educação, a arte forma um cidadão consciente, crítico e participativo, capaz de compreender a realidade em que vive. A ação educativa da arte tem como objetivo a preparação do jovem para a vida plena da cidadania, procurando a formação de pessoas que possam intervir na realidade, podendo ser considerada como um instrumento de transformação social.

Parece oportuno avaliar alguns conceitos apresentados pelo responsável do 1.º livro mais conhecido, precisamente intitulado *Education through Art – Educação da Arte* – do crítico inglês Herbert Read (1956).

Nele, se expõe, o que o autor entende por educação e arte. Assim, para Read, e numa conceção abrangente, a arte seria “o esforço da humanidade para conseguir uma integração com as formas básicas do universo físico e com os ritmos orgânicos da vida. Entretanto, num conceito mais preciso, considera a arte “como boa feitura de sons, imagens, movimentos”, etc. Ao referir-se à educação, pensa que se possa definir como o “cultivo dos modos de expressão”. Donde se infere também que o objetivo da educação é “a criação de artistas, de pessoas eficientes nos diversos modos de expressão” (Santos, 1999, p. 23).

Segundo o Roteiro da Conferência Nacional de Educação Artística, realizada no Porto em 2007:

A educação artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte. [...] Existe hoje em dia uma separação ainda maior entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, que reflete o facto de, nos

ambientes educativos, se atribuir uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos emocionais. Para o Professor António Damásio, esta primazia dada ao desenvolvimento das capacidades cognitivas em detrimento da esfera emocional é um facto que contribui para o declínio do comportamento moral da sociedade moderna. O desenvolvimento emocional faz parte integrante do processo de tomada de decisões e funciona como um vetor de ações e ideias, consolidando a reflexão e o discernimento. Sem um envolvimento emocional, qualquer ação, ideia ou decisão assentaria exclusivamente em bases racionais. Um saudável comportamento moral, que constitui o alicerce sólido do cidadão, exige a participação emocional. O Prof. Damásio sugere que a Educação Artística, ao promover o desenvolvimento emocional pode promover um maior equilíbrio entre o desenvolvimento cognitivo e emocional, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma cultura da paz.

Porcher (1982), na sua obra *Educação artística: Luxo ou Necessidade*, chama a atenção para os estudos levados a cabo na Hungria, “nas escolas Kodaly (escolas com horário musical reforçado, 45 minutos por dia desde o 1.º ano), que os alunos dessas escolas apresentam resultados significativamente superiores aos dos outros alunos no que diz respeito ao cálculo mental, à leitura, à escrita, ao desenho, às atividades que colocam em jogo a memória e a imaginação; e, bem entendido quanto à capacidade pulmonar e ginástica” (p. 30).

Educar pela arte parece então uma forma alternativa a muitas outras formas de educar, reunindo algum consenso, uma vez que as investigações e experiências levadas a cabo resultam de forma positiva. Talvez seja necessária mais investigação e, conseqüentemente mais experiências com todas as formas de expressão artística.

3. Conceito de Land Art

Esta forma de expressão artística enquadra-se na arte conceptual e surgiu como forma de negar um excesso de mercantilismo em que a arte tinha caído na década dos anos 60 do século XX. A Land Art é também conhecida como *Earth Art* (Arte da Terra) ou *Earthwork* (Trabalho com Terra).

A obra de Land Art não se pode vender porque ela é parte intrínseca da natureza, é efémera, se bem que pode ser eternizada pela fotografia, pelo filme e/ou pela escrita.

O Land Artist, para além de trabalhar as suas obras em ambiente natural, e transformar a natureza, também recorre à instalação, podendo a obra aparecer no interior de galerias, mas nunca com o objetivo de ser vendida. Muitas destas instalações quando itinerantes, nunca se exibem da mesma forma como foram apresentadas inicialmente. O Land Artist também vive de projetos experimentais, trabalha técnicas e materiais não-convencionais e cria problemas novos e únicos. Trabalha, muitas vezes, em locais onde nunca esteve e onde não regressa. Há da

parte dos Land Artists a preocupação em entender fenómenos da natureza, como o da luz, das correntes aéreas, da erosão, e do comportamento dos materiais que a natureza oferece. Só assim poderão entrar em simbiose com a paisagem e entender a sua poética. Neste grupo particular há quem tenha preocupações com a ecologia, defendendo um regresso à comunhão com a natureza.

Muitas vezes, a Land Art pode ser confundida com arquitetura paisagística, o que não é correto uma vez que esta não pressupõe deixar atuar a natureza, enquanto que a Land Art é uma intervenção na paisagem que permite que a mesma se renove e que regresse ao seu estado natural/inicial. Há, no entanto, uma forma de ligação da Land Art à arte pública (obras existentes em espaços públicos, que são propriedade de instituições, todo o público usufrui mas ninguém a pode adquirir ou apropriar-se delas, como por exemplo, obras existentes nas estações do metro).

As possibilidades criativas da Land Art são infinitas, uma vez que o tratamento dos quatro elementos permite essa infinitude assim como os materiais oferecidos pela paisagem: as folhas das árvores, as árvores, os gelos, as rochas, as marés, as areias, os desertos, as montanhas, o húmus,

Em Portugal (Vila Nova de Gaia, Parque da Lavandeira), no ano de 2007, realizou-se uma exposição de Land Art que foi considerada a primeira exposição organizada desta corrente artística, no país. Esta reuniu dez artistas plásticos portugueses e dois catalães. Construíram dez instalações que permaneceram de forma definitivamente efémera, à mercê das transformações provocadas pelos elementos na natureza (Guerreiro, 2009).

3.1. Alguns protagonistas nacionais e internacionais

Os artistas aqui referidos foram criteriosamente selecionados, tendo em conta as obras que realizaram em termos de importância e de reconhecimento internacional.

É importante referenciar que muitos dos artistas de Land Art tomaram posições políticas devido aos problemas ecológicos do planeta. Apresentamos, a seguir, a nota bibliográfica de 10 autores.

Walter De Maria – Tal como muitos outros Land Artists, Walter De Maria é escultor. Nasceu em 1935 em Albany. Em 1960 instala-se em Nova Iorque. Em 1966 participa na importante exposição “Estruturas Primárias”, que tinha obras de alguns dos principais artistas da corrente minimalista e concetual. É um dos pioneiros da Land

Art. O seu trabalho é a procura da “extensão da arte ao contexto e à exploração das relações entre a obra e o lugar em que se insere” (Infopédia).

O caráter efêmero é nota dominante na sua obra, a par da degradação da mesma, estes são elementos fundamentais da sua criação artística.

Das suas obras, “O campo de forças” (The Lightning Field, 1977) é a última de grande escala das que realizou. Trata-se de uma instalação de 400 estacas metálicas de 7 metros de altura, uma vez que a região onde está situada é assolada por tempestades, surgem efeitos de luz provocados por raios, tal incita uma constante mudança na paisagem, muito visível durante a noite. Este local, no Novo México, no Norte do planalto do Quemado, tornou-se num local de peregrinação para os fãs de Land Art. Ainda a propósito de “The Lightning Field”, Walter De Maria afirma: “Isolamento é a essência da Land Art” (Lailach, 2007, p. 38) e “a terra não é o lugar do trabalho (obra) mas parte do trabalho” (idem).

Outra das obras de Walter De Maria, datada de 1968, e que se tornou lendária é o “Earth room”, que consiste em 200m² de terra dentro de uma divisão, com um vidro de 56 centímetros a estancá-la e tem uma área de 335m², exibida em Munique. Posteriormente tem uma reedição em Darmstadt em 1974 e depois em Nova Iorque em 1977 e que continua em exposição mantida pela Dia Art Foundation.

Segundo Kastner (2012), trata-se de 100 toneladas de solo, em que De Maria:

Usa o espaço de forma teatral, é o próprio espaço que é mostrado, transformado pela quantidade e natureza do material que contém, assim como o cheiro. A terra traz ao visitante o contato em contexto urbano, com a matéria-prima da natureza e só se pode contemplar através da porta da divisão. É experienciada uma sensação de expulsão, uma vez que não se pode entrar no espaço ocupado pela obra de arte” (p. 109).

À semelhança de outros Land Artist, Walter De Maria também tem trabalhos em que aborda valores históricos e culturais através da simbologia.

Christo & Jeanne-Claude – Christo Vladimirov Javacheff nasceu na Bulgária em 1935. Em 1958 instalou-se em França onde conheceu a sua mulher e companheira de projetos Jeanne-Claude de Gillebon. Muda-se para Nova Iorque em 1964. Os seus primeiros trabalhos são realizados em Paris. Usa materiais como garrafas, caixas, roupas ou plástico, a estes trabalhos chama embrulhos. Tal como Smithson, Christo tem preferência pela grande escala, das obras mais emblemáticas temos “Wrapped Coast”, de 1969, realizada em parceria com Jeanne-Claude, tal como “Valley Curtin” de 1970-72, “Surrounded Island”, 1980-83, “The Umbrellas”, Japão e

Estados Unidos, em 1984-91 e “Wrapped Reichstag”, em Berlim, 1986 e, novamente, em 1995.

Estas obras caracterizam-se pela utilização de enormes quantidades de pano que vão “embrulhar” e marcar a paisagem, resultando em efeitos cénicos de jogos de movimento, luz e cor. Se ao utilizarem o ambiente natural como suporte das suas obras os aproxima das tendências da Land Art, por outro lado, as intervenções em edifícios ou estruturas arquitetónicas nas cidades, cortam com a exclusividade do meio natural. Uma interrogação e preocupação constante destes dois artistas é a definição e conceito do que é natural. Alguns trabalhos de Christo e Jeanne-Claude demoravam anos, pois surgiam problemas técnicos e legais na construção e implementação dos mesmos.

Christo juntou-se ao grupo parisiense KWY (1958-1968), constituído maioritariamente por artistas portugueses (Lourdes Castro, Gonçalo Duarte, Escada, Costa Pinheiro e João Vieira). Este grupo faz parte da corrente “que marca um novo entendimento e uma nova relação entre a arte e a vida” (Bourdon, 2001, p. 12).

Christo não realizou só obras de grande escala, as suas primeiras peças eram objetos embrulhados, “de realismo quotidiano não usados abstratamente para efeitos realistas” (Bourdon, 2001, p. 206).

De acordo com Bourdon (2001):

Christo parece ter encontrado a ideia de embrulhar não por qualquer conceção aproximada de como a sua arte deveria parecer-se, mas sim através do processo mais árduo de tentar fazer escultura a partir de materiais que se encontram no dia-a-dia (p. 207).

A obra de Christo é questionável no que se refere aos problemas ecológicos, pois as quantidades de matéria artificial utilizadas na paisagem podem resultar em matérias poluentes, quilómetros de tecido levam tempo considerável a degradarem-se. A sua obra aproxima-se mais da arte conceptual do que propriamente da Land Art.

Alberto Carneiro – Alberto Carneiro é a referência máxima para a corrente artística da Land Art em Portugal. Nascido em 1937 no concelho da Trofa, iniciou-se profissionalmente na arte religiosa, desenvolvendo várias técnicas escultóricas em torno da madeira, pedra e marfim. Estudou escultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto e na Saint Martin’s School de Londres, onde foi aluno do escultor britânico Caro e de Philip King. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1975 e 1976, ano em que estudou formas e procedimentos estéticos resultantes do amanho da terra.

Ao longo da sua vida fez inúmeras viagens de estudo. Nos anos 90 viajou pela Índia, Nepal, China e Japão, onde aprofundou os seus conhecimentos sobre induísmo, taoísmo, as manifestações tântricas, zen e jardins.

Elabora um “manifesto da arte ecológica (1968-72) e promove a reabilitação das coisas mais simples no significado da comunicação estética” (Instituto Camões).

Está representado em várias cidades do país. Em 1993 projetou uma instalação para a inauguração do Centro Cultural de Belém. Tem várias das suas obras espalhadas pelo mundo, desde a Irlanda, Inglaterra, Coreia do Sul, Santiago do Chile, Espanha, entre outros.

Recebeu diversos prémios, como o Prémio Nacional de Artes Plásticas da Associação Internacional de críticos de Arte em 1985.

É autor e coautor de textos e livros sobre arte e pedagogia.

Alberto Carneiro foi o grande impulsionador da criação do Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso (MIEC), do qual é o diretor artístico nacional.

Como testemunho da linha de pensamento condutora da obra de Carneiro, transcrevem-se as notas para um manifesto de arte ecológica de sua autoria:

Notas para um manifesto de arte ecológica

A arte faz-se para transformar as imagens do quotidiano.

Consciência do atrofamento que os fatores urbanos e culturais exercem sobre a alegria mais profunda do ser, na ausência de uma intimidade com a natureza, a arte ecológica virá repor na memória das sensações estéticas os valores que da terra no homem se definiram e estruturaram na sequência dos tempos.

A arte ecológica será o renascer duma alegria natural no encontro com a natureza renovada e já infinitamente próxima; obra em mutuação na consciência do inconsciente dum tempo distante e outra vez nominada na posse de sensações estéticas futura e naturezamente reversíveis.

A comunicação criadora autentica-se no âmbito do inconsciente, através das memórias mais profundas do ser e que são, afinal, o fulcro das atividades quotidianas.

A arte não está na presença física do bisonte de Altamira, mas sim na posse que ele significa.

A arte ecológica será um regresso à origem das nossas próprias fontes; a reabilitação das coisas mais simples no significado da comunicação estética; não através dum processo de ordem cultural, na aquisição de valores de cateter transitório, mas pela consciência das essencialidades, pela penetração do âmago dos átomos, pela chamada aos contactos com aquele mundo que se define em nós sem os constrangimentos da complexidade social: a relação consciente dos significantes na ordenação duma crítica profunda sobre os significados que virão, depois, como autenticidade de relações com o mundo.

A natureza recriada à nossa imagem e semelhança: nós dentro dela e ela polarizadora dos nossos sentimentos estéticos.

Uma nuvem, uma árvore, uma flor, um punhado de terra situam-se no mesmo plano estético em que nos movemos, são parte integrante do

nosso mundo, são um manancial de sensações vindas de todos os tempos, através duma memória que tem a idade do homem. Não a pedra pelo seu lado externo, pela conversão dos seus valores formais, mas pelas qualidades do seu íntimo, pelo cosmos que está nela e o qual nos é dado possuir na simplicidade em que a coisa vive.

O que nós podemos comunicar ao recriar uma árvore, na necessidade de a possuímos, não serão com certeza os valores que nos ligam a ela na circunstância desse momento, mas sim os lugares onde poderá acontecer a recriação das memórias que todos nós temos de árvores.

Nós não afirmaremos que uma árvore é uma obra de arte. Nós apenas diremos que poderemos tomá-la e transformá-la em obra de arte.

Arte ecológica: árvore na floresta do cimento.

Alberto Carneiro

Dezembro 1968/Fevereiro 1972

Nancy Holt – Nasceu em 1938 em Worcester, Massachusetts. Trabalhou e viveu em Nova Iorque entre 1960 e 1995, quando se muda para Galisteo no Novo México. Nancy Holt fez filmes, vídeos e instalações, bem como obras de escultura, na vertente da arte pública. As suas esculturas focalizam-se primeiramente na percepção, espaço e ecologia, e estão ligadas à tipografia, psicologia e história de cada lugar.

Usando tijolo, pedra de alvenaria, terra e aço, Nancy Holt cria estruturas que, simultaneamente rodeiam e encerram horizontes, enquanto também cria um sentido de espaço alargado através de camadas de aberturas e túneis.

Padrões de luz solar e da luz do luar, alinhamentos das constelações e/ou reflexos na água, são intrínsecos a muitas das esculturas de Nancy Holt. Entre muitos dos seus projetos de arte pública estão os “Sun Tunnels” (1973-76), no deserto do Utah, “Catch Basin” (1982), em Toronto, “Sole Source” (1983), em Dublin. A já referida obra “Sun Tunnels”, para a sua execução, Nancy Holt reuniu uma equipa que era composta por um astro físico, astrónomos, engenheiros, topógrafos e carpinteiros; esta obra levou quatro anos a ser concluída, implicando o uso de maquinaria pesada e para além dos já referidos elementos da equipa, ainda há a acrescentar um engenheiro de som, um operador de câmara de vídeo, um piloto de helicóptero e os empregados de um laboratório de fotografia. As dimensões desta obra: 2,80 metros de diâmetro no exterior; 2,50 metros de diâmetro no interior; 5,50 metros de comprimento e 22 toneladas de peso.

Nancy Holt afirma que “quis trazer o vasto espaço do deserto de volta à escala humana” (Lailach, 2007, p. 58).

Ao contrário de muitos Land Artist que defendem o efémero, Nancy Holt gosta de tentar obras que perdurem e algumas das suas obras, são obras de arte pública.

Robert Smithson – De nacionalidade norte-americana, Robert Smithson nasceu em 1938 e faleceu em 1973, vítima de um desastre de helicóptero no Texas, quando inspecionava o seu último trabalho. Ao contrário de Richard Long, tinha preferência pelas grandes escalas e, é o autor da mais emblemática de todas as obras de Land Art, a “Spiral Jetty”, obra de 1970 realizada na Costa do Great Lake no estado do Utah. As obras de Smithson destinavam-se a ser observadas do ar, a “Spiral Jetty” foi construída com 6783 toneladas de pedras e pedregulhos, terra, cristais de sal, algas e água. Esta obra prova também a preferência de Smithson por formas simbólicas, neste caso com referências a representações de culturas pré-históricas. “Spiral Jetty” foi submersa pelo lago mas ressurgiu posteriormente. Este Land Artist tal como a maioria escolhe sítios remotos, sítios que estavam degradados pela indústria e considerava que “a arte podia ser um recurso mediador entre a ecologia e a indústria” (Lailach, 2007, p. 90).

Igualmente importante foram as suas obras “Spiral Hill” (1971) e “Broken Circle” de 1972.

Dennis Oppenheim – Nasceu em 1938 no estado de Washington, vive e trabalha em Nova Iorque desde 1967. Está entre os pioneiros da Land Art e desde os anos 60 que tenta usar a paisagem como tema.

Em 1969 assumiu diversos projetos, todos eles temporários e de curta duração, em lugares escolhidos nos Estados Unidos e Canadá. Estas obras foram dadas a conhecer através de documentação. Tal como outros artistas desta corrente, também Oppenheim escolhe lugares longínquos e o deserto.

Em 1967 realizou a sua primeira intervenção no território rural de Oakland; realiza um conjunto de trabalhos efémeros e de grande escala. Em 1968 executa a intervenção “Projetos Agrícolas” que aborda o tema dos círculos da natureza e a obra “Annual Rings”, que consistia numa série de círculos concêntricos traçados sobre a neve nas margens de uma ribeira.

Paralelamente ao trabalho realizado na década de 70, Oppenheim desenvolveu algumas manifestações próximas da Body Art, nas quais usa o próprio corpo enquanto suporte para a representação ou enquanto documento da ação das formas naturais.

Dada a efemeridade de todos estes trabalhos, eram registados em fotografia e há a destacar “Forças Paralelas” e “Posição de Leitura”.

A maior parte das intervenções que realizou durante a década de 70 são enquadráveis em princípios conceptualistas que conferem maior importância aos processos mentais do que ao carácter objetual.

A partir de 1986, a obra de Oppenheim adquire caráter irônico, denunciando proximidade com as correntes pós-modernas do Neodadaísmo e da Arte Pop. Utiliza com alguma frequência, materiais orgânicos e usa personagens humanas e animais que fazem referência às culturas populares ou literária (como o rato Mickey).

Na última fase do seu trabalho, na obra “Finger Churches”, de 1994 e “Device to Root to Evil”, de 1996, Oppenheim utiliza maquetes de casas e objetos de grande escala em fibra de vidro, confirmando as suas tendências para a Arte Pop.

Michael Heizer – Nasceu em Berkley, na Califórnia, em 1944, vive e trabalha em Nova Iorque e no Nevada. Começou a sua carreira como escultor, pintor e tipógrafo, no final dos anos 60.

Os seus trabalhos mais importantes são os realizados no deserto do oeste americano. Muitas das suas primeiras obras de Land Art consistiram em remover vastas, mas calculadas, quantidades de terra.

A obra “Double Negative”, executada numa remota zona do deserto do Nevada (1969-70), consiste numa longa vala de 9 metros de largura, 15 metros de profundidade e 457 metros de comprimento, obrigando a que fossem retiradas 244 mil toneladas de rochas. Esta obra pretende transmitir a mensagem de que a importância está no que deixou de existir, o que já não está.

À semelhança de Fulton, Heizer considera que é importante experienciar fisicamente a obra, a documentação exposta nos Museus e galerias deturpa essa experiência.

Para Heizer, a importância da Land Art consiste em tirar completamente o estatuto de comodidade à obra de arte, também manifesta desejo de que a arte se torne como que uma religião.

A obra de Heizer é exemplificativa das preocupações que tem com as propriedades físicas, de densidade, volume, massa e espaço, em tudo o que faz, ou seja, mostra preferência pela grande escala.

Richard Long – Escultor britânico nascido em 1945, tal como muitos outros artistas desta corrente de Land Art, completou os seus estudos na Saint Martin's School of Art entre 1966-1968. Afirma que o seu trabalho tem por fonte a natureza, e que a usa com respeito e liberdade; utiliza os materiais, ideias, movimento e tempo para expressar uma visão completa da sua forma de arte no mundo. Richard Long desenvolveu a sua ideia de escultura na paisagem usando meios muito simples e não convencionais.

Preocupava-se com a pequena escala, ao contrário de alguns dos seus contemporâneos. O seu trabalho caracteriza-se pela simplicidade das transformações operadas. Parte da sua obra resultou de passeios, quer no seu país natal quer pelo mundo, assinalava a suas caminhadas deixando pequenas e simples esculturas no percurso que fazia. A obra “Uma linha no Japão” (1979) é exemplificativa da sua forma de trabalhar. Tal como outros Land Artists “eterniza” as suas obras através da fotografia, que lhe servem de testemunho e as relacionam com o público. A partir dos anos 70, produz instalações permanentes para interiores, continuando a recorrer a materiais naturais.

Relativamente ao seu trabalho, Richard Long afirma (2007):

O meu trabalho é real, não ilusório ou conceptual. É sobre pedras reais, tempo real, ações reais. O meu trabalho não é urbano, nem romântico. É depositário das ideias modernas nos únicos sítios que as podem receber. O mundo natural sustenta o mundo industrial. Uso o mundo como o encontrei (p. 74).

Richard Long representou a Inglaterra na Bienal de Veneza (1976) e, em 1989, ganhou o Turner Prize da Tate Gallery de Londres.

Hamish Fulton – Land Artist, nascido em Londres, em 1946, foi expulso da Academia Real de Arte de Bristol, por ter ideias incomuns acerca da arte. De 1966 a 1968, estudou na Saint Martin's School.

O trabalho de Fulton resulta das suas longas caminhadas; usa a fotografia e a palavra como forma de representar os sentimentos e sensações que lhe advêm dessas longas caminhadas.

O tempo de duração dos seus passeios pode variar de um dia a vários meses. As reações de Hamish Fulton à paisagem dependem da extensão da caminhada e do número de fotografias que tira. O ato de andar ajuda a evocar o estado de espírito e forma de se relacionar com a paisagem. Fulton acredita que há uma grande correlação entre o seu estado de espírito e a sua performance no andar. Quando anda, tenta esvaziar o mais possível a sua mente, para realçar as qualidades meditativas do seu caminhar. Hamish Fulton afirma: “Sou um artista e escolho fazer as minhas obras de arte a partir das experiências reais” (Lailach, 2007, p. 44).

Diz ainda que a obra de arte não pode representar a experiência da caminhada. As influências da natureza devem passar desta para ele e não dele para a natureza. Não faz “arranjos”, assim como não remove, não vende e retoma, não escava, não rasga ou corta com maquinaria pesada qualquer elemento do ambiente natural. Todo o seu trabalho artístico é feito de materiais comercialmente avaliáveis, molduras de madeira e fotografia tradicional.

Não usa objetos naturais encontrados, como ossos de animais e pedras dos rios. De qualquer das formas a diferença entre estes dois métodos é simbólica e não ecológica.

Desde 1980 Fulton mostra o seu trabalho pintando diretamente nas paredes das salas de exposição.

Fulton deixa claro que as diversas experiências visuais e o esforço físico da caminhada não podem ser reproduzidos.

Uma obra de referência de Hamish Fulton é a sua instalação na John Weber Gallery, em Nova Iorque, óleo e vinil pintado na parede a várias dimensões e que se refere “A 21 day coast to coast walking journey... Japan 1996”.

Richard Shilling – Land Artist britânico, nascido em 1973, recebeu influências de Andy Goldsworthy e, atualmente é artista residente no Beacon Country Park no Lancashire.

Richard Shilling fotografa cada escultura que realiza com luz natural, utilizando equipamento simples e vulgar, sem qualquer artifício, daqueles que os programas informáticos permitem. Cada fotografia retrata com precisão a forma como a escultura foi executada, antes de todos os elementos voltarem à natureza, numa tentativa de eternizar o efémero.

Através do seu relacionamento contínuo com a natureza, explora temas sobre a ecologia, tempo e o constante fluxo das estações e, expressa essas ideias através das suas imagens, únicas, de Land Art.

De entre muitas das suas publicações, Richard Shilling publica livros de Land Art para crianças.

4. Arte e Ciência

A intenção em abordar, sumariamente, este tema prende-se com o facto de a Land Art estar associada ao conhecimento de algumas áreas da ciência, não só das ciências da natureza/terra, mas também dos astros – alguns Land Artist exploram a luz do sol e da lua; outros enveredaram por caminhos que lhes exigem conhecimentos de arquitetura, geometria e engenharia, bem como um profundo conhecimento do comportamento dos materiais. Outros adquirem conhecimentos de botânica para criação das suas obras e também de ecologia.

Embora os novos padrões de arte continuem muito enraizados nos conceitos do “artista do Renascimento” e do “quadro pendurado na parede”, a verdade é que há muito que a arte enveredou por caminhos mais ousados onde, as diversas áreas do

saber lhe têm servido para a realização de obras surpreendentes e plenas de criatividade.

Um outro aspeto que aproxima a arte da ciência é o de que, quer artistas quer cientistas, usem a experiência como método de trabalho, logo não dispensarem o mesmo processo para atingir conhecimento, por outro lado, uns e outros precisam de criatividade para desenvolver o seu trabalho, o mesmo acaba por suceder com qualquer um de nós, no desempenho das nossas tarefas.

Como diz Fernandes (2009):

Paradoxalmente, o artista, como nunca antes havia feito, parece trabalhar agora como um cientista, refletindo sobre conceitos e obras anteriores, e usando um público como laboratório no qual testa as suas teorias (por outro lado, o cientista e o artista sempre seguiram processos científicos/criativos muito semelhantes e talvez a arte conceptual tenha apenas alterado a forma como o artista comunica com o público) (p. 26).

O Land Artist observa, procura conhecer a paisagem e formas de a intervencionar. O trabalho do cientista parte sempre da observação de dados, são os factos reais que lhe interessam, como também a artistas de outras correntes.

4.1. Educar para o Ambiente/Natureza

As preocupações com o ambiente fazem parte do dia-a-dia dos cidadãos, o bem-estar depende também dos baixos índices de poluição, da qualidade da água dos rios, de praias limpas, da preservação da floresta. As condições do ambiente fazem parte da problemática da nossa qualidade de vida e, para que o cidadão se envolva e participe nesta problemática, é necessário enquadrar nos currículos escolares a educação ambiental e, para o público que já não se encontra nos bancos das escolas, devem ser promovidas ações institucionais que alertem para a importância de temáticas relacionadas com a conservação da natureza e formas de promover um ambiente de qualidade.

A educação ambiental pode assim ser realizada de forma ativa e/ou de forma passiva. Educar para o ambiente de forma ativa implica intervir no meio, fazer levantamentos, plantar árvores, estudar a fauna e a flora. Educar de forma passiva pressupõe a utilização de materiais como livros, folhetos, a realização de exposições também se enquadra nesta forma de educar para o ambiente, assim como programar percursos pela natureza (parques naturais, reservas protegidas, ...). As atividades de expressão como o cinema, teatro, dança, fotografia, música e artes plásticas desempenham um importante papel no despertar de consciências e sensibilidades para a proteção da natureza, pois qualquer uma destas atividades permite dar asas à

imaginação e à criatividade, são uma oportunidade para “fixar sensações vividas na natureza” (Oliveira, 1989, p. 35).

A vertente da interdisciplinaridade é também útil à educação ambiental. Estabelecer parcerias com as diversas áreas do saber, se se tiver em conta que se fala de uma educação que não passa só por uma forma de conhecimento, trabalhar a interdisciplinaridade permite ter a consciência da forma como tudo é influenciado pelo ambiente e como os diversos aspetos da vida em geral o influenciam.

São inúmeras referências à natureza no cancioneiro popular, nas lendas, nos contos, trabalhar esta área da língua materna utilizando a temática da natureza leva ao conhecimento da literatura quer nacional quer internacional, ao mesmo tempo que se podem cruzar conhecimentos históricos e antropológicos (alterações meio/homem, mudanças na forma da exploração agrícola, ...). Os conhecimentos de química podem ser aplicados através da análise das águas, da qualidade do ar, os de física medindo os decibéis, por exemplo. Conhecer a geografia pela natureza ou a natureza pela geografia, é um outro exercício de interdisciplinaridade muito enriquecedor. As saídas para o ar livre são propícias ao desenvolvimento de uma boa relação com o espaço (educação física e exercícios de orientação utilizando a bússola). A qualidade do ambiente e o poder usufruir de espaços verdes, contribuem para o bem-estar das populações e são assuntos para a área da saúde. Os sons e trabalhar sobre os mesmos, neste caso o canto das aves, os sons da água e o rolar dos seixos, dão contributos à educação musical e são elementos inspiradores para aqueles que se dedicam à problemática do som.

Nas artes plásticas, a natureza/ambiente, foi sempre fonte de inspiração e, desde os materiais à flora e fauna, sempre forneceu aos criativos o que eles necessitam (Soczka, 2005) refere:

As experiências capazes de sensibilizar profunda e permanentemente serão as experiências através das quais se aprende a amar – a presença e o prazer. Estar presente – na floresta, no campo, à beira do mar ou do rio, até num jardim ou espaço verde mas estar presente de uma forma que dê prazer. Estar presente de forma devagar. Devagar sozinho ou com amigos. Estar a ver, a cheirar. Estender-se na terra e sentir o calor ou a humidade dela pelo corpo fora. Encontrar forma nas nuvens; contar e ouvir o que outros encontrem. Ouvir uma abelha, a água a correr. Ficar quieto para deixar aparecer um pássaro. Cantar a alegria, dançar com o vento. Tudo isto vale e vale fazer muitas vezes; Tudo isto contribuiu para o amar, o criar tais laços afetivos (p. 445).

Num mundo de indiferença face a muitos dos problemas ambientais, onde politicamente se estabelecem quotas de poluição, onde há incêndios criminosos com frequência e onde poluir a água raramente é punível, é urgente criar uma disciplina continuada de educação ambiental para que cada indivíduo desenvolva as suas competências nesta área.

4.1.1. Os quatro elementos

O estudo dos quatro elementos permite trabalhos multidisciplinares, as ciências exatas “tocam-se” com as ciências humanas e sociais. As referências científicas e histórico-culturais dos quatro elementos concorrem para a inspiração e criatividade, ao mesmo tempo que são fundamentais para a sobrevivência da humanidade. A poluição, tema pertinente na atualidade, de uma forma ou de outra, está diretamente relacionada com três elementos, terra, água e ar, sendo que o fogo poderá ser um elemento antagônico à sobrevivência dos anteriores e agravar esta.

Os quatro elementos, pela sua constante presença, surgem em expressões idiomáticas como “foi tudo por água abaixo”, “água mole em pedra dura, tanto dá até que fura”, “isso é fogo de palha”, “é só para fogo-de-vista”, “tens de ser terra a terra”, “ter os pés assentes na terra”, “és uma cabeça no ar” e “foi um ar que lhe deu”.

Água

Gasta ou não, a frase, “água fonte de vida”, condensa toda a importância deste elemento. Presentemente a preocupação com a sua escassez ou períodos de excessos ou de chuvas levam os cientistas a fazer constantes alertas, para a necessidade da sua economia, os períodos de secas prolongadas em algumas regiões do globo penalizam inúmeras populações bem como as cheias incontroláveis. É nesta problemática da água como bem essencial e indispensável à existência humana que podemos ir em buscar da sua presença nas diversas disciplinas do conhecimento.

Desde a química, ecologia e biologia, passando pelas regas na agricultura e a sustentabilidade desta, a água está presente; historicamente foi usada desde a antiguidade como força motriz (moinhos de água ou azenhas) e, para o seu transporte a longa distância construíram-se aquedutos, elementos bastante marcantes da paisagem, ainda existentes.

Os oceanos (onde existe a maior percentagem de água do planeta) são fonte de inspiração para a literatura e poesia, pintura, cinema e fotografia, a par da extrema importância dos seus recursos alimentares, energéticos (energia das marés, ...) e, da existência de inúmeras espécies pouco conhecidas ou ainda por conhecer. Os rios e barragens (engenharia hidráulica, ...), toda a fauna e flora dependentes, são elementos da paisagem e ecossistemas que deviam fazer parte do conhecimento de todos em geral, pois só assim há a preocupação em preservar os bens comuns.

A água, nos seus três estados, desafiou e desafia o homem a encontrar soluções nas mais diversificadas áreas como os desportos náuticos e aquáticos, os transportes marítimos, a engenharia das pontes e inclusive o produzir alimentos de forma artificial (aquacultura, ...).

Também inspirou belas obras da música e bailado, como o Lago dos Cisnes; antigas civilizações desenvolveram-se à beira de grandes rios e lagos, onde também se criaram lendas e mitos. Segundo Serrão (2003):

Serpenteia entre vales, brota do solo em frondosas nascentes,
cai das alturas em apetecíveis cascatas ou instala-se nas planícies formando
espelhos que refletem a paisagem circunvizinha.
Refresca-nos a alma e o corpo.
Sacia-nos.
Surge nos gestos diários, de forma tão natural, que só na sua ausência
sentimos o quanto é indispensável.
Gostamos de nela mergulhar ou de lhe descobrir os segredos
na profundidade dos oceanos.
De velejar sobre ela.
De a ver inundar os campos de cultivo conduzida pela mão do homem (p. 4).

Uma outra conotação conferida à água é a do seu simbolismo religioso, está presente em todas as religiões, quase sempre como símbolo de pureza, de forma empírica ou não, talvez o homem sempre soube que foi nela que a vida começou.

Fogo

O fogo, elemento alquímico, libertou o homem da escuridão, do frio, auxiliou na transformação dos alimentos e afugentou as feras. Tal como a água é também um elemento carregado de simbolismo, em algumas religiões, tem funções diabólicas e divinatórias.

O fogo é fonte de calor, de luz e de energia, tem como elemento de referência o sol, estrela sem a qual a vida na terra seria impossível. O fogo tem também poderes destruidores que, passado esse efeito (queimadas), a prosperidade se adivinha nas sementeiras.

A natureza do fogo despertou a curiosidade de filósofos e cientistas durante o século XVII e XVIII. Os processos de combustão, a energia libertada, a transformação das matérias-primas eram motivo de surpresa e, consequentemente, do surgir de superstições.

A física e a química são as áreas do conhecimento que se ocupam do fenómeno do fogo. Os incêndios que resultam em catástrofe obrigam ao estudo do fenómeno da combustão e, também este obrigou o homem a soluções inovadoras e de engenharia.

Ao contrário do elemento água, o fogo necessita de um conjunto de fatores para o seu surgimento, nomeadamente a existência de oxigénio.

Terra

A terra, único elemento cujo peso, tamanho e forma está definido, logo associada ao concreto e ao palpável. A terra é o elemento sólido e contém todos os outros elementos. Terra é vida/criação, alimento, e símbolo de riqueza e fertilidade.

Terra, planeta, esferoide de revolução e astro, tudo designações para uma mesma entidade. É à terra que devemos, é a última morada, se há vida é porque há permissão geológica. A terra é mística, pese embora todos os conhecimentos científicos, muitos saberes estão por decodificar. Ela oferece matérias que o homem tentou, em vão, criar em laboratório; ficou-se pelas imitações e falsificações (ouro, por exemplo).

Oferece a paisagem, esse elemento que inspirou e inspira grandes obras, umas na tentativa de a transformar e de a dominar, outras na de eternizar e compreender. Algumas destas obras tornaram-se locais de peregrinação como é o exemplo da obra de Walter De Maria, “The Lightning Field” (1977), na corrente da Land Art e, como exemplo de paisagens eternizadas e universalmente divulgadas, o caso do impressionismo com autores como Van Gogh e Monet (séc. XIX), entre muitos.

A terra provoca sentimentos de cobiça, origina guerras e, apesar de tudo o que possa haver de trágico, ela será sempre fonte de inspiração.

A terra é identidade “A terra Natal”, o regresso às origens, ande o Homem por onde andar, o sentimento de raiz ligado a um lugar está no consciente de todos; podemos mudar de nacionalidade mas nunca de naturalidade porque a terra deixa marcas, é geografia física e humana.

Na vertente religiosa, a terra enquanto mãe natureza está muito presente no paganismo, particularmente nas religiões que prestam e prestavam culto à natureza (religião celta, druidas, tribos ameríndias, africanas, ...).

Ar

Elemento invisível, ao qual a cultura chinesa não faz referência, uma vez que este se encontra presente em todos os outros (os elementos chineses são a terra, o fogo, a água, o metal e a madeira). Apesar de invisível, os seus efeitos fazem-se sentir e manifestam-se de tal modo que, sem ele seria impossível viver e o fenómeno do fogo não ocorria.

O homem inventou os aviões para conquistar uma nova via, a aérea; esta conquista começou com Ícaro que queria voar até próximo do sol. E nestes inventos, o homem chegou até à lua e depois até Marte. Assim, “aprisionar” o ar permitiu ao ser humano mergulhar no fundo dos oceanos; Levou a descobertas de índole romântica

(balão de ar e dirigíveis) e desportos que desafiam a lei da gravidade. Entender os ventos permitiu ao homem formas de navegação, e um novo entendimento do espaço terrestre e interestelar, e tal foi possível pela compreensão do escudo gasoso da terra.

Quando o homem entendeu que uma das composições do ar é a água, inventou uma nova forma de força motriz (máquinas a vapor), que lhe possibilitou inúmeras conquistas. Das mais recentes utilidades do ar, a energia eólica que se limita a aproveitar o movimento deste. O homem continua a inventar construções que apelam à sensibilidade auditiva através da física do ar (órgão do mar, Croácia).

As preocupações atuais com a poluição atmosférica fazem parte da qualidade de vida dos seres vivos e são uma causa de saúde pública.

O ar é um condutor do som, dos odores, permite o voo das aves e inventaram-se instrumentos musicais em que o ar é o componente que possibilita os acordes (estudos de acústica).

As nuvens são manifestações do ar. As suas diversas formas e tamanhos inspiram colecionadores de fotografias deste fenómeno meteorológico. Os caçadores de tornados e tufões procuram conhecer a força e intensidade que uma massa de ar em movimento pode atingir.

Em termos simbólicos, o ar é o “sopro da vida”. Os autores Chevalier e Gheerbrandt (1994, p. 78) defendem que “o ar é o meio próprio da luz, do voo, do perfume, da cor, das vibrações interplanetárias; é a via da comunicação entre a terra e o céu.”

Os ventos são pronúncios de chuvas ou secas, de abundância ou pobreza. Quando o vento Suão sopra, as populações atingidas sentem a sua agrura.

4.2. Criatividade e educação

O conceito de educação exposto atrás torna-se tão complexo como o de criatividade e arte, se bem que esta complexidade lhe advém do facto de para melhor se entender ser necessário pensar em aptidão e inteligência. Um dado adquirido e que reúne consensos é a ligação que a criatividade tem com a originalidade, o novo e inovador.

O indivíduo possuidor de criatividade é capaz de inventar, não se limitando à prática repetitiva, ousa imaginar, pensa “fora da caixa”, ou seja, é dotado de atitude positiva face ao novo e ao inesperado (Doron & Parot, 2001).

Os criativos que entraram para a história, em qualquer área do saber, foram aqueles que inventaram, inovaram e tiveram coragem de quebrar com cânones instituídos. Aceitar mas ao mesmo tempo com espírito crítico e ter capacidade para

transformar e melhorar é, uma das condições de ser criativo, onde a capacidade de interrogar não é dispensável.

De todas as definições encontradas nos dicionários, a propósito de criar e criatividade, as mais interessantes e que melhor refletem a importância desta capacidade, são as que dizem que criatividade é tirar do nada, dar existência, originar, dar de si e educar.

Não deixa de ser curioso que estes verbos estejam associados à criatividade, de tal forma que a tornam algo menos abstrato e só característica de algumas pessoas, como os génios, que para além de criativos também são sonhadores. A criatividade é uma característica que se pode relevar em todos nós numa qualquer circunstância que exija empenho e resolução de problemas.

A criatividade implica ser capaz de metamorfosear, ainda que, por vezes, a solução do problema seja de tal forma simples e evidente que todos consideram ser capazes de o resolver, mas só no fim do mesmo estar solucionado. É do conhecimento geral a parábola do ovo de Colombo.

O mundo das expressões artísticas é pois fértil em criatividade. Para sua própria sobrevivência obriga-se a inovar, ser original e tal como o cientista, o artista busca e dá resposta ao desafio. Dutton (2010) sustenta:

A procura persistente da criatividade mostra-se a ela própria, por exemplo, na relutância de escritores cuidadosos em utilizar a mesma palavra uma segunda vez numa frase, quando há sinónimos disponíveis; os léxicos existem menos por um maior rigor na escrita, mas mais pelo próprio prazer da variedade criativa (p. 95).

Quanto à criatividade na infância, parece ser um dado adquirido que todas as crianças são criativas e, compete ao adulto incentivar para que assim continuem, procurar que a criança não desista perante a dificuldade, evitar críticas “ferozes” ao desempenho das tarefas que levem a criança a desistir em vez de tentar criar alternativas para ultrapassar os obstáculos, dominando e contornando os problemas. Independentemente das obrigatoriedades dos programas escolares, que exigem às crianças um determinado número de aprendizagens e aquisição de conhecimentos, estes podem ser realizados de forma criativa, como se de um jogo se tratasse, criando uma apetência pela descoberta e pelo mistério o que se traduz mais tarde num gosto pela investigação.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1. Investigação qualitativa

No presente trabalho a metodologia utilizada foi de índole qualitativa. A investigação qualitativa (aplicada às ciências humanas e sociais é um método recente no campo das ciências da educação). Coloca problemas de várias ordens ao mesmo tempo que procura caminhos que a tornem uma metodologia segura, como refere Lessard, Goyette & Boutin (2010) “ [...] é do domínio da formulação dos critérios de cientificidade. Estes critérios (objetividade, fidelidade e validade) incidem sobre todos os aspetos de investigação” (pp. 19-20).

Bogdan & Biklen (1994), defendem que:

Utilizamos investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico (p. 16).

Ainda estes autores consideram que há categorias da investigação qualitativa, a investigação de campo e a investigação naturalista:

Em educação a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista porque o investigador frequenta locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc. (p. 17).

Bogdan & Biklen (1994) caracterizam a investigação qualitativa segundo cinco itens: 1 – Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural constituindo o investigador o instrumento principal. 2 – A investigação qualitativa é descritiva. 3 – Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou pelos produtos. 4 – Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. 5 – O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (pp. 47-50).

O presente relatório enquadra-se numa abordagem qualitativa por utilizar 3 das referidas características, nomeadamente o ponto um, dois e cinco.

Durante o percurso deste trabalho procurou seguir-se o proposto por Bruyne *et al.* (citado em Lessard, Goyette & Boutin (2010) “uma categorização das técnicas utilizadas nas ciências sociais, agrupando-as em três grandes tipos: os inquéritos, por meio de entrevista (inquérito oral) ou por meio de um questionário (inquérito escrito); as observações, direta (sistemática) ou participante; e as análises documentais” (p. 25).

No que concerne aos papéis desempenhados pelos investigadores, Stake (2009) afirma que “de todos os papéis, o papel de intérprete e coletor de interpretação é fundamental. A maioria dos investigadores qualitativos contemporâneos alimenta a crença de que o conhecimento é construído em vez de descoberto. O mundo que conhecemos é uma construção particularmente humana” (p. 115).

Neste trabalho, o papel de observador e entrevistador, intérprete e organizador de interpretações, está presente.

2.2. Opções metodológicas

Participaram neste estudo, os alunos do 3.º e 4.º ano do 1.º Ciclo, seus pais e professores, para recolha dos dados pretendidos. Os resultados obtidos com base nos instrumentos de análise contribuíram para compreender a dinâmica deste projeto, a riqueza do processo e as percepções que os diferentes autores tiveram sobre o impacto do projeto de Land Art.

Analisaram-se os inquéritos por questionário, dos quais se elaboraram figuras estatísticas, depois interpretadas e descritas. O mesmo procedimento foi adotado para os inquéritos dos pais, e para as professoras procedeu-se à análise documental dos inquéritos. No caso da entrevista semiestruturada à diretora, a mesma foi transcrita e analisada em termos de conteúdo.

Do diário de campo foram recolhidos os dados mais exemplificativos dos trabalhos realizados e, que demonstraram os objetivos pretendidos. Fez-se uma análise de conteúdo aos diários de Land Art, foram feitos registos fotográficos e classificados consoante o empenho do aluno.

Relativamente à recolha de dados a partir dos diários de Land Art, foi elaborado um texto de análise documental.

Definidos os grupos de trabalho, calendarizaram-se as atividades a desenvolver e as metodologias para a recolha de resultados. Decidiu-se que se faria o descritivo de cada ação em contexto de sala de aula e fora desta. Consoante a calendarização das atividades, foram realizados inquéritos por questionário em três momentos, aos alunos (inicial, intermédio e final), um só inquérito aos pais, no fim dos trabalhos, tal como às professoras dos grupos em questão.

A escolha da técnica adotada dependeu dos objetivos a atingir, que passam pela tentativa de demonstrar que, através de uma forma de arte se interiorizam aprendizagens; se experienciam novas situações, melhoram-se e desenvolvem-se capacidades, quer motoras quer cognitivas; os alunos têm possibilidade de utilizar a

experiência como forma de aprendizagem e, no caso da Land Art, a liberdade de se expressarem, através de materiais muito diversificados.

Como atrás exposto, trata-se de uma investigação qualitativa, que pretendeu analisar os comportamentos adotados pelos intervenientes na ação, assim como os seus valores e atitudes, não existindo preocupação com a amostra, nem com a generalização de resultados. A investigação foi descritiva, a partir de documentos, como os já referidos inquéritos por questionário, a entrevista semiestruturada, a observação direta e documentos produzidos.

Tomou-se como objetivo que os implicados participassem na melhoria das práticas mediante mudanças e aprendizagens que lhes eram sugeridas nos contextos já referidos que se vêm a repetir ciclicamente: - ação, observação, planificação, reflexão; - ação,

Conforme exigem as regras, foi uma investigação-ação participativa e colaborativa, pois implicou intervenção de todos os alunos, professores, pais e estagiária do mestrado no processo, tendo-se adotado as seguintes fases para concretização do mesmo.

- Apontou-se uma hipótese;
- Construiu-se e propôs-se um plano de ação;
- Refletiu-se e interpretou-se e,
- Integrou-se.

2.2.1. Métodos e instrumentos adotados

Optou-se por uma fonte de pesquisa através de dados primários que a estagiária do mestrado obteve diretamente através da conceção e aplicação dos inquéritos por questionário, planeamento e condução da entrevista semiestruturada (presencial), nos estudos baseados na observação direta e análise documental.

Para a recolha de dados, optou-se pela pequena parcela representativa (amostra) e não por uma população, uma vez que tal seria impraticável dadas as condicionantes de tempo, custos e área geográfica a abranger.

Inquérito por questionário

Foram aplicados inquéritos por questionário aos alunos do 3.º e 4.º anos em três momentos, o inquérito inicial, o inquérito intermédio e o inquérito final. A estrutura destes inquéritos, foi concebida a partir da observação no terreno e, da necessidade

de dar, ou não, continuidade à estrutura dos trabalhos programados e/ou à alteração das estratégias. Os inquéritos foram em primeiro lugar apresentados às professoras e dois alunos de cada grupo (selecionados aleatoriamente), para se averiguar a facilidade de preenchimento e sua validade. Os mesmos foram preenchidos na presença de cada uma das professoras e da estagiária.

Aos pais dos alunos, foi feito um inquérito no final do estágio, bem como às professoras. Estes inquéritos tiveram como objetivo avaliar o impacto e resultado do trabalho desenvolvido ao longo do estágio. Os inquéritos aos pais e professores foram elaborados pela estagiária e posteriormente validados.

Entrevista semiestruturada presencial

As entrevistas constituem uma estratégia para recolha de dados a par de outras. A propósito, os autores Bogdan & Biklen (1994) afirmam que “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p. 134).

A entrevista semiestruturada foi feita presencialmente à diretora do Jardim Escola, e, teve por objetivo dar a conhecer a sua opinião sobre o projeto e valor do mesmo. Lessard, Goyette & Boutin (2010) referem que “os fatos sociais não são «coisas», mas sim interpretações criadas pelos seres humanos relativamente às coisas, aos outros seres humanos e às relações entre estes últimos” (p. 46).

Análise de documentos

Stake (2009) diz que:

A maioria dos investigadores de campo guarda recortes de histórias de jornais, codificando-os, ou guardando-os em ficheiros para fácil acesso. Ao mostrar interesse por vários documentos o investigador põe um conjunto de atores e colegas de olho alerta para documentos potencialmente úteis (p. 85).

No decurso das sessões com os grupos, a estagiária elaborou um diário de campo, os alunos produziram trabalhos de expressão plástica, e um caderno a que se chamou diário de Land Art, onde registavam as suas recolhas sobre o tema. Estes documentos reunidos foram alvo de apreciação e estudo, servindo assim de suporte ao relatório, uma vez que foram elementos norteadores do trabalho desenvolvido. Estes documentos permitiram saber das preferências dos alunos e graus de satisfação dos mesmos.

A razão pela qual se optou por estes documentos, deveu-se ao facto dos objetivos do estágio passarem por recolher dados que permitissem avaliar da

aquisição ou não, de novos conhecimentos adquiridos pelos alunos, utilizando uma corrente de expressão artística como veículo para essa aquisição.

2.2.2. Caracterização do estudo

O trabalho caracteriza-se por ser exploratório (estágio) uma vez que estuda um problema de pesquisa pouco conhecido, do qual se tem muitas dúvidas ou não foi abordado antes. Serve à familiarização com situações relativamente desconhecidas. Não constitui um fim em si mesmo, mas determina tendências, ou dá o tom para pesquisas futuras mais elaboradas e rigorosas.

2.2.3. Caracterização social da amostra

Os grupos estudados são alunos na faixa etária dos 8 aos 9 anos e dos 9 aos 11 anos. Estes grupos correspondem respetivamente ao 3.º ano e 4.º ano do 1.º Ciclo do ensino básico.

Na turma do 3.º ano verifica-se que há 9 alunos do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Na turma do 4.º ano são 13 alunos do sexo masculino e 9 alunos do feminino.

A maior parte dos alunos reside na cidade de Castelo Branco, sendo que na turma do 4.º ano, quatro alunos vivem nos arredores e no 3.º ano, apenas uma criança vive fora do perímetro urbano.

O transporte utilizado pelos alunos para irem para a escola, é a viatura dos pais, uma minoria utiliza o transporte da escola.

Quanto à preferência das áreas curriculares, os alunos do 3.º ano mostram preferência por educação plástica; educação física e estudo do meio. Quanto aos alunos do 4.º ano as preferências são a história; matemática e língua portuguesa.

No 3.º ano, as áreas curriculares que os alunos menos preferem são o inglês; a língua portuguesa e a matemática. Enquanto que no 4.º ano as áreas curriculares menos preferidas são proporcionais às preferidas, cerca de metade da turma gosta de matemática e língua portuguesa e a outra metade não gosta. Ainda em relação ao 4.º ano quatro alunos disseram não gostar de educação musical.

No que respeita às motivações e interesses dos alunos dentro da sala de aula, no 3.º ano há preferência por brincar com jogos, pintar e escrever. O 4.º ano prefere brincar com jogos, escrever e desenhar.

Nos tempos livres o 3.º ano mostra preferência por ver televisão, brincar com os amigos, ouvir musica e desenhar. O 4.º ano prefere brincar com os amigos, desenhar e ler.

Quando se pergunta aos alunos o que gostariam de ser, no 3.º ano a maior preferência vai para a profissão de professor, segue-se a de veterinário e piloto. Nas expressões artísticas há um aluno que quer ser pintor.

No 4.º ano a preferência vai para a profissão de futebolista e polícia, sendo que um aluno gostaria de ser fotógrafo, outro arquiteto, uma escritora e um designer de automóveis.

A formação académica dos pais dos alunos do 3.º ano vai desde o segundo Ciclo ao ensino superior. A maioria das mães tem ensino superior ou ensino secundário. Os pais têm maioritariamente o 3.º Ciclo e alguns o ensino superior. Estes dados revelam que as habilitações literárias dos encarregados de educação estão acima da atual escolaridade mínima obrigatória.

A formação académica dos pais dos alunos do 4.º ano, quer mãe quer pai, é de nível superior.

Nas atividades extra curriculares o leque de opções é alargado, embora no que se refere às expressões artísticas há pouca frequência. No 3.º ano duas alunas frequentam o conservatório e no 4.º ano apenas uma. Ainda no 3.º ano há uma criança que frequenta o rancho folclórico, duas praticam dança hip-pop e outras duas ballet.

No 4.º ano as atividades são todas na área das modalidades desportivas à exceção do já referido aluno que frequenta o conservatório¹.

2.2.4. Caracterização das instituições e outros espaços

O trabalho de estágio sobre o tema Land Art desenvolveu-se em quatro espaços: no Jardim Escola que os dois grupos implicados frequentam, nomeadamente nas salas de aula, no pátio do recreio, no espaço ao ar livre (denominado quinta) que envolve o edifício e na pequena área florestada do Museu.

Jardim Escola

A instituição Jardim Escola situa-se na cidade de Castelo Branco e abriu ao público em Setembro de 1934, embora oficialmente só foi inaugurada em Maio de 1936.

¹ Estes dados foram cedidos pelas professoras dos dois grupos e constam do dossiê da turma.

Localiza-se na parte antiga da cidade, a escassos metros do Museu, do Convento da Graça (atual Santa Casa da Misericórdia), do Parque da Cidade e do Jardim do Paço.

A escola do 1.º Ciclo foi inaugurada no ano letivo de 1991/1992.

O Jardim Escola, sendo uma instituição particular de solidariedade social, não pertence a nenhum território educativo de intervenção prioritária, mas inclui no seu horário de funcionamento atividades de tempos livres.

A abertura faz-se às 8:00 horas e o encerramento às 19:00 horas, e funciona de segunda a sexta-feira, para que se possa dar maior apoio às famílias dos alunos.

A população total da escola é de 225 alunos, distribuídos por três turmas de creche, três turmas da secção infantil e quatro turmas do 1.º Ciclo.

O corpo docente do Jardim Escola é constituído por sete educadoras na secção infantil e quatro professoras no 1.º Ciclo. Existem, também, docentes a tempo parcial que lecionam as áreas de inglês, expressão e educação musical e expressão e educação físico-motora, informática, tanto à secção infantil como ao 1.º Ciclo.

O corpo docente é estável de forma a contribuir para uma melhor relação pedagógica.

O corpo não docente, habitualmente é composto por um motorista, duas ajudantes de ação educativa, uma cozinheira e seis auxiliares de serviço geral, que apoiam ambas as valências.

O projeto educativo deste Jardim Escola tem como finalidade desenvolver e consciencializar para a globalização e cidadania multicultural.

Os principais objetivos são:

- Promover as relações intrapessoais e interpessoais entre o Jardim Escola, a comunidade educativa e a sociedade;
- Desenvolver e promover os princípios da solidariedade, amizade, tolerância e respeito pelo “outro”, aceitar a diferença, saber partilhar, saber preservar o ambiente e o material escolar, envolver toda a comunidade educativa, trabalhar para a paz;
- Aumentar a tolerância face às diferenças;
- Promover o clima de harmonia, coerência e sinceridade entre as docentes e auxiliares;
- Incentivar a participação dos encarregados de educação no processo educativo dos seus educandos, não permitir a desresponsabilização;
- Incentivar parcerias entre o Jardim Escola com outras instituições contribuindo para a promoção do sucesso escolar dos utentes (alunos).

As salas do Jardim Escola são convencionais, estando o mobiliário escolar e o espaço bem preservado, recebendo luz natural adequada.

O pátio do recreio é acimentado e com uma área de diversão com escorrega e outras diversões. Tem sete plátanos que proporcionam contacto com a natureza. Para lá do gradeamento existe um espaço a que chamam “quinta” (por ter sido outrora uma quinta) que tem algumas árvores e vegetação diversa. Este espaço é visitado, nos períodos em que as condições atmosféricas o permitem, por todos os alunos dos vários níveis escolares do Jardim Escola.

Museu

O Museu depende dum instituto público, tem como objetivos a preservação e divulgação de bens culturais de carácter museológico. De entre algumas das suas valências, possui um serviço educativo que mantém proximidade com as instituições escolares.

Tem incorporado no circuito permanente a oficina escola de bordados regionais e uma biblioteca aberta ao público.

É uma instituição centenária, inaugurada a 17 de Abril de 1910. Por diversas vezes mudou de edifício, depois de obras no antigo paço episcopal da cidade em 1971, ficou definido o espaço que ocupa até ao presente.

Atualmente tem no quadro de pessoal 14 pessoas, distribuídas pelo serviço de vigilância (quatro funcionários), pelo serviço de receção (um funcionário), pelo serviço administrativo (dois funcionários), pela escola oficina de bordados regionais (três funcionários), pelo serviço educativo (um funcionário), pelo serviço de biblioteca (um funcionário), pelos serviços de museografia (um funcionário) e pela direção (um funcionário).

O edifício possui um espaço envolvente que permite a realização de atividades ao ar livre, existindo uma área com árvores e arbustos, nomeadamente cedros, loureiros, figueiras, romãzeiras e buxos.

No capítulo 3, apresentam-se os dados oriundos do estágio, com a narrativa dos ateliês realizados, os resultados dos inquéritos por questionário aos alunos, pais e professores.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Este capítulo está estruturado segundo seis pontos que analisam e apresentam os resultados. O primeiro, que diz respeito à narrativa dos ateliês desenvolvidos com os grupos em estudo; o segundo apresenta os dados recolhidos através do inquérito por questionário; segue-se a análise dos diários de Land Art executados pelos alunos; a apresentação dos dados recolhidos através do inquérito por questionário; a apresentação dos dados recolhidos através da entrevista semiestruturada à diretora e para finalizar o capítulo, o ponto seis trata da confirmação dos objetivos.

3.1. Planificação da ação/Narrativa dos ateliês

O trabalho desenvolveu-se ao longo de trinta e sete sessões distribuídas pelo 3.º e 4.º ano, tendo o 3.º ano beneficiado de mais uma sessão porque houve necessidade de terminar trabalhos que o 4.º ano conseguiu numa única sessão. As atividades tiveram início a 27 de Outubro de 2010 e terminaram a 24 de Junho de 2011.

Inicialmente houve a tentativa de fazer corresponder sessões teóricas a sessões práticas, tal nem sempre foi conseguido, umas vezes porque os alunos não traziam a autorização de saída assinada, outras porque as condições atmosféricas não permitiam e outras ainda porque era necessário continuar o diálogo iniciado anteriormente, sendo o contexto em sala de aula mais propício para que todos intervissem no mesmo.

As sessões teóricas trataram de temas relacionados com a natureza; houve a preocupação de trabalhar os quatro elementos do ponto de vista das ciências da natureza (neste caso da área designada estudo do meio), explorar a temática do ponto de vista das influências na paisagem, na forma como a transformam e também levar os alunos a pensar como a nossa existência está dependente dos quatro elementos (vertente da educação ambiental). O artista plástico Arcimboldo foi apresentado como exemplo do tratamento, em pintura, dos quatro elementos.

Os ateliês foram pensados no sentido de proporcionar maior número de experiências de expressão plástica aos alunos do 3.º e 4.º ano de uma escola do 1.º Ciclo. A corrente artística escolhida para as respetivas experiências foi a Land Art.

Com o texto que se segue, pretende-se dar a conhecer o desenvolvimento das sessões de trabalho com os alunos. As atividades desenvolveram-se em quatro espaços: sala de aula, pátio do recreio do Jardim Escola, “quinta” e espaço exterior do Museu conhecido como “o cantinho da natureza”.



Figura 1 – O cantinho da natureza

Tendo em conta a temática abordada, não se justificou nenhuma atividade no interior do edifício do Museu.

O princípio norteador da realização dos ateliês foi, em todos eles, fazer referência à Land Art e, tentar que os trabalhos propostos “buscassem” elementos da natureza e/ou temáticas diretamente ou indiretamente relacionadas.

Os primeiros ateliês visaram a contextualização do tema no mundo da criatividade, apresentação de obras de Land Art e indicação de pistas que tivessem como temática a natureza. Para que os alunos, e mesmo a mestrande, tivessem consciência do trabalho que se ia realizando, distribuiu-se pelos alunos um caderno a que se chamou diário de Land Art (documento habitualmente usado pelos artistas plásticos para registo de ideias e imagens, como foi explicado ao alunos). O carácter obrigatório da utilização deste caderno era apenas em contexto das sessões semanais, se bem que lhes foi sugerido que o podiam ir completando em casa e no período das férias. De um modo geral, os alunos aderiram entusiasticamente a todas as sessões de trabalho, se bem que os realizados ao ar livre e de expressão plástica receberam melhor aceitação.

As sessões de trabalho iniciaram-se com a temática vulcanologia, forma de abordar os quatro elementos, neste caso específico, o fogo. Os alunos tiveram contacto com uma pedra vulcânica e experienciaram a textura, o peso e teceram considerações sobre a cor; para muitos foi a primeira vez que tiveram contacto com esta matéria.

O tema foi muito do agrado dos alunos, particularmente dos do 4.º ano, onde muitos mostraram conhecimentos sobre o tema; foi necessário deixar o assunto em aberto para se poder falar sobre o elemento água. O 4.º ano conduziu o diálogo para

as questões da poluição e a possibilidade de se ficar sem água (o que alguns acharam ser impossível e nunca vir a acontecer) e, a invasão do planeta por extraterrestres à procura deste bem essencial (alusão à ficção científica). O 3.º ano trabalhou sobre imagens apresentadas e aceitaram a sugestão de se fazer um acróstico com a palavra água.

A primeira sessão de trabalho com materiais da natureza foi realizada no espaço da quinta com o 4.º ano. Resultaram trabalhos de um colorido interessante e alguns alunos optaram por construir um vulcão.



Figura 2 – Processo de construção do vulcão



Figura 3 – Resultado final da construção do vulcão com aproveitamento de medronhos esmagados para imitar a lava incandescente

O 3.º ano trabalhou no espaço ao ar livre existente no Museu, fizeram construções com pedras, terra, paus, ervas e água. Alguns grupos foram rápidos a decidir o que queriam fazer e, acabaram por fazer mais do que uma obra. Este ateliê provocou muito entusiasmo nos alunos, existiu muito diálogo e troca de ideias, o único senão foi a tendência dos mais lentos copiarem os que iniciaram 1.º o trabalho. Houve a oportunidade de corrigir a confusão entre o verbo infiltrar e evaporar, uma vez que quando a água se infiltrava na terra, os alunos diziam que a água se estava a evaporar.



Figura 4 – Construção de uma obra de Land Art utilizando água (3.º ano)



Figura 5 – O tema da obra de Land Art escolhido foi a ilha (3.º ano)



Figura 6 – Inícios dos trabalhos com pedras (4.º ano)



Figura 7 – Trabalho de Land Art realizado com pedras (4.º ano)



Figura 8 – Trabalho de Land Art alusivo às férias da Páscoa, simboliza um ovo (4.º ano)

O elemento fogo foi abordado no 3.º e 4.º anos na perspetiva do incêndio, formas de combustão, triângulo do fogo e formas de o controlar. Os alunos mostraram conhecimentos sobre estes assuntos, uma vez que na matéria de estudo do meio abordaram várias questões relacionadas com o tema.

Referiu-se a importância da descoberta do fogo na história da humanidade, de como o Homem conseguiu dominar melhor a natureza a partir do momento em que aprende a fazer e usar o fogo. O 3.º ano beneficiou da presença de um bombeiro que dinamizou a sessão com a sua experiência.

A propósito da temática surgiu a interrogação sobre o que é o carvão; curiosamente muitos não faziam ideia de como este surge mas, um aluno tinha conhecimentos sobre a sua origem, inclusive a razão pela qual é de cor preta; por outra ocasião, um aluno perguntou se lenhite era carvão uma vez que a cor era castanha e, ficou na dúvida pois pensou ter ouvido mal num programa televisivo, onde ouviu falar sobre o assunto.

No 3.º ano os alunos aprenderam que o fogo também pode ser extinto por abafamento e não só por arrefecimento. Fizeram questão de contar as suas histórias e experiências com o fogo, uma vez que alguns haviam assistido a incêndios e queimadas controladas.

As sessões que se seguiram foram sobre a análise de imagens com paisagens. Todos os alunos foram distribuídos por grupos, interpretaram e fizeram a apresentação dos seus trabalhos. Na turma do 4.º ano, no final de cada apresentação, a plateia bateu sempre palmas.

A sessão de trabalho de 29 de Março de 2011, com o 4.º ano, foi baseada na apresentação das fotografias das obras já realizadas. Concluíram que gostavam de ver os seus trabalhos publicados em alguns livros e a propósito do mesmo escreveriam histórias.

Seguiu-se uma sessão ao ar livre no espaço do Museu para trabalharem só com paus. Há a sublinhar a preocupação dos alunos do 4.º ano em escrever o nome da professora com este material. Um dos grupos construiu uma ponte e testou a resistência da mesma.



Figura 9 – Nome da professora escrito com paus



Figura 10 – Construção de uma ponte com paus

As sessões que se seguiram basearam-se essencialmente em trabalhos de expressão plástica em que o tema a tratar era a “intervenção” na paisagem. A partir de recortes de revistas de paisagens, os alunos faziam alterações como se estivessem a projetar um trabalho de Land Art.



Figura 11 – Trabalho com colagens e intervenção na imagem (4.º ano)



Figura 12 – Intervenção na imagem de paisagem (3.º ano)

Na turma do 4.º ano houve muito divertimento, embora alguns alunos insistissem em recortar carros e outros trabalhassem o espaço sideral o que não deixa de ser paisagem. A turma do 3.º ano aderiu a esta sessão de forma muito entusiasta, informaram que a seguir aos trabalhos ao ar livre, este trabalho tinha sido o mais interessante.

Quer no 3.º ano quer no 4.º ano, foram realizadas sessões onde se apresentou o artista do século XVI Arcimboldo e obras de Land Art e seus autores, para que ficasse mais clara a ideia de Land Art, uma vez que os inquéritos realizados junto dos alunos mostraram existir alguma confusão. Os alunos divertiram-se com as obras de Arcimboldo e foram unânimes no reconhecimento das extraordinárias capacidades de observação e manipulação dos inúmeros elementos naturais que este utilizava.

No dia 17 de Maio de 2011 os alunos da turma do 4.º ano assistiram, no espaço ao ar livre do Museu, à construção de uma obra de Land Art, realizada pelos alunos da Escola Superior de Educação de Castelo Branco do curso de animação cultural do 1.º ano. O objetivo desta sessão era o de concluir até que ponto os mais novos eram capazes de interpretar o trabalho dos mais velhos.

À medida que a obra ia sendo realizada (com materiais trazidos pelos alunos do curso de animação cultural), dois alunos do 4.º ano interpretaram corretamente as intenções que os mais velhos tinham ao quererem evocar os quatro elementos. De referir que os alunos do ensino superior tiveram a preocupação de interagir com os mais novos, dando-lhes pequenas tarefas.



Figura 13 – Materiais que compunham parte da instalação simbolizando o elemento terra



Figura 14 – Grupos intervenientes



Figura 15 – Materiais que compunham parte da instalação simbolizando o elemento água

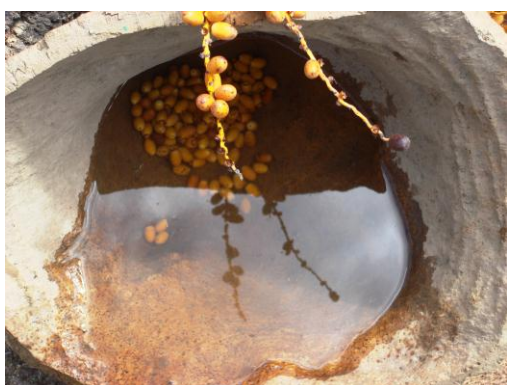


Figura 16 – Materiais usados para simbolizar o elemento água



Figura 17 – Resultado final da instalação com o grupo de adultos intervenientes

Numa das sessões que se seguiram com os alunos do 3.º ano, visitaram no Museu a obra de Land Art “Os quatro elementos”, realizada pelos alunos da Escola Superior de Educação. Questionados sobre o que representavam as construções, as semelhanças que encontraram foi com caminhos e rotundas, alguns até encontraram semelhanças com jogos de computador. Como sobrou muita casca de pinheiro, alguns levaram para casa para fazer um trabalho no caderno de Land Art, mas queixando-se do cheiro que a mesma tinha.

Ainda a propósito do artista Arcimboldo, os alunos do 4.º ano mostraram particular interesse na interpretação das obras sobre as quatro estações e os quatro elementos e, muitos não estavam interessados em ir lanchar.

Seguiu-se a sessão ao ar livre no pátio do recreio no Jardim Escola, os alunos tinham por tarefa refletir sobre os plátanos que estão neste espaço e, escreverem os sentimentos que os mesmos lhe despertavam. Na turma do 4.º ano os alunos foram mais pragmáticos e optaram por uma análise mais científica, construindo o “bilhete de identidade” das árvores, enquanto que os alunos do 3.º ano foram mais poéticos: –

“Vamos ouvir o coração da árvore; – Quando estava debaixo da árvore senti que ela gostava que a abraçássemos; – Achei que a natureza estava feliz por nos interessarmos; e – A nossa árvore tinha escrita.”



Figura 18 – Trabalho de colagem com materiais recolhidos junto dos plátanos (3.º ano)



Figura 19 – Página do caderno de Land Art com o trabalho sobre os plátanos (4.º ano)

Uma das técnicas utilizadas pelos alunos quando ilustraram as reflexões escritas foi a do decalque de folhas e pedaços de cascas, alguns colaram terra e legendaram: “Terra que alimenta a árvore.” Observasse que os alunos do 3.º ano têm o sentido do maravilhoso mais presente que os alunos do 4.º ano.

Seguiram-se as sessões de trabalho com barro. Esta matéria-prima tinha já sido referida quando se abordou o elemento terra, facto de que os alunos se recordavam. Começou por se lhe explicar as diversas técnicas de trabalhar o barro (repuxado, lastra, rolinho ou columbinas, bola e roda de oleiro), seguidamente distribuíram-se pedaços de barro por cada um dos alunos. Na turma do 4.º ano todos foram muito disciplinados e objetivos na execução do projeto. A maior parte da turma nunca tinha mexido em barro, apenas nas pastas de modelar e, exclamaram que o barro era muito fresco. Um dos alunos saiu-se particularmente bem na técnica do repuxado.



Figura 20 – Trabalhos realizados na sessão sobre o barro (3.º e 4.º ano)

Quanto aos trabalhos com os alunos do 3.º ano, os resultados não foram os melhores, muito indisciplinados, à exceção de um pequeno grupo. Por parte da maioria não houve preocupação em concretizar qualquer trabalho, tendo mais interesse em ver o que o colega fazia.

Em todos os trabalhos desenvolvidos que implicaram a produção de obras, foi uma constante a pergunta: – Está bonito?, o que demonstra uma preocupação em agradar. Contrariou-se esse preocupação dizendo que o importante era trabalhar e demonstrar empenho e dedicação.

As últimas quatro sessões foram para devolver os diários de Land Art.

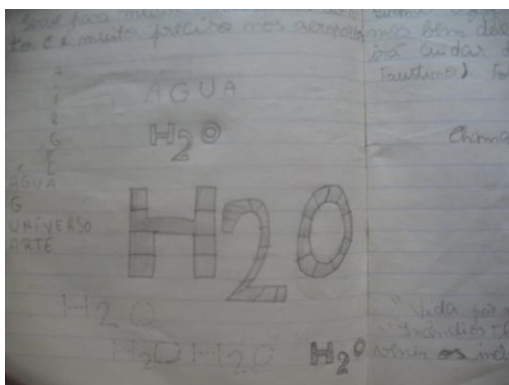
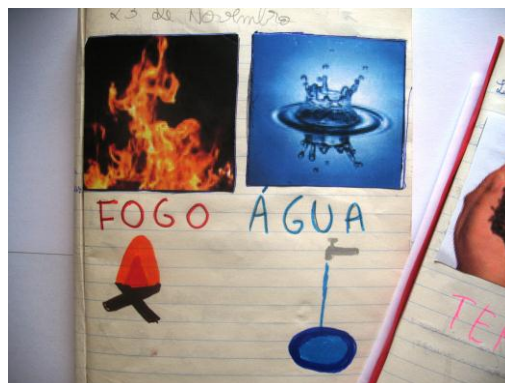


Figura 21 – Trabalhos realizados nos diários de Land Art (3.º e 4.º ano)

Falou-se sobre os cristais e distribuiu-se uma pequena lembrança. No 3.º ano, conjuntamente com a professora, chamou-se a atenção ao grupo que precisava ser mais disciplinado e todos deviam ser mais estudiosos.

Durante as atividades com estes dois grupos, visitámos por duas vezes, exposições temporárias no Museu, uma sobre a colheita da resina, outra de pintura naturalista. Foi mais uma oportunidade para dar aos alunos a conhecer abordagens sobre como interpretar a natureza, uma sobre o ponto de vista da subsistência, outra sobre o ponto de vista da criatividade.

Ainda dentro do plano de trabalho, foram realizadas sessões para momentos de avaliação, por parte dos alunos, como o inquérito inicial, intermédio e final.

3.2. Apresentação dos dados recolhidos através do inquérito por questionário

No âmbito do trabalho de estágio foram realizados inquéritos por questionário, com o objetivo de aferir o impacto causado pelo tema da Land Art. Pretendeu-se também, conhecer a opinião de todos os que direta ou indiretamente, estiveram envolvidos neste processo, os pais, os professores e os alunos do 3.º e 4.º ano do 1.º Ciclo do ensino básico.

Os inquéritos aos alunos do 3.º e 4.º ano foram aplicados em três momentos: inicial, intermédio e final. Os inquéritos foram iguais para os dois grupos.

O inquérito inicial foi feito logo depois de a Land Art ter sido apresentada aos alunos pois, era objetivo vir a saber se tinham apreendido o conceito. Pretendia-se conhecer os alunos quanto à sua identificação, local de residência, relação com o meio ambiente e os seus sentimentos em relação à natureza e à Land Art.

O inquérito intermédio serviu para testar a forma como os alunos interiorizavam o tema da Land Art, como se sentiam quando desenvolviam trabalhos práticos e, nesses trabalhos, quais os preferidos.

O inquérito final foi aplicado quando o estágio estava a terminar e, teve como objetivo, observar até que ponto as sessões realizadas com os alunos os sensibilizaram para a mudança de atitudes em relação à forma como olhavam a natureza e se adquiriram novos conhecimentos.

De referir que o número de alunos inquiridos no 3.º ano foi igual no inquérito inicial e intermédio (20 alunos, total da turma) e no inquérito final foram 19, por uma se ter ausentado antes do início do período de férias de verão. Na turma do 4.º ano o inquérito inicial foi preenchido por 22 alunos (total da turma), no inquérito intermédio responderam 21 alunos e no final 20, neste caso pelos mesmos motivos referidos no 3.º ano.

O inquérito por questionário feito aos pais, perto do final do estágio serviu para verificar até que ponto os alunos abordavam em casa os temas que eram falados nas sessões do estágio e, pediam colaboração, nas diversas atividades. Serviu também para conhecer a opinião dos pais relativamente ao projeto e, se consideravam pertinente e útil trabalhar esta temática. Enquanto os alunos preencheram três inquéritos por questionários, os pais responderam apenas a um perto do final do estágio.

No final do estágio também foram inquiridas as professoras do 3.º e 4.º ano. Quis-se saber até que ponto as professoras encontraram mudanças nos alunos, em áreas como a expressão plástica, capacidade de comunicação, trabalho em equipa, conhecimentos vocabulares e conceitos. Era também objetivo perceber a posição das mesmas face ao projeto, benefícios e pertinência da continuidade do mesmo.

Considerou-se importante conhecer a posição da diretora do Jardim Escola face a projetos de áreas artísticas, neste caso, um de Land Art. Assim, foi realizada uma entrevista semiestruturada de forma a recolher o seu testemunho e, esta entrevista justifica-se pelo facto de ser a diretora quem tem poder decisório para a implementação e desenvolvimento deste tipo de projetos.

3.3. Análise dos diários de Land Art

Apesar de muitos dos alunos terem escrito, feito colagens, desenhado e anotado pesquisas no diário da Land Art, poucos foram sistematizados, não anotaram, na maior parte das vezes, a data, não referiram algumas das atividades, as folhas do diário foram preenchidas de forma intercalada, existindo muitas em branco entre umas quantas usadas. Contudo, como se pode verificar pelas imagens, há bons exemplos de empenho e interesse pelo tema, bem como por outros que foram surgindo nas conversas sobre Land Art, natureza, os quatro elementos e materiais utilizados nos trabalhos de expressão plástica.

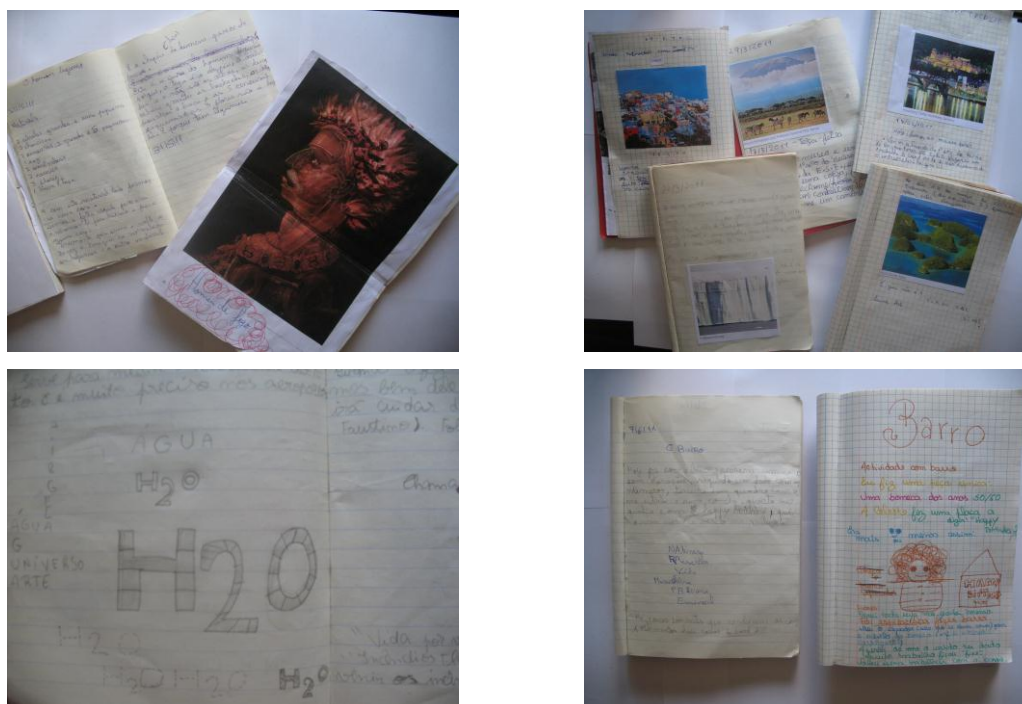


Figura 22 – Exemplos de diários de Land Art (3.º e 4.º ano)

No 4.º ano alguns alunos anotaram opiniões dos colegas e fizeram referência aos trabalhos que os mesmos desenvolveram.

Uma nota comum a alguns alunos é a referência a trabalhos de arte com materiais recicláveis.

Perguntou-se aos alunos, na última sessão, que de forma honesta, dissessem se tinham pedido ajuda aos pais e conversado sobre o tema da Land Art, apenas três alunos responderam ter pedido ajuda e conversado.

Dos 22 alunos, só 17 entregaram o diário porque tinham sido informados da não obrigatoriedade de preencher mas, seria decisivo para atribuição de prémio.

Existem muitos erros ortográficos num grande número de cadernos. Quanto aos diários do 3.º ano, estes têm mais trabalho de expressão plástica, contudo as dificuldades com a escrita são generalizadas, o número de erros ortográficos é enorme, não se conseguindo, muitas vezes, entender a palavra.

Dos 21 alunos, 16 entregaram o diário; 10 alunos disseram terem conversado e pedido ajuda aos pais, a professora contestou e chamou-lhes à atenção que estavam a faltar à verdade, ao que um aluno recuou.

Classificação dos diários de Land Art

Os diários foram devolvidos pelos alunos à mestrandia para serem classificados e optou-se por uma classificação por cores.

VERDE: Muito interessante/trabalhou bem.

LARANJA: Interessante/trabalhou.

AMARELO: Pouco interessante/trabalhou pouco.

ROSA: Nada interessante/não trabalhou.

No 4.º ano foram contabilizados 4 diários verdes, 4 laranjas, 3 amarelos, 2 rosas e 4 entre o laranja e amarelo. Foi-lhes explicado que não levaram prémio extra porque é preciso manter o ritmo de trabalho.

Todos os alunos tiveram prémio de participação, sendo que os mais aplicados e participativos (*as verdes e laranjas*), receberam um extra. Apenas simbólico, uma pedrinha e um bloco de notas, no caso do 4.º ano e no do 3.º ano em vez do bloco, foi-lhes entregue um saquinho de conchas e um magnético.

No 3.º ano foram contabilizados 8 diários verdes, 3 laranjas, 1 entre o verde e o laranja, 1 entre o laranja e o amarelo, 2 amarelos e 1 rosa.

3.4. Apresentação dos dados recolhidos através do inquérito por questionário

3.4.1. Alunos do 3.º e 4.º ano do Ensino Básico

3.4.1.1. Respostas aos inquéritos iniciais pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico

1.ª Questão – Idades do grupo

Conforme se verifica na figura 23, este grupo divide-se, quanto às idades, entre os 8 e 9 anos, sendo que 25% corresponde a 5 alunos com 9 anos e 75% corresponde a 15 alunos com 8 anos.

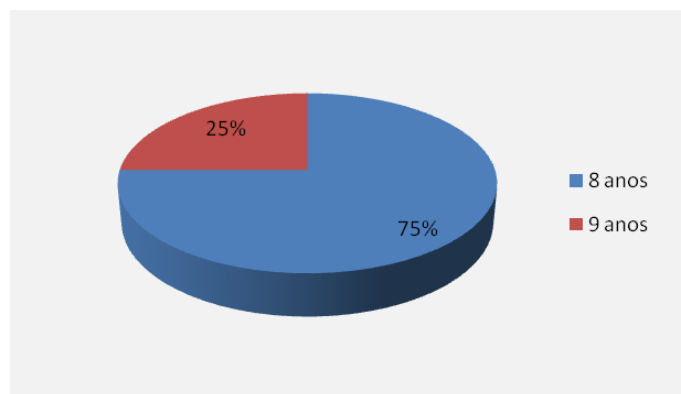


Figura 23 – Idades dos alunos

2.ª Questão – Género do grupo

Quanto ao género e na segunda pergunta do inquérito, o grupo era formado por 11 alunos do género feminino, o que equivale a 55% do grupo e 9 alunos do género masculino, ou seja, 45% do total.

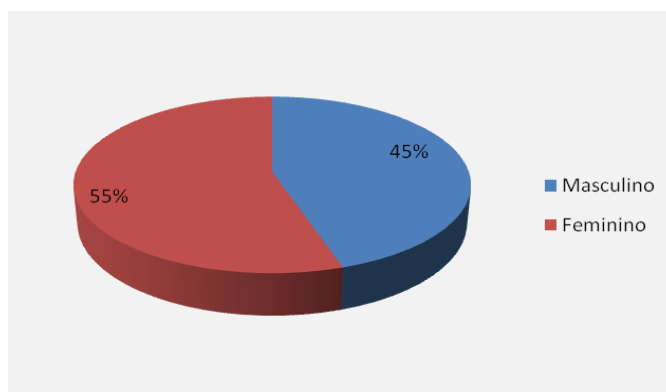


Figura 24 – Composição do grupo quanto ao género

3.ª Questão – Local de residência

Quase a totalidade dos alunos (19 dos 20) vivem na cidade e apenas um no campo. A percentagem de 95% corresponde aos alunos que vivem na cidade e os 5% ao aluno que vive no campo.

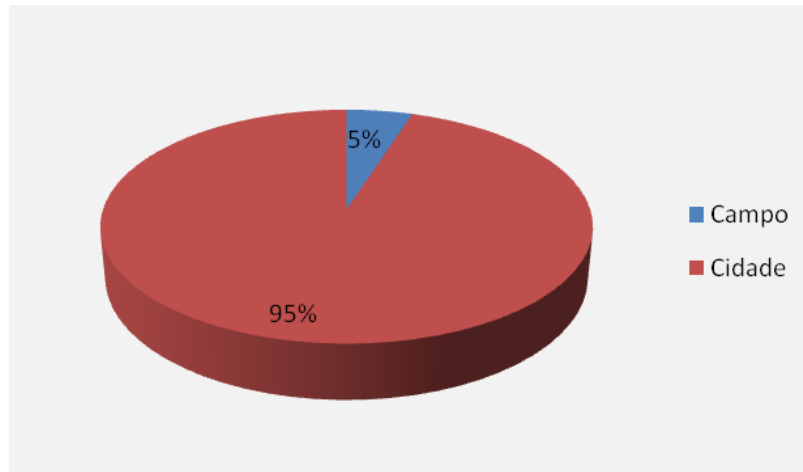


Figura 25 – Local de residência

4.ª Questão – Desejo de brincar na natureza

Quando questionados sobre o desejo de brincar na natureza, a maioria dos alunos disse que o desejam, muitas vezes, como mostram os 85% da figura (17 alunos). Os restantes alunos, 3 dos 20 do grupo, responderam que desejam algumas vezes (15%), e nenhum dos alunos assinalou a opção poucas vezes.

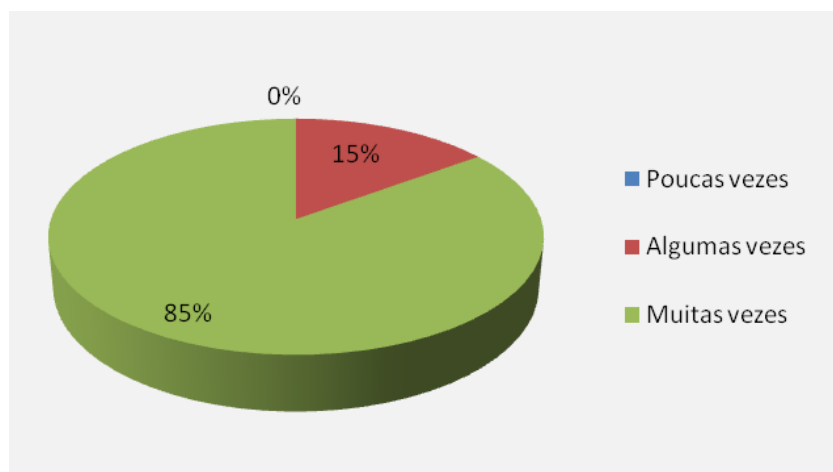


Figura 26 – Desejo de brincar na natureza

5.ª Questão – Frequência com que contactam com a natureza durante a semana

À quinta pergunta, quantas vezes tens contacto com a natureza, durante a semana?, um aluno respondeu uma vez por semana (5%); 4 responderam todos os dias (20%); 8 responderam esporadicamente (40%); 6 alunos só ao fim de semana é que contactam com a natureza (30%); dos 20 só um é que referiu nunca ter contacto com natureza (5%). Nenhum aluno referiu ter contacto com a natureza 3 vezes por semana.

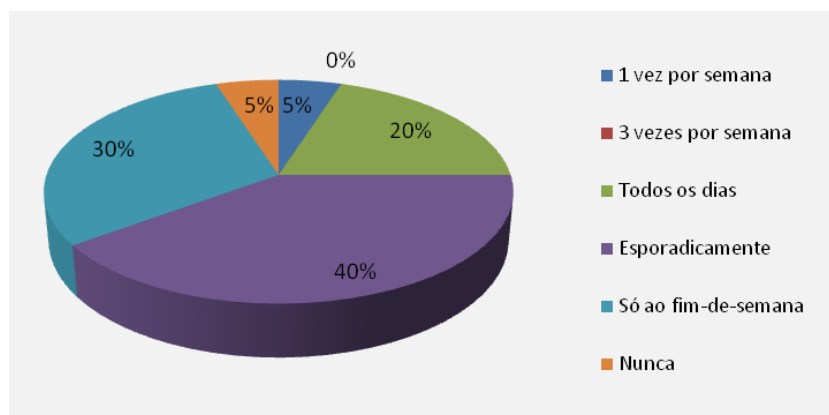


Figura 27 – Frequência com que contactam com a natureza durante a semana

6.ª Questão – Materiais naturais escolhidos para fazer trabalhos de expressão plástica

Quando se pediu aos alunos que escolhessem dois materiais da natureza para fazerem um trabalho, as preferências foram, maioritariamente para os cristais, 15 alunos escolheram este elemento (37%); o elemento fogo, aves/penas e conchas contaram com 15% correspondendo a 6 alunos; o barro elemento preferido por 8% do grupo (3 alunos) e com 5% cada temos as árvores (2 alunos) e as plantas de vaso (2 alunos).

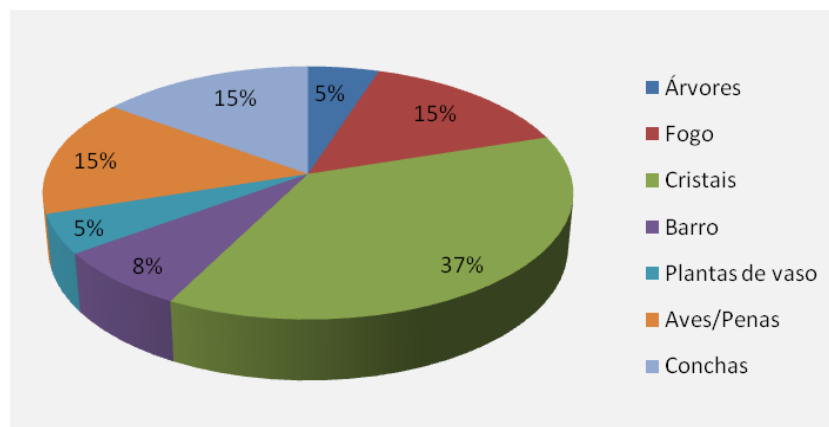


Figura 28 – Materiais naturais escolhidos para fazer trabalhos de expressão plástica

7.ª Questão – Materiais naturais em que os alunos preferem mexer (tato)

Na sétima pergunta, pediu-se aos alunos para referenciar os materiais naturais em que preferiram mexer. Em relação ao elemento terra, 7 dos 20 é no elemento que gostaram menos de mexer; 5 gostaram muito; 4 gostaram pouco; 3 é no elemento terra que gostaram mais de mexer e um aluno assinalou a opção: gosto.

A água é o elemento natural que maior preferência suscita: metade do grupo, isto é, 10 alunos, é no elemento onde gostaram mais de mexer; dos 20, 4 também gostaram; 3 gostaram pouco; 2 alunos é na água que gostaram menos de mexer e um gostou muito.

O elemento natural areia, 7 alunos gostaram muito de mexer; 5 dos 20 alunos também gostaram; 4 gostaram pouco, 2 alunos é no elemento que gostaram mais de mexer e 2 no que gostaram menos.

Para além destes elementos naturais, inquiriu-se sobre a sua preferência em mexerem no musgo, tendo sido o elemento que menos suscitou a preferência dos alunos. No grupo dos 20 alunos, 8 referiram ser o elemento que menos gostaram, 4 gostaram muito, outros 4 foi o elemento que mais gostaram, 3 gostaram pouco e um aluno limitou-se a dizer que gostava.

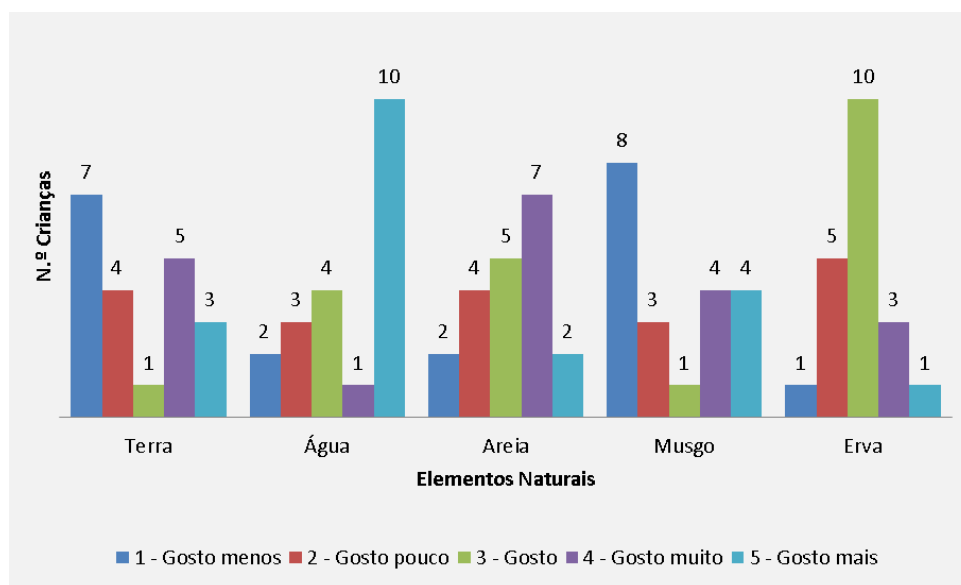


Figura 29 – Materiais naturais que os alunos preferem mexer (tato)

8.^a Questão – Opiniões sobre a suficiente ou insuficiente existência de espaços verdes em Castelo Branco

Na oitava pergunta do inquérito, questionaram-se os alunos sobre a existência de espaços verdes na cidade de Castelo Branco e se os consideravam suficientes. 80% dos alunos (16 do grupo total de 20) consideraram haver espaços suficientes, os restantes 4 elementos (20%) consideraram serem estes espaços insuficientes.

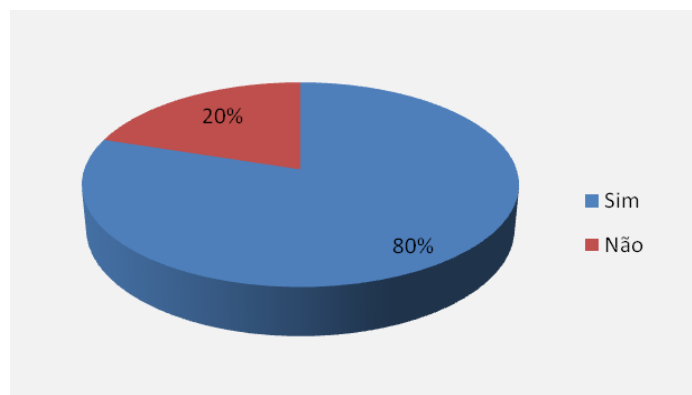


Figura 30 – Opiniões sobre a suficiente ou insuficiente existência de espaços verdes em Castelo Branco

9.^a Questão – Espaços públicos que os alunos mais frequentam

Na questão n.º 9 pediu-se aos alunos para que, por ordem decrescente, enumerassem os 8 espaços públicos que mais frequentam na cidade. O espaço mais assinalado foi a piscina praia com 16% e com a mesma percentagem o cine teatro, o que significa que foram 13 os alunos a assinalar estas opções; com 15% os Museus (12 alunos); com 13% respetivamente o parque da cidade e o centro comercial (10 alunos); o jardim do paço episcopal foi assinalado por 8 alunos (10% do grupo); com 11% (9 alunos) as “docas” (zona de bares, cafés e comércio local) e a opção menos assinalada por 5 alunos (6%) foi a zona de lazer.

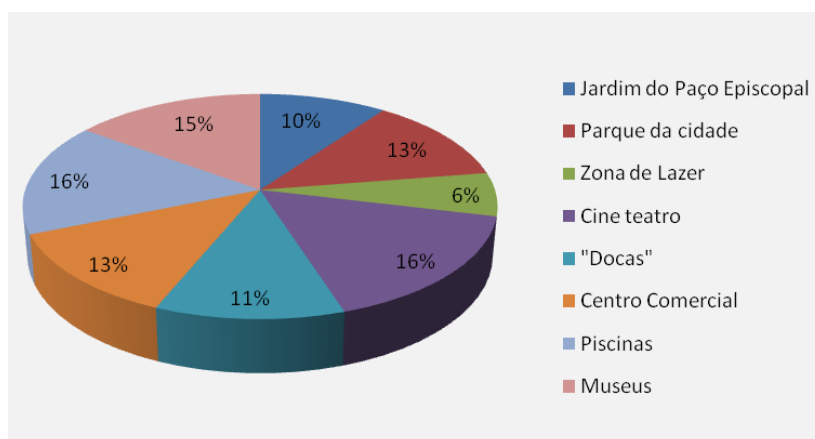


Figura 31 – Espaços públicos que os alunos mais frequentam

10.^a Questão – Definição de Land Art

Na questão n.º 10 foram apresentados aos 20 alunos, 5 possíveis definições para Land Art. Pedia-se que assinalassem a que lhes parecesse a correta, neste caso a última opção. 8 (40%) dos 20 alunos responderam corretamente, enquanto as restantes assinalaram as opções menos corretas (60%).

Quadro 1 – Definição de Land Art

Opções para definição de Land Art	Frequência
Land Art é Natureza.	8
Land Art são formas da Natureza que parecem ser feitas pelo Homem.	3
Land Art são formas estranhas que encontramos na Natureza.	0
Land Art é uma forma de expressão feita por alunos.	1
Land Art são intervenções feitas por artistas plásticos nas paisagens.	8
TOTAL	20

Veja-se a representação da figura 32.

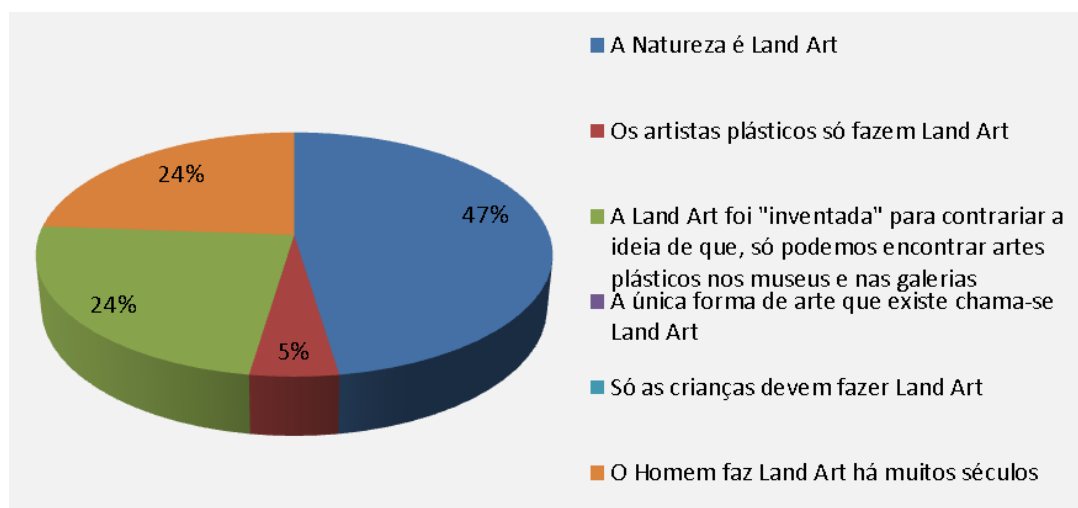


Figura 32 – Opções para definição de Land Art

11.ª Questão – Opinião sobre a utilidade deste projeto

Na última questão, pretendeu-se saber a opinião dos alunos quanto à utilidade deste projeto. A totalidade do grupo (20 alunos) considerou o projeto válido para aprender e divertir.

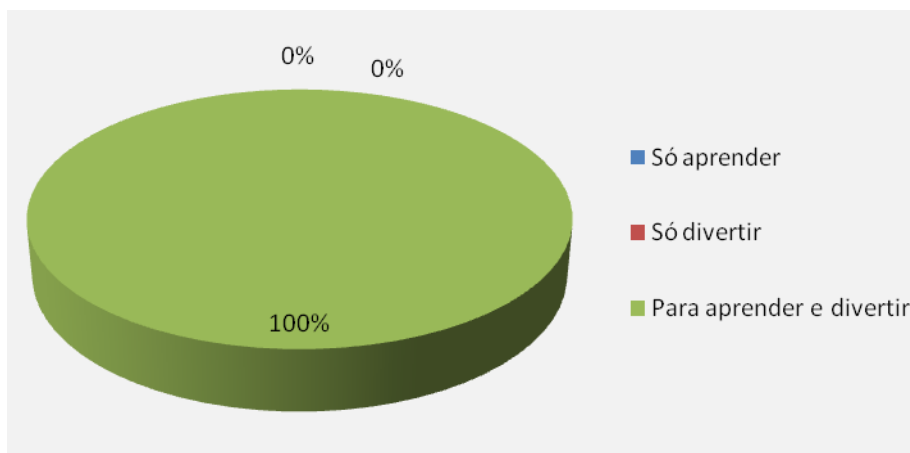


Figura 33 – Opinião sobre a utilidade deste projeto

3.4.1.2. Respostas aos inquéritos iniciais pelos alunos do 4.º ano do Ensino Básico

1.ª Questão – Idades do grupo

No grupo do 4.º ano, quanto à idade, verifica-se que o mesmo é composto por: 12 alunos de 9 anos (55% do grupo); 9 alunos de 10 anos (41% do grupo) e um aluno de 11 anos (4% do grupo). Este grupo tinha um aluno a repetir o 4.º ano.

2.ª Questão – Composição do grupo quanto ao género

Quanto ao género, verificou-se que o grupo era composto por 13 rapazes (59% do total) e por 9 raparigas (41% do grupo).

3.ª Questão – Local de residência

Quanto ao local de residência, os elementos deste grupo residem, na sua maioria, na cidade, 82% (18 elementos) e 18% vivem no campo (4 alunos).

4.^a Questão – Desejo de brincar na natureza

Quando se perguntou aos alunos com que frequência desejavam brincar na natureza, 64% do grupo respondeu muitas vezes (14 alunos) e 36% do grupo algumas vezes (8 elementos). Nenhum aluno respondeu poucas vezes.

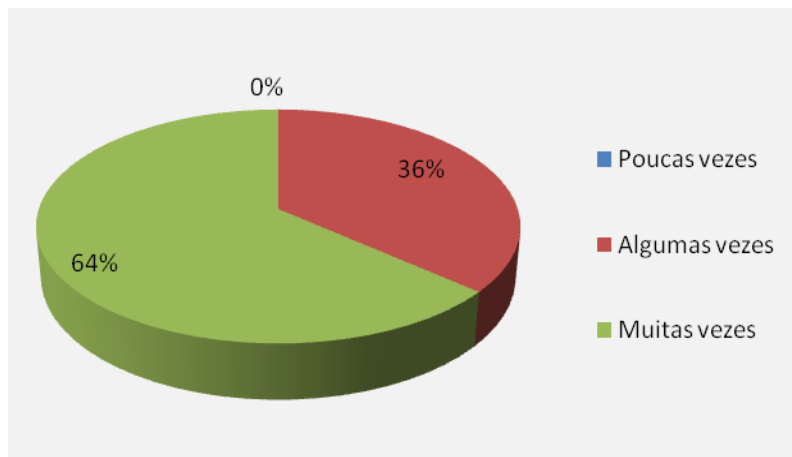


Figura 34 – Desejo de brincar na natureza

5.^a Questão – Frequência com que contactam com a natureza durante a semana

À pergunta quantas vezes por semana as alunos contactavam com a natureza, 45% (10 alunos) respondeu que só ao fim de semana; 23% (5 elementos) contactavam todos os dias; 18% (4 elementos) tinham contacto esporádico; 9% (2 alunos) 3 vezes por semana e 5% (1 criança), 1 vez por semana.

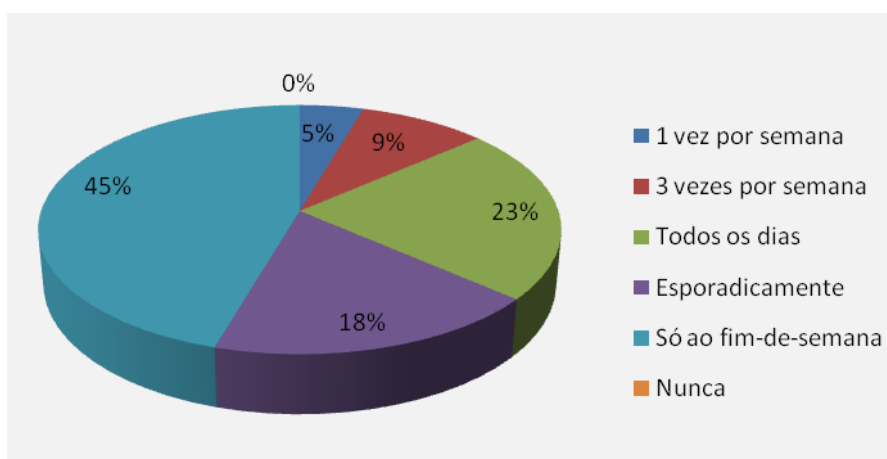


Figura 35 – Frequência com que contactam com a natureza durante a semana

6.ª Questão – Materiais naturais escolhidos para fazer trabalhos de expressão plástica

Para se saber as preferências que os alunos tinham, no que se refere a alguns elementos naturais de possível utilização em trabalhos de expressão plástica, pediu-se-lhes que escolhessem 2 opções de 7 respondidas. A opção cristais foi a mais assinalada, correspondendo a 38% do total (11 vezes assinalada); 28% assinalou conchas (8 sinalizações); 14% escolheram fogo (4 vezes assinalada); 10% escolheram as árvores (3 vezes assinalada); 7% das preferências foram para o barro (2 vezes assinalada) e 3% a opção aves/penas. Ninguém assinalou a opção plantas de vaso. 14 alunos só escolheram uma opção.

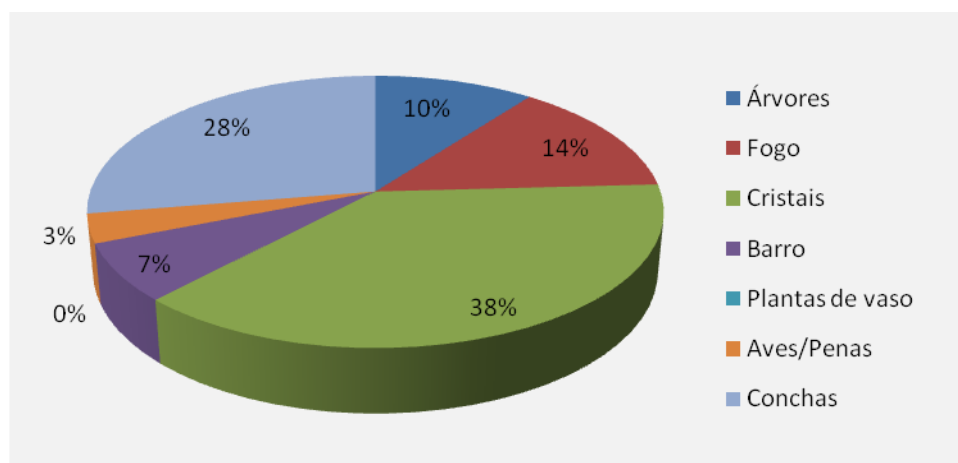


Figura 36 – Materiais naturais escolhidos para fazer trabalhos de expressão plástica

7.ª Questão – Materiais naturais em que os alunos preferem mexer (tato)

Pretende-se saber em quais dos elementos naturais assinalados na figura 37, os alunos mais gostavam de mexer, para que se pudesse saber quais as suas preferências táteis. Pediu-se que assinalassem, por ordem crescente do elemento menos preferido para o mais preferido, em que o que gostavam menos era marcado com o número 1 e o que gostavam mais com o número 5, recebendo os restantes elementos a pontuação intermédia. O elemento terra foi assinalado por 6 alunos com a resposta “gosto e gosto menos”; 4 alunos disseram “gostar muito” e outras 4 “gostar pouco”; do elemento água, 3 alunos disseram “gostar menos” e outros 3 “gostar”; 5 disseram “gostar muito” e 10 “gostar mais”, apenas um disse “gostar pouco”. O elemento areia recebeu de 5 alunos o “gostar menos”, de 6 o “gostar pouco”, de 4 alunos, o “gosto” e “gosto muito” e de 5 alunos, o “gosto mais”. O musgo foi classificado com “gosto menos” por 4 alunos, “gosto pouco” foi atribuído por 5 alunos, “gosto” por dois, “gosto muito” por 6 e “gosto mais” foi assinalado por 5 alunos. O elemento erva recebeu o “gosto menos” de 4 alunos, o “gosto pouco” de 6, o “gosto” de 7, “gosto muito” foi escolhido por 3 alunos e “gosto mais” por 2. É dado observar que o elemento água é o que os alunos mais gostam, seguido pelo musgo e pela areia.

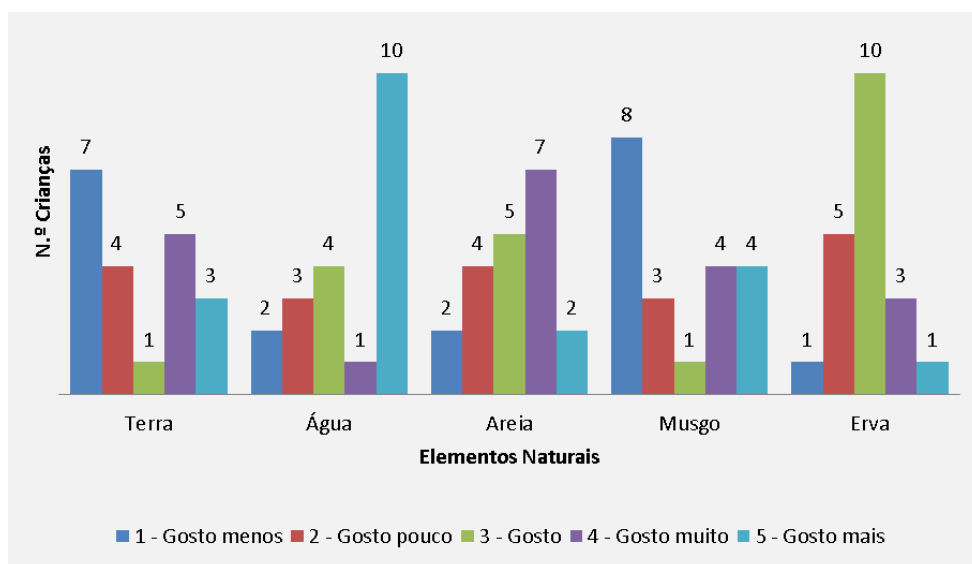


Figura 37 – Materiais naturais em que os alunos preferem mexer (tato)

8.^a Questão – Opiniões sobre a suficiente ou insuficiente existência de espaços verdes em Castelo Branco

Quando se perguntou aos alunos se consideravam que a existência de espaços verdes em Castelo Branco era suficiente, 55% (12 alunos) do grupo respondeu afirmativamente e 45% (10 alunos) considerou os referidos espaços insuficientes.

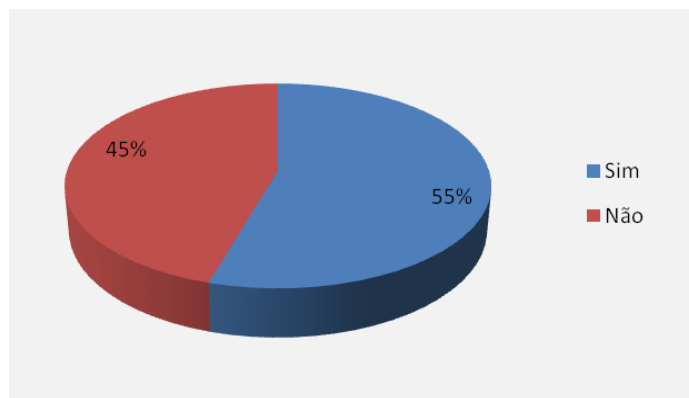


Figura 38 – Opinião sobre a suficiente ou insuficiente existência de espaços verdes em Castelo Branco

9.^a Questão – Espaços públicos mais frequentados na cidade de Castelo Branco

Pedi-se aos alunos que assinalassem, por ordem crescente, o espaço público que mais frequentam na cidade de Castelo Branco, em que ao espaço mais frequentado é atribuído o valor de 1 e ao menos frequentado o valor de 8. O espaço menos pontuado foi Museus, com 6 sinalizações que corresponde a 7% do total; segue-se o jardim do Paço Episcopal com 8 alunos a que corresponde 9% do total; com 10% e 9 sinalizações o cine teatro e as “docas” (zona de bares, cafés e comércio local); com 14% e 12 sinalizações o parque da cidade e a zona de lazer; 17% o centro comercial o que corresponde a 15 respostas assinaladas e, por último 19% para as piscinas, espaço a que foram atribuídas 17 sinalizações.

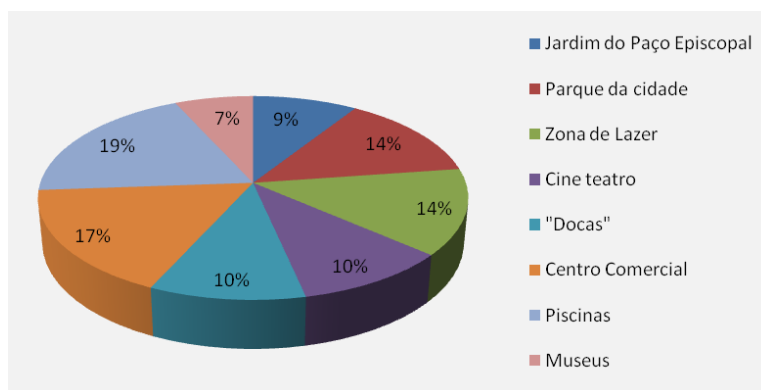


Figura 39 – Espaços públicos mais frequentados na cidade de Castelo Branco

10.^a Questão – Definição de Land Art

Na décima questão pedia-se aos alunos que assinalassem a definição de Land Art que lhes parecesse mais correta, neste caso a resposta seria a última do quadro. Do total do grupo, 68% (15 alunos) respondeu corretamente; 18% (4 alunos) considerou que Land Art é natureza; 9% (2 alunos) assinalou a definição Land Art são formas da natureza que parecem ser feitas pelo homem e 5% (um aluno) considerou que Land Art é uma forma de expressão feita por alunos. Nenhum aluno assinalou a hipótese Land Art são formas estranhas que encontramos na natureza.

Quadro 2 – Definição de Land Art

Opções para definição de Land Art	Frequência
Land Art é Natureza.	4
Land Art são formas da Natureza que parecem ser feitas pelo Homem.	2
Land Art são formas estranhas que encontramos na Natureza.	0
Land Art é uma forma de expressão feita por alunos.	1
Land Art são intervenções feitas por artistas plásticos nas paisagens.	15
TOTAL	22

Veja-se a representação gráfica da figura 40.

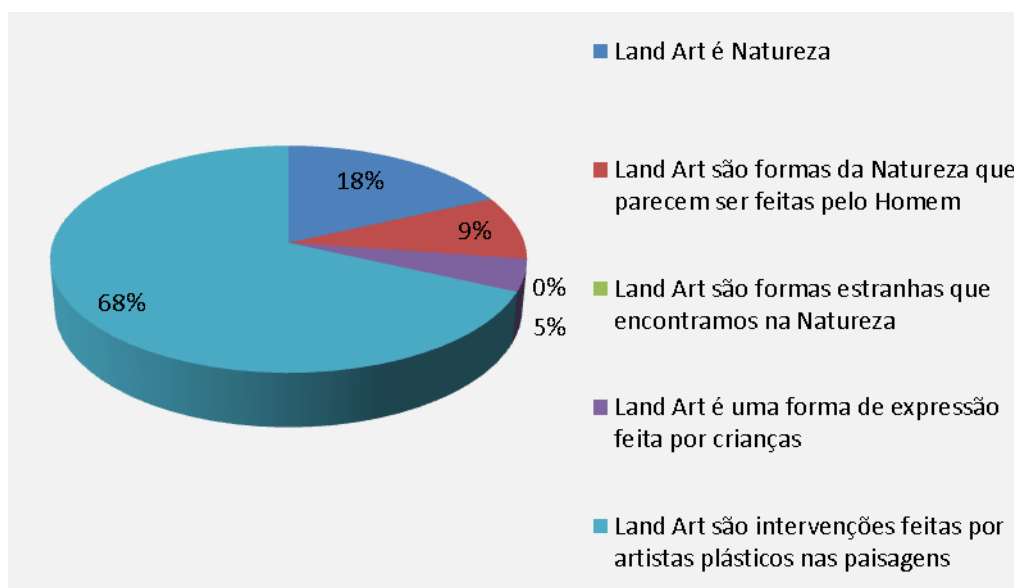


Figura 40 – Opções para definição de Land Art

11.ª Questão – Opinião sobre a utilidade deste projeto

Na 11ª e última questão do inquérito inicial, pretendeu-se saber se os alunos consideravam o projeto Land Art, um projeto só de vertente lúdica, lúdica e didática ou só didática. À exceção de um aluno (5% do grupo) que considerou o projeto só de vertente lúdica, todos os outros consideraram de vertente lúdica e didática, num total de 21 alunos o que corresponde a 95% do grupo. Nenhum aluno considerou servir o projeto só para aprender.

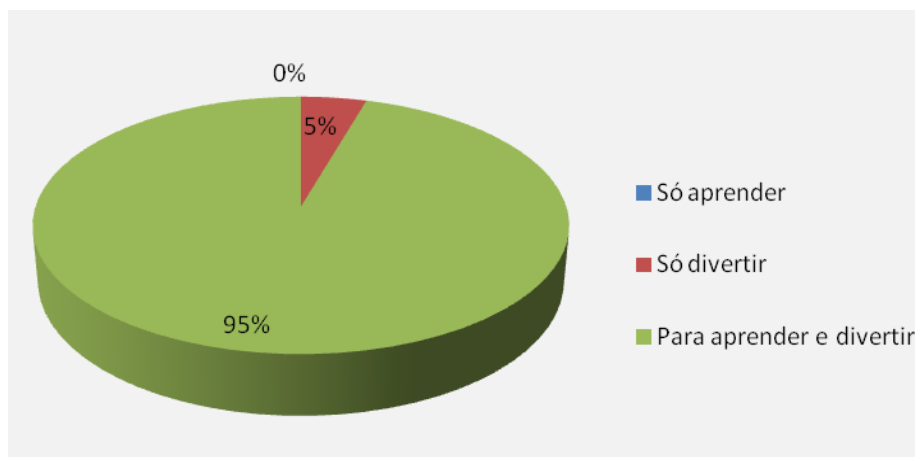


Figura 41 – Opinião sobre a utilidade deste projeto

3.4.1.3. Respostas aos inquéritos intermédios pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico

O inquérito intermédio teve como objetivo averiguar o grau de satisfação dos alunos no que se refere aos trabalhos desenvolvidos; o interesse pelo tema; se o caderno de Land Art não caíra no esquecimento e, se o conceito de Land Art ainda continuava a gerar alguma confusão.

1.ª Questão – Preferências quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema Land Art

Com esta pergunta pretendeu-se saber de que atividade os alunos tinham usufruído mais. Pela análise da figura, podemos concluir que o trabalho de expressão plástica que consistia, por parte dos alunos, na escolha de uma imagem de uma paisagem e, através de uma técnica por elas escolhida (colagem, desenho, pintar, ...), a mesma era transformada ou apenas um pouco modificada, recebeu o maior número de preferências, sendo a percentagem de 21%, o que corresponde a 12 sinalizações. O diálogo/s sobre os quatro elementos foi a segunda atividade preferida, 19% do grupo, o que corresponde a 11 sinalizações. Com 17% das preferências aparecem as atividades diálogo com o plátano e o trabalho no exterior com pedras, com 10 pontuações cada; a atividade de observação e participação no trabalho desenvolvido pelos alunos da ESE do IPCB (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco) obteve 9%; a atividade sobre o artista Giuseppe Arcimboldo segue-se com 8% e, a atividade menos preferida foi aquela em que falámos de *Land Artists* contemporâneos, 2% (um aluno). Há a acrescentar que um dos inquiridos assinalou apenas uma opção.

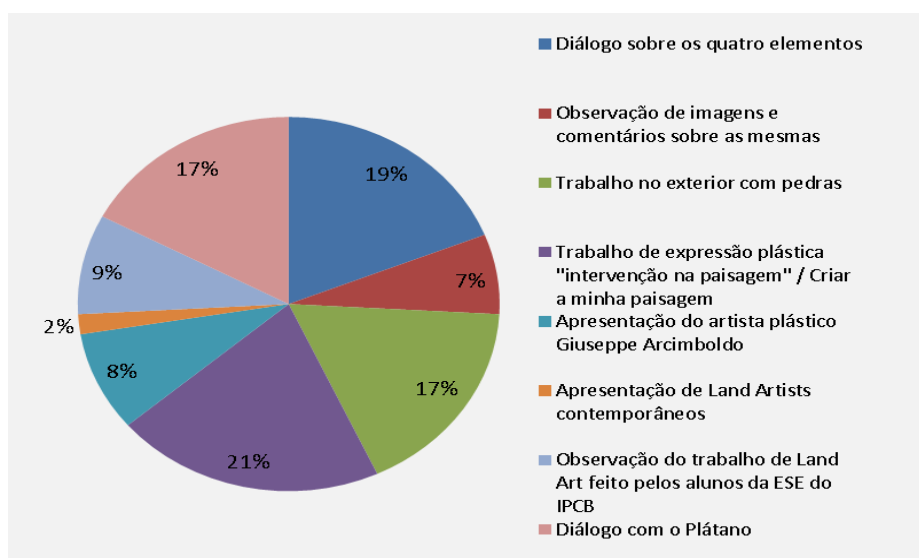


Figura 42 – Preferências quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema Land Art

2.^a Questão – Quantidade de folhas preenchidas no Diário da Land Art

Na segunda questão, a finalidade era saber se os alunos davam alguma importância ao caderno que, lhes tinha sido distribuído para fazerem anotações sobre Land Art e colocarem materiais recolhidos (folhas, recortes, cascas...). Dos 20 alunos, 16 responderam ter preenchido algumas folhas, 3 preencheram muitas e um não preencheu. A estes resultados correspondem as respetivas percentagens de 80%, 15% e 5%.

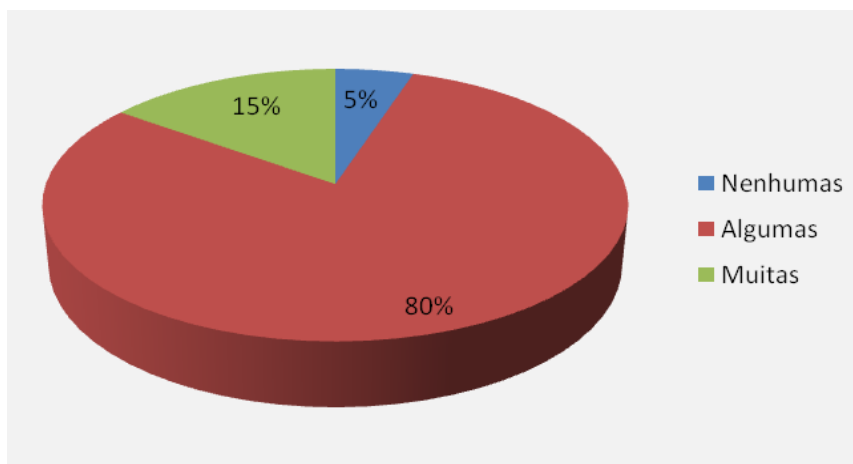


Figura 43 – Quantidade de folhas preenchidas no diário de Land Art

3.^a Questão – Pesquisas sobre Land Art

Na terceira questão pretendeu-se saber se os alunos realizavam pesquisas sobre Land Art. Do total do grupo, 60% (12 alunos) responderam ter realizado algumas; 25% (5 alunos) muitas e 15% (3 alunos) disseram não ter realizado nenhuma pesquisa.

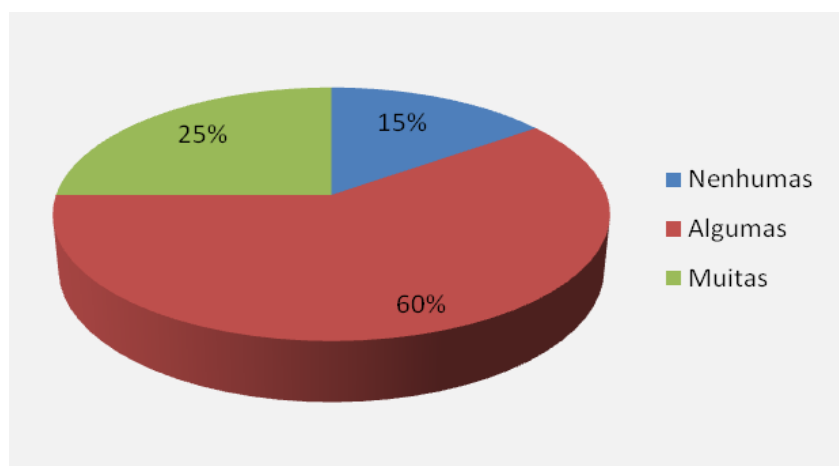


Figura 44 – Pesquisas sobre Land Art

4.ª Questão – Desejo de conhecer melhor a natureza

O objetivo na quarta questão era saber se as atividades desenvolvidas despertaram nos alunos o desejo de conhecer melhor a natureza. Todo o grupo respondeu ter vontade de conhecer melhor a natureza.

5.ª Questão – Vontade de proteger a natureza de forma diferente

Ainda na sequência da questão número 4, a 5ª questão pedia que os alunos respondessem se tinham mudado a sua vontade de proteger a natureza. Todos os alunos responderam ter vontade de proteger a natureza de forma diferente daquela que tinham até então.

6.ª Questão – Espaços preferidos onde se desenvolveram atividades

Para um melhor entendimento do comportamento dos alunos, considerou-se necessário averiguar em qual dos espaços frequentados, os mesmos se sentiam melhor. Dos 20 alunos, 11 disseram preferir o espaço ao ar livre do Museu (55%) e 9 (45%), o espaço “quinta”. Pelo espaço da sala de aula e do pátio da escola, nenhum aluno mostrou preferência.

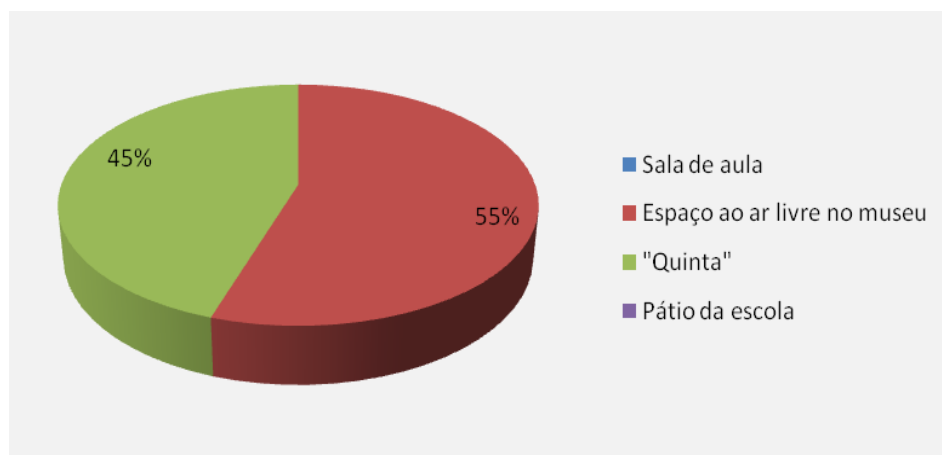


Figura 45 – Espaços preferidos onde se desenvolveram atividades

7.ª Questão – Definição de Land Art

Uma vez que se foi detetando a dificuldade que os alunos tinham em entender o conceito de Land Art, voltou-se a questionar sobre o mesmo. Das 6 hipóteses dadas, 2 recolheram 45% das preferências: o homem faz Land Art há muitos séculos e a natureza é Land Art; os restantes 10% foram para a hipótese correta: a Land Art foi “inventada” para contrariar a ideia de que, só podemos encontrar artes plásticas nos Museus e galerias. Os alunos continuaram a ter dificuldade na interpretação do conceito.

Quadro 3 – Definição de Land Art

Opções para definição de Land Art	Frequência
A Natureza é Land Art	9
Os artistas plásticos só fazem Land Art	0
A Land Art foi "inventada" para contrariar a ideia de que, só podemos encontrar artes plásticas nos Museus e nas galerias	2
A única forma de arte que existe chama-se Land Art	0
Só as alunos devem fazer Land Art	0
O Homem faz Land Art há muitos séculos	9
TOTAL	20

Veja-se a representação gráfica da figura 46.

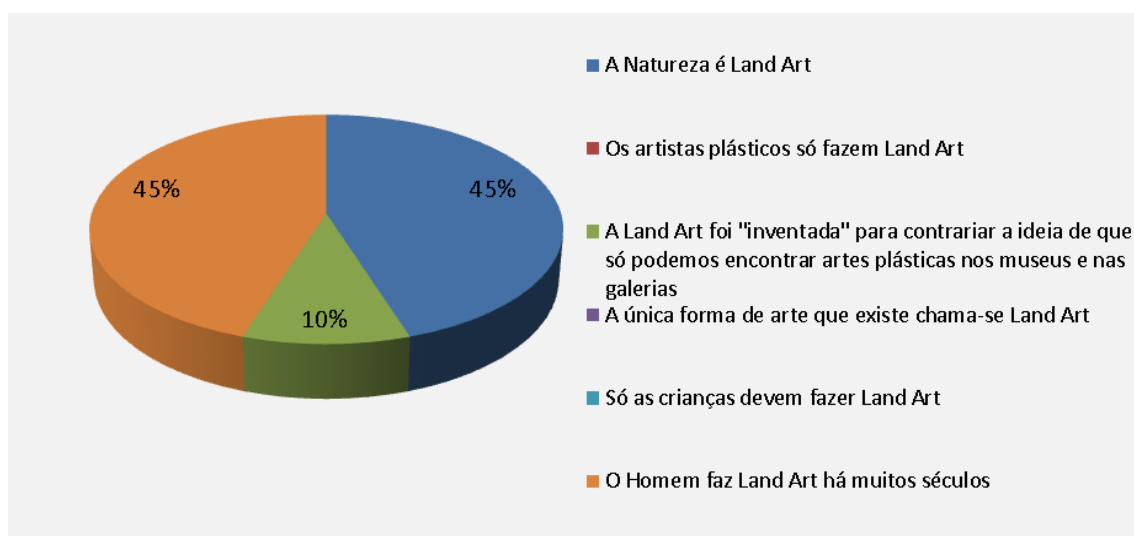


Figura 46 – Definição de Land Art

3.4.1.4. Respostas ao inquérito intermédio pelos alunos do 4.º ano do Ensino Básico

Os objetivos do inquérito intermédio feito ao 4.º ano, são os mesmos que os do 3.º ano, uma vez que os procedimentos adotados foram, quase em todas as circunstâncias, os mesmos.

1.ª Questão – Preferência quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema da Land Art

Quando se perguntou aos alunos do 4.º ano quais as sessões de trabalho, relacionadas indiretamente ou diretamente com Land Art, que tinham preferido, 21% (13 alunos) escolheu a sessão de trabalho com pedras no exterior; 17% (11 alunos) apontaram para a sessão em que dialogavam com o plátano e aquela em que criavam a sua paisagem; 14% (9 alunos) assinalaram a sessão em que se apresentou o artista Giuseppe Arcimboldo; 10 % (6 alunos) assinalaram os diálogos sobre os quatro elementos e a atividade em que interagiram com os alunos da ESE do IPCB (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco); 4 alunos (6% do grupo) escolheram a sessão em que se observavam imagens e se faziam comentários, finalmente e com 5% (3 alunos) de sinalizações aparece a opção apresentação de Land Artists contemporâneos.

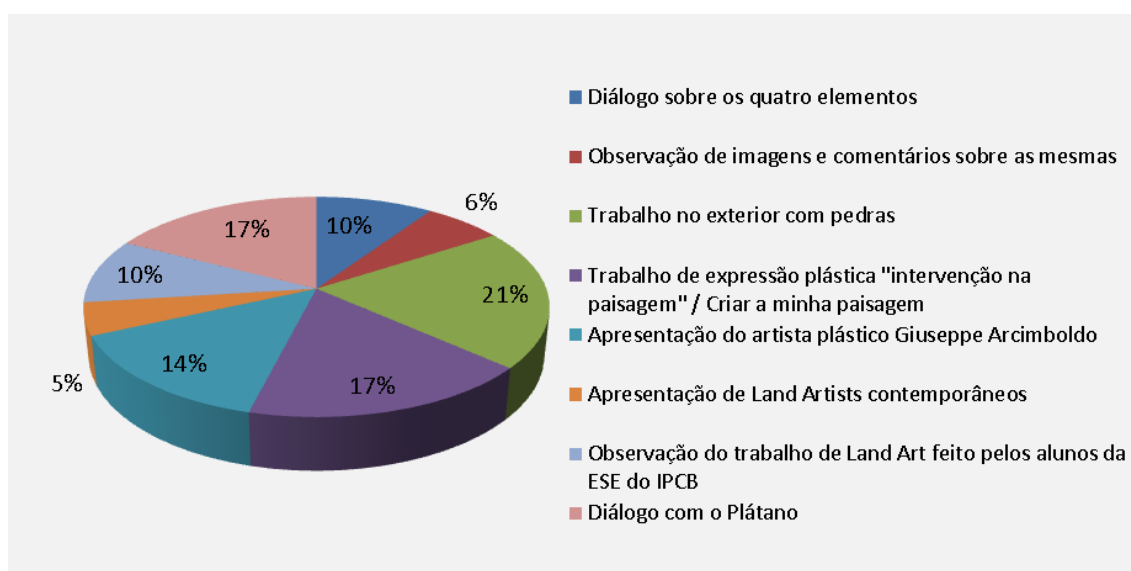


Figura 47 – Preferências quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema Land Art

2.^a Questão – Quantidade de folhas preenchidas no diário de Land Art

À questão sobre o número de folhas que os alunos tinham preenchido no caderno/diário de Land Art, 52% (11 alunos) disseram ter preenchido muitas e 48% (10 alunos) disseram ter preenchido algumas. Ninguém assinalou a opção nenhuma.

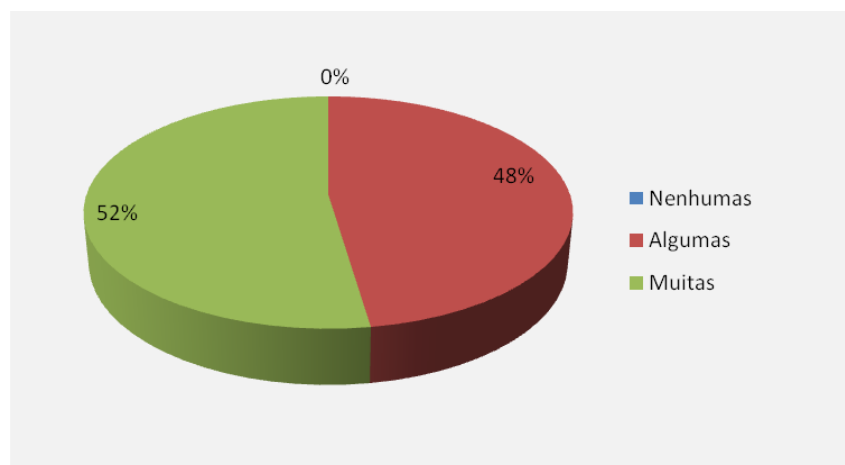


Figura 48 – Quantidade de folhas preenchidas no diário de Land Art

3.^a Questão – Pesquisas sobre Land Art

Para se averiguar do interesse que os alunos tinham pelo tema, perguntou-se se já haviam efetuado pesquisas sobre Land Art, ao que 57% (12 alunos) do grupo respondeu ter feito algumas; 24% (5 alunos) responderam não ter feito pesquisas e 19% (4 alunos) responderam já ter feito muitas.

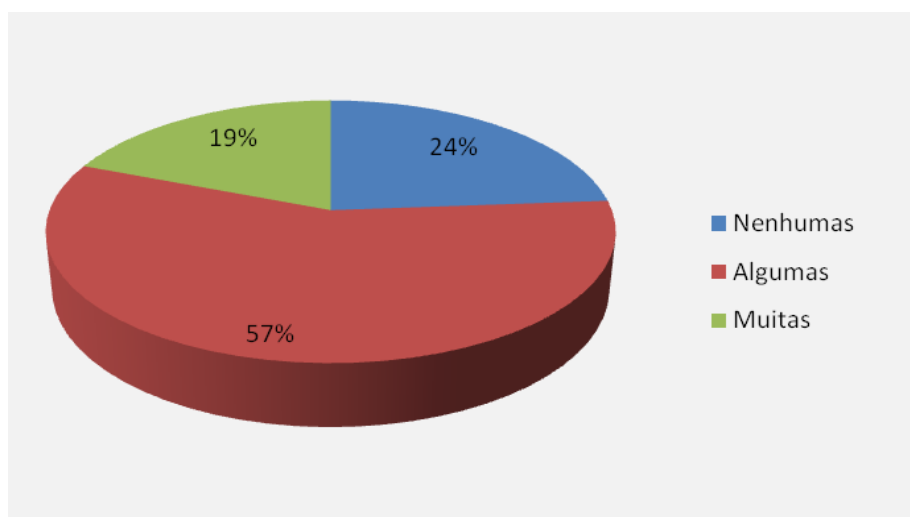


Figura 49 – Pesquisas sobre Land Art

4.ª Questão – Desejo de conhecer melhor a natureza

Na quarta questão todo o grupo manifestou vontade de querer conhecer melhor a natureza.

5.ª Questão – Vontade de proteger a natureza de forma diferente

Quando se pergunta aos alunos se, perante estes trabalhos, ficaram com vontade de proteger a natureza de forma diferente, todo o grupo responde afirmativamente.

6.ª Questão – Espaços preferidos onde se desenvolveram atividades

Na sexta questão, os alunos tinham de assinalar o espaço no qual tinham preferido trabalhar. Do total do grupo, 71% (15 alunos) assinalou o espaço ao ar livre no Museu; 24% (5 alunos) o pátio da escola e, um aluno (5%) a quinta. Nenhum aluno assinalou a sala de aula como espaço preferido.

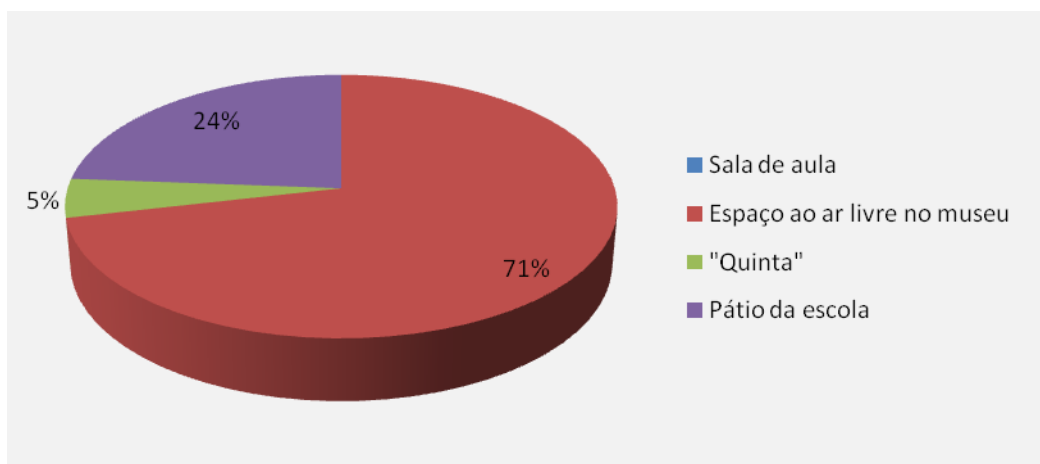


Figura 50 – Espaços preferidos onde se desenvolveram atividades

7.ª Questão – Definição de Land Art

Para sabermos se os alunos ainda tinham dificuldade em lidar com o conceito de Land Art, pediu-se que assinalassem a opção mais correta, neste caso seria a terceira do quadro. Do total do grupo, 47% (10 alunos) responderam que a natureza é Land Art, com 24% (5 alunos) aparecem como respostas assinaladas a terceira opção e a última, com 5% aparece a opção os artistas plásticos só fazem Land Art.

Quadro 4 – Definição de Land Art

Opções para definição de Land Art	Frequência
A Natureza é Land Art	10
Os artistas plásticos só fazem Land Art	1
A Land Art foi "inventada" para contrariar a ideia de que, só podemos encontrar artes plásticas nos Museus e nas galerias	5
A única forma de arte que existe chama-se Land Art	0
Só as alunos devem fazer Land Art	0
O Homem faz Land Art há muitos séculos	5
TOTAL	21

Veja-se a representação gráfica da figura 51.

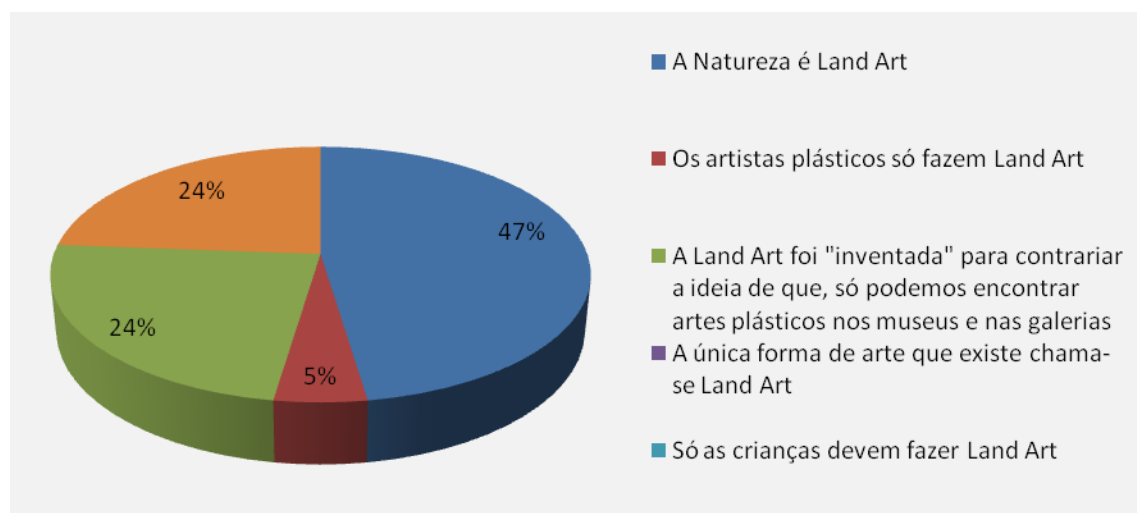


Figura 51 – Definição de Land Art

3.4.1.5. Respostas aos inquéritos finais pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico

Fez-se o inquérito final aos alunos, para se poder averiguar até que ponto o projeto Land Art contribuiu para mudança de atitudes; se durante as sessões realizadas conseguiram interiorizar alguns conhecimentos; se em diversas circunstâncias, os alunos se sentiram bem a desempenhar as tarefas que lhes eram pedidas e, se por uma ou outra ocasião, associavam ideias e conhecimentos.

O número de inquiridos foi de 19, uma vez que dois elementos da turma já tinham iniciado as férias.

1.ª Questão – preferência por viver na cidade ou no campo

À pergunta onde preferias viver, se na cidade ou no campo, os alunos responderam maioritariamente no campo (89%, 17 alunos), apenas 2 (11%) disseram preferir a cidade. Quando se lhes pediu que justificassem, surgiram 7 tipos diferentes de argumentos. Uma das razões apontada para viver no campo, foi o facto de existir menos poluição, poderem ouvir os pássaros e fazer Land Art, 5 alunos justificaram desta forma a sua preferência pelo campo. O gosto pela natureza, ar puro e liberdade foram os motivos que levaram 4 alunos a escolher o campo para viver. Dois alunos disseram que no campo tinham mais possibilidades de estudar Land Art. Os restantes 8 alunos justificaram das seguintes formas: gosto por flores, animais e os sons do vento; andar ao ar livre e fazer coisas mais interessantes que na cidade; mais espaço para plantar e brincar; ter ar puro e poder meditar; possibilidade de utilizar materiais naturais para fazer arte com a natureza e, ter ar puro e poder aprender novas coisas.

Dos 2 alunos que escolheram a cidade, um disse ter medo de cobras e outro nojo dos animais.

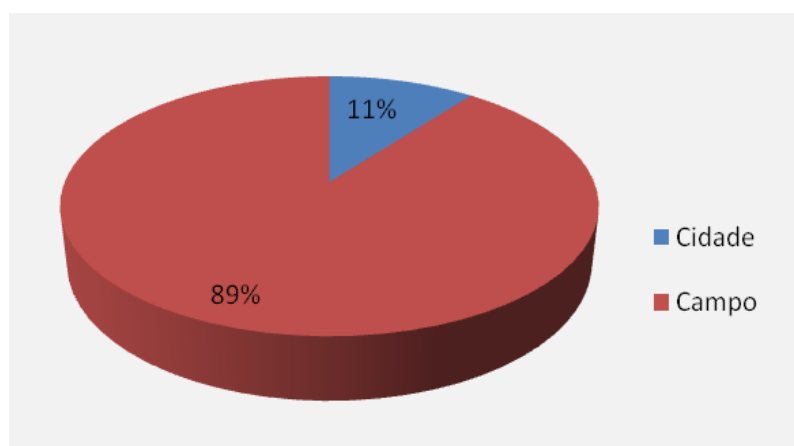


Figura 52 – Preferência por viver na cidade ou no campo

2.^a Questão – Contribuição da Land Art para a tomada de decisão, se preferem viver na cidade ou no campo

À pergunta se a Land Art tinha contribuído para a escolha entre viver no campo e na cidade, 95% do grupo respondeu que sim (18 alunos) e 5% (um aluno) respondeu talvez.

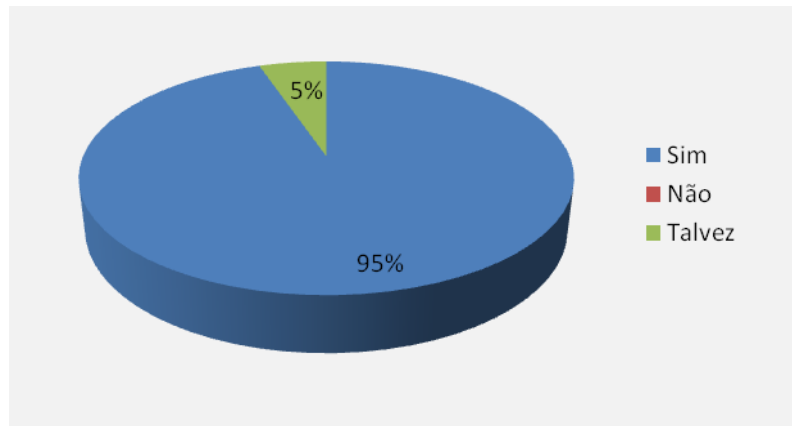


Figura 53 – Contribuições da Land Art para a tomada de decisão, se preferem viver na cidade ou no campo

3.^a Questão – Preferência por materiais da natureza

Pediu-se aos alunos que assinalassem, dos materiais com que trabalhamos, dois de que tivessem gostado mais. O barro recolheu as preferências, com 39% de sinalizações (15 alunos); a água com 6% foi o segundo elemento mais assinalado (6 alunos); as folhas e as pedras foram escolhidas por 4 alunos (11%); as flores foram assinaladas por 3 elementos do grupo (8%); o musgo, areia e paus foram assinalados, respetivamente, por 2 alunos, 5% para cada no cômputo da percentagem total.

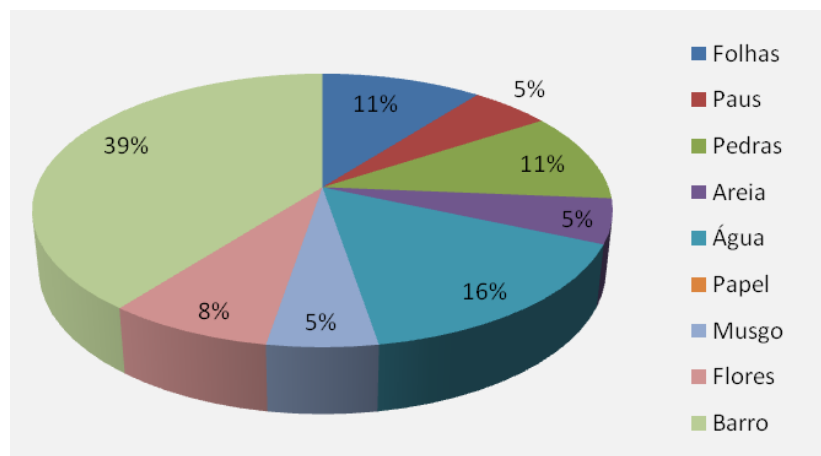


Figura 54 – Preferência por materiais da natureza

4.^a Questão – Preferência pela execução de obras com os 4 elementos da natureza

Na quarta questão pediu-se aos alunos que apontassem, dos quatro elementos da natureza, aquele com o qual gostavam de trabalhar. Dos 19 alunos do grupo 8 preferiram a água (42%); 26% o ar (5 alunos); 4 alunos preferiram a terra (21%) e 2 alunos escolheram o fogo (11%).

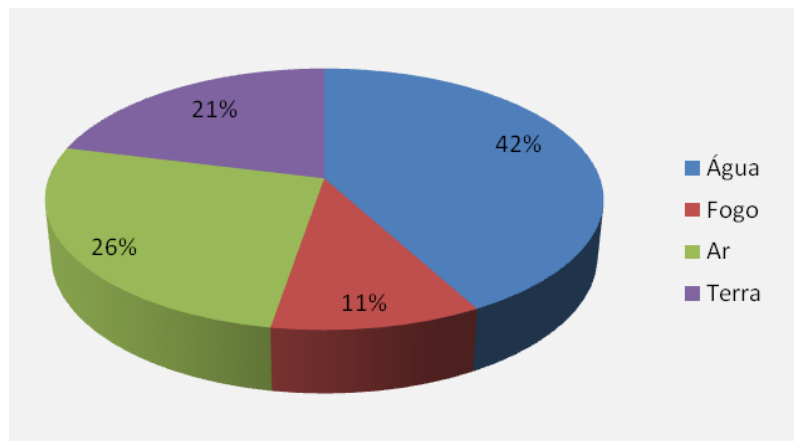


Figura 55 – Preferência pela execução de obras com os quatro elementos da natureza

5.^a Questão – Técnica preferida para trabalhar o barro

Na quinta questão pretendeu-se saber qual das técnicas para trabalhar o barro, os alunos consideravam mais interessante e se sentiam mais à vontade. Apesar de não ter havido a possibilidade de trabalhar com a roda de oleiro, a maioria assinalou esta técnica, 42% do grupo (8 alunos); 6 alunos preferiram a técnica da bola (32%); 2 alunos escolheram a lastra e outros 2 o repuxado, apenas um escolheu as columbinas ou técnica do rolo.

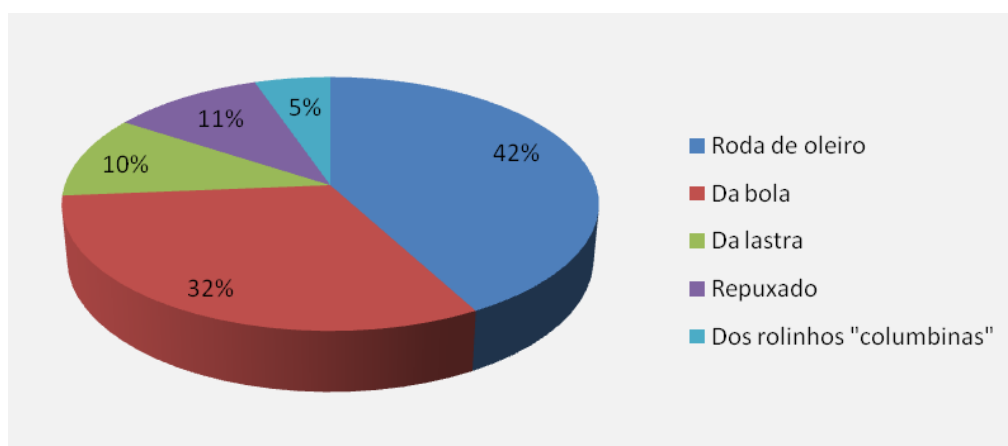


Figura 56 – Técnica preferida para trabalhar o barro

6.ª Questão – Palavras novas que os alunos aprenderam

Nesta questão pretendeu-se saber se os alunos tinham adquirido vocabulário novo com as sessões realizadas, pediu-se-lhes que escrevessem 6 palavras que tivessem aprendido. Nem todos os alunos escreveram o número de palavras pedidas. Conforme é dado observar na figura 57, muitos alunos, na tentativa de respeitarem o que se lhes pediu, anotaram palavras que, com toda a certeza, já conheciam. Quanto às 6 palavras mais assinaladas, há maior probabilidade de, até então, os alunos não terem tido contato com as mesmas, foram: topiária, repuxado, Land Art, lastra, botânica e columbinas.

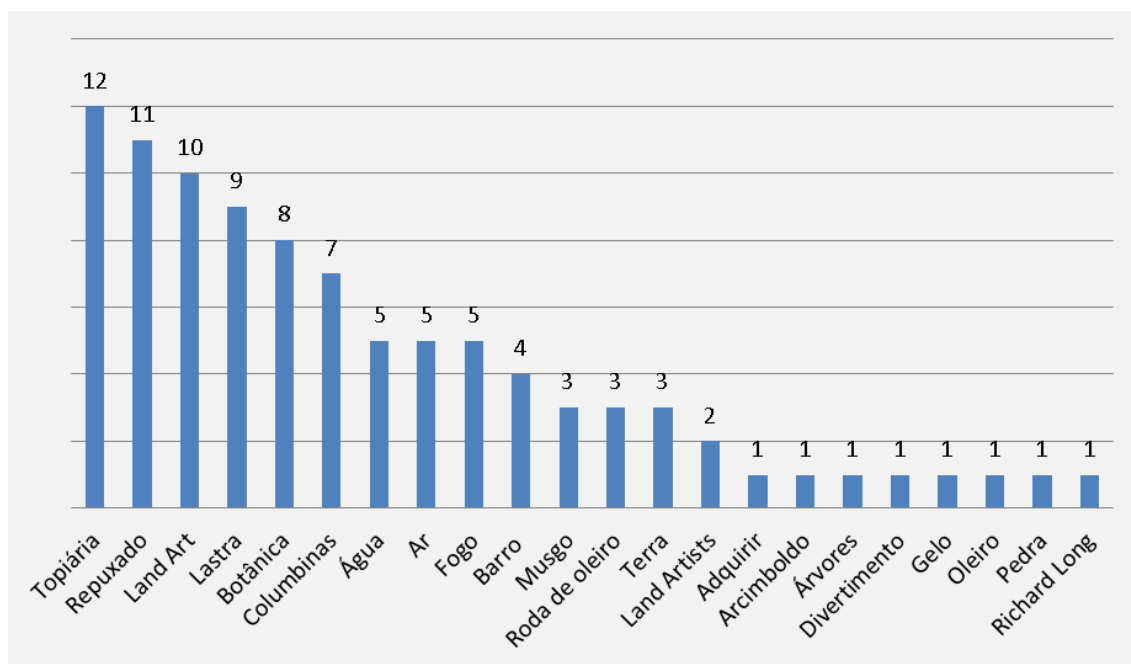


Figura 57 – Palavras novas que os alunos aprenderam

7.ª Questão – Importância do diário de Land Art

Na sétima questão pediu-se aos alunos que escolhessem, das opções dadas, duas que ilustrassem a importância que tinha tido o diário de Land Art (também designado por caderno de Land Art) ao longo das sessões. Do total do grupo, 34% (13 alunos) assinalou a opção divertido; 11 alunos (29%) consideraram importante; 9 alunos (24%) escolheram a opção útil e os restantes 5 elementos do grupo (13%) assinalaram a opção para continuar a usar.

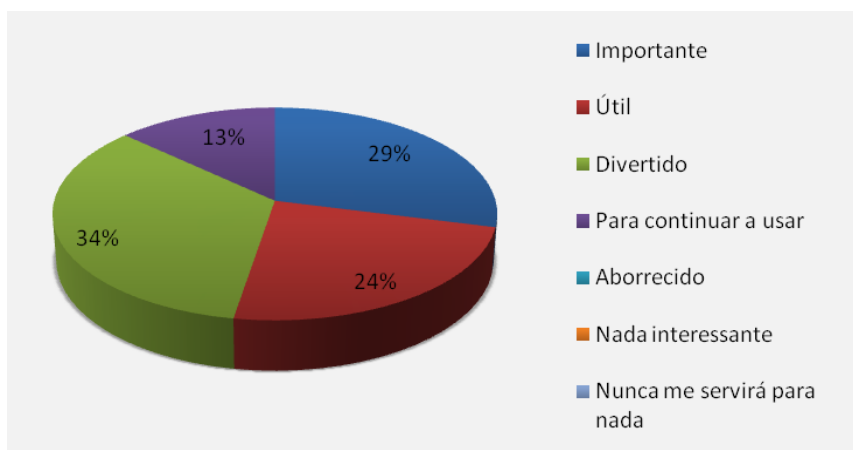


Figura 58 – Importância do diário de Land Art

8.ª Questão – Gosto por repetir a experiência de Land Art

Na oitava questão averiguava-se se os alunos gostariam de voltar a participar numa experiência como esta, justificando a sua resposta. O total do grupo mostrou interesse em repetir a experiência, uns justificaram dizendo porque aprendiam mais e coisas novas (9 alunos); outros porque era divertido, interessante e importante (6 alunos); 2 alunos justificaram por ser giro; uma criança porque é artístico e inspirador e outro aluno disse que gostava de voltar a participar porque gosta de Land Art.

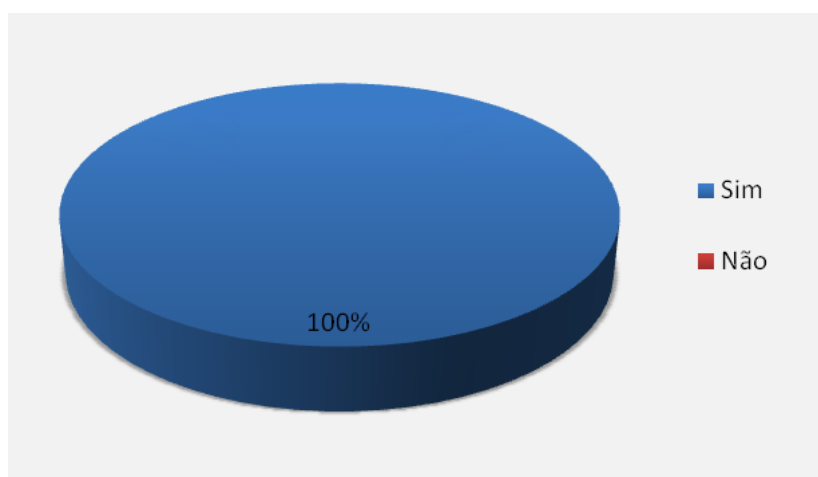


Figura 59 – Gosto por repetir a experiência de Land Art

9.ª Questão – O que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas

A questão número nove serviu para as alunos darem a sua opinião sobre o que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas. Como é dado observar na figura 45, 68% do grupo (13 alunos) assinalou a opção que diz para trabalhar as expressões artísticas, o mais importante é pensar 1.º e fazer pesquisas e os outros 6 alunos (32% do grupo) escolheram a opção para trabalhar nas expressões plásticas é preciso de pensar e de fazer.

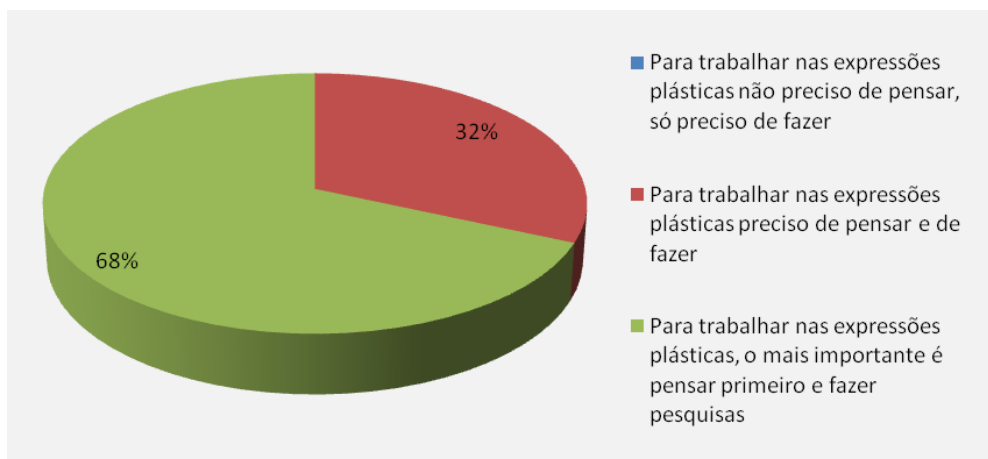


Figura 60 – O que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas

10.ª Questão – Conhecimentos adquiridos com as atividades desenvolvidas

Na última questão do inquérito final, pedia-se aos alunos que tentassem recordar as atividades desenvolvidas e, numa frase anotassem algum conhecimento adquirido. Trabalhar e limpar o barro foi o conhecimento mais assinalado: 55% do grupo (10 alunos); 4 alunos (20% do grupo) referiram a topiária e botânica; 2 alunos (10% do grupo) nomes de artistas e trabalhos dos mesmos; mais 2 alunos (outros 10%) disseram ter aprendido novos conceitos de natureza relacionados com os 4 elementos e, um aluno (5% do grupo) referiu ter aprendido novas palavras e expressões.

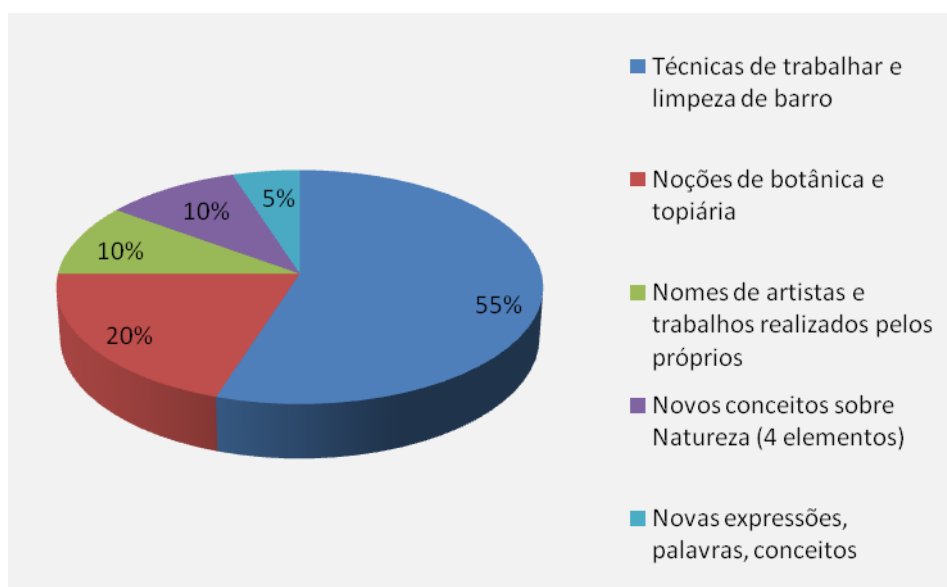


Figura 61 – Conhecimentos adquiridos com as atividades desenvolvidas

3.4.1.6. Respostas aos inquéritos finais pelos alunos do 4.º ano do Ensino Básico

1.ª Questão – Preferência por viver na cidade ou no campo

Quando se perguntou aos alunos do 4.º ano se preferiam viver na cidade ou no campo, 70% do grupo (14 alunos) escolheu a opção viver no campo e 30% (6 alunos) a opção viver na cidade. As justificações foram variadas. Cinco dos alunos que preferem o campo disseram ser por haver ar livre e puro, por poderem brincar ao ar livre e haver liberdade. Três alunos justificaram a proximidade e contacto com a natureza, para viverem no campo. Um aluno preferia o campo pois tinha facilidade em fazer Land Art. Um outro aluno considera que as ideias fluem e há liberdade de pensamento. Dois alunos dizem ser um espaço de liberdade, descontração e pensamento livre. Um aluno diz haver facilidade em cultivar e plantar. A paz, barulhos incomodativos, ausência de poluição sonora e não haver trânsito, foram as justificações de um outro aluno.

Os seis alunos que preferem a cidade justificam das seguintes formas a sua escolha: há transportes públicos, tecnologia e energias renováveis (dois alunos); um diz que tem os amigos na cidade; três dizem ter na cidade maior acesso ao consumo e serviços.

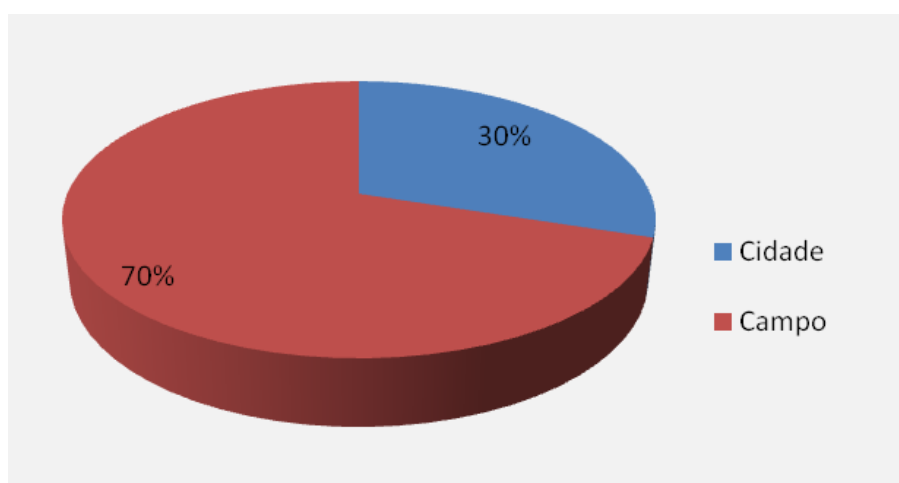


Figura 62 – Preferência por viver na cidade ou no campo

2.^a Questão – Contribuição da Land Art para a tomada de decisão, se preferem viver na cidade ou no campo

Nesta segunda questão do inquérito final, todos os alunos (20 alunos) foram inquiridos quanto à contribuição da Land Art para a sua tomada de decisão, quanto à preferência por viver na cidade ou no campo.

Conforme se observa na figura n.º 63, 70% dos alunos (14 alunos) assinalaram a opção sim para contribuição da Land Art na preferência por viver na cidade ou no campo, 10 % (2 alunos) referiram a opção não e 20% (4 alunos) a opção talvez.

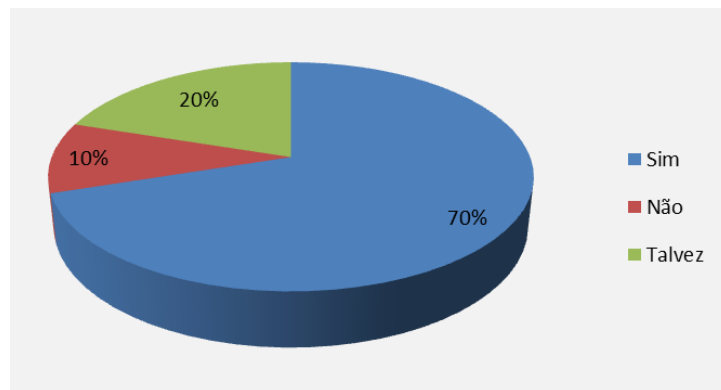


Figura 63 – Contribuição da Land Art para a tomada de decisão, se preferem viver na cidade ou no campo

3.^a Questão – Preferência por materiais da natureza

Em relação à terceira questão e à preferência por materiais da natureza, os 20 alunos (100%) tiveram de assinalar duas opções o que efetivamente se verifica num total de 40 respostas. Os materiais constantes das nove opções eram: folhas, paus, pedras, areia, água, papel, musgo, flores e barro. Com maior percentagem, 25 de 100%, o que corresponde a 10 alunos, têm preferência pelo barro, seguem-se as pedras com 18% (7 alunos) e a areia com 15% (6 alunos). Todos com 4 alunos (10%) aparecem outros materiais da natureza como as flores, o musgo e a água. Entre os restantes temos as folhas com 7% (3 alunos), os paus com 5% (2 alunos) e não tendo sido selecionado por nenhum aluno, o papel.

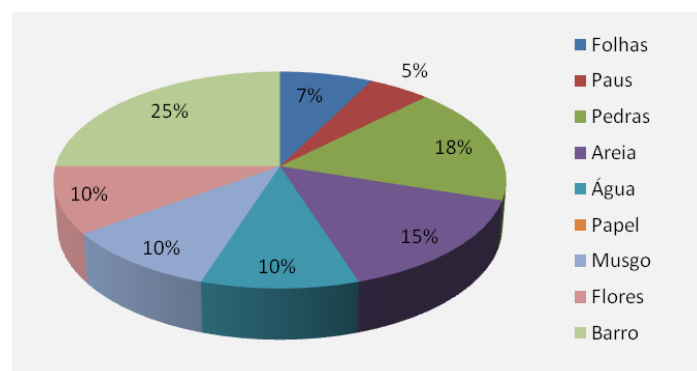


Figura 64 – Preferência por materiais da natureza

4.^a Questão – Preferência pela execução de obras com os 4 elementos da natureza

Dos 20, 8 alunos (40%) têm o elemento terra como o preferido, segue-se o fogo com 7 alunos (35%), a água com 3 alunos (15%) e como elemento menos preferido na execução de obras com os 4 elementos da natureza, 2 (10%) dos 20 alunos assinalam o ar.

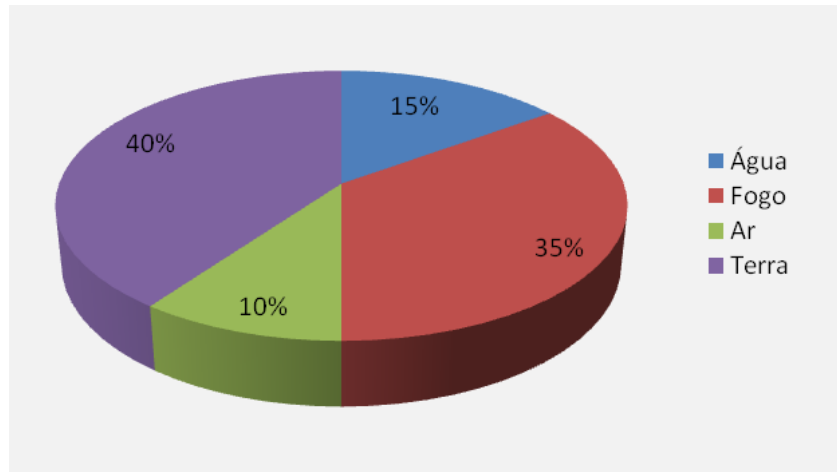


Figura 65 – Preferência pela execução de obras com os quatro elementos da natureza

5.^a Questão – Técnica preferida para trabalhar o barro

Na quinta questão, a totalidade dos alunos (20 alunos) foram inquiridos sobre a sua técnica preferida para trabalhar o barro. As técnicas trabalhadas foram: a roda de oleiro, a técnica da bola, da lastra, repuxado e dos rolinhos “columbinas”. As mais assinaladas foram a técnica de repuxado com um total de 6 alunos (30%), assim como a técnica dos rolinhos “columbinas”. 20% (4 dos 20 alunos) preferem trabalhar com a roda de oleiro e com a mesma percentagem, a técnica da lastra. A técnica da bola não foi uma das opções preferidas.

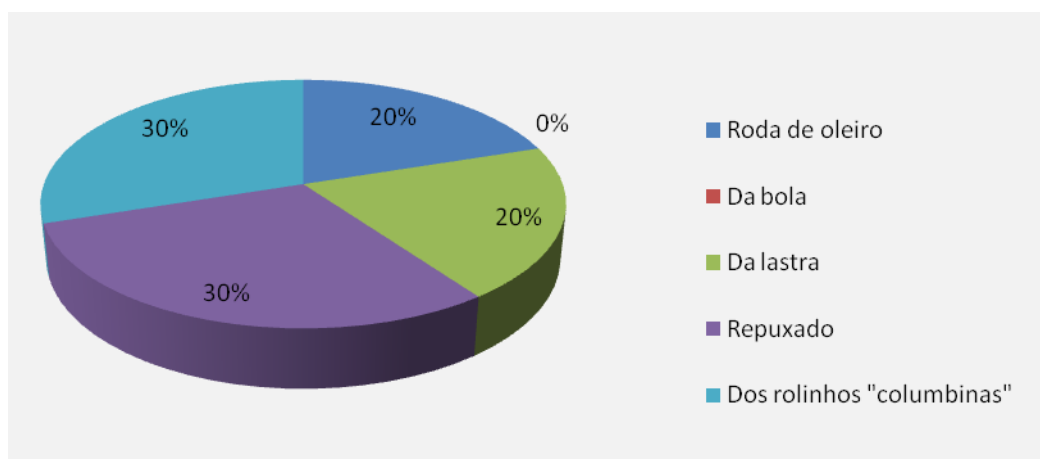


Figura 66 – Técnica preferida para trabalhar o barro

6.ª Questão – Palavras novas que os alunos aprenderam

Todos os alunos foram inquiridos quanto a seis palavras novas que aprenderam no decurso do projeto. Nem todos os alunos conseguiram referir a totalidade dessas palavras. É notório na imagem da figura n.º 67 que a palavra mais referida foi lastra, com 18 menções. Segue-se o vocábulo columbinas (16), o repuxado com 10 menções, com 6 referências a palavra Land Art, sedimentares (5), com 4 menções os vocábulos topiária e magmáticas e a roda de oleiro e Arcimboldo, ambas com 3 referências. Para além destes vocábulos, outros foram referidos. Com 2 menções, as palavras ametista, água, ar, âmbar, ocarinas, hidrosfera, caulino e anemómetro. Mencionados uma única vez, os vocábulos barreira, lenhite, Land Artists, barro, natureza, jogo, calcárias, paisagística, trompe l'oeil e vulcão.

Pelas palavras mencionadas é notória alguma falta de compreensão perante a questão.

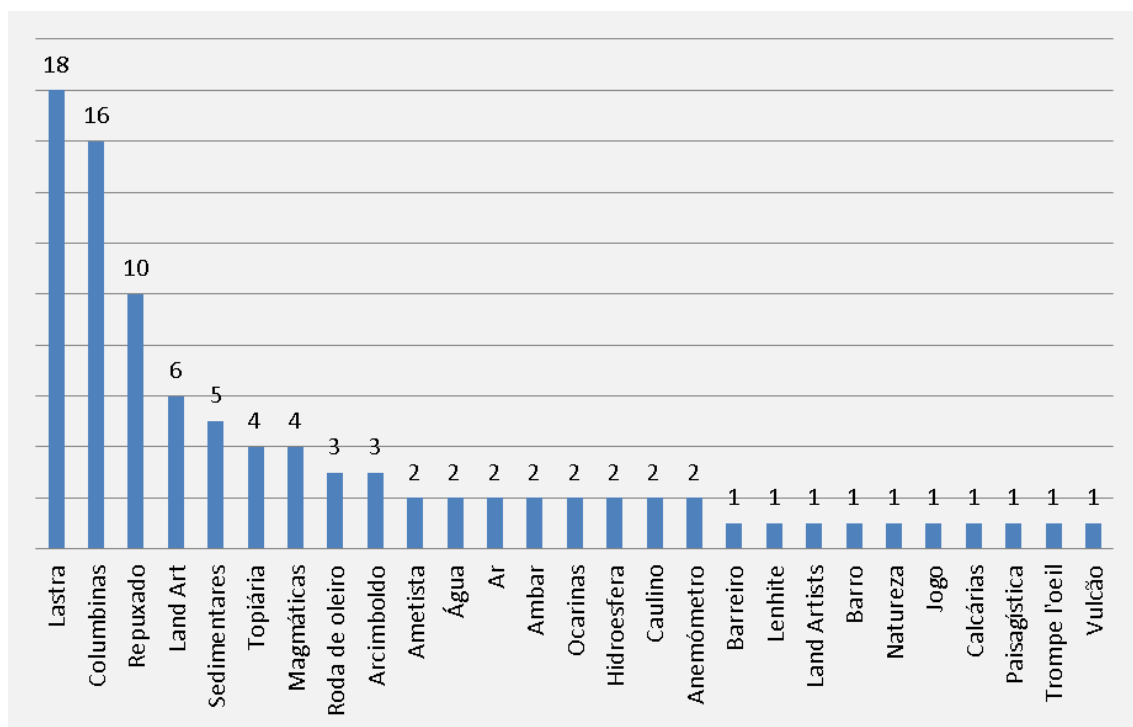


Figura 67 – Palavras novas que os alunos aprenderam

7.ª Questão – Importância do diário de Land Art

Na sequência da realização do diário de Land Art, questionou-se os 20 alunos sobre a sua importância. Dos 100, 37% (15 dos 20 alunos) considerou ser útil. 35% (14 alunos) assinalou a opção importante, 20% (8 alunos) divertido e 8% (3 alunos) considera que o diário de Land Art é para continuar a usar. As restantes opções, tais como, aborrecido, nada interessante e nunca me servirá para nada, não foram sequer assinaladas.

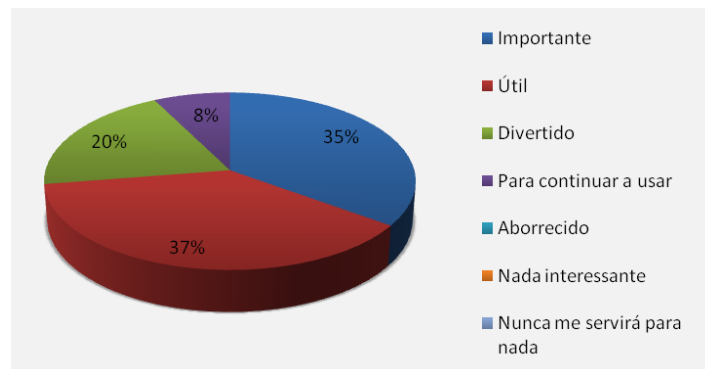


Figura 68 – Importância do diário de Land Art

8.ª Questão – Gosto por repetir a experiência de Land Art

Na oitava questão do inquérito final, foi importante perceber se os alunos teriam gosto por repetir a experiência de Land Art. Conforme se verifica na figura n.º 69, todos os 20 alunos (100%) teriam gosto em repetir.

É interessante mostrar as justificações dadas pelos próprios, assim: 6 dos 20 alunos referiram ter sido divertido e uma fonte de inspiração, 5 referem como importante as novas aprendizagens e a utilização de novos materiais, com o mesmo número dos alunos (5), a possibilidade em trabalhar Land Art, 3 alunos a possibilidade de trabalhar na natureza e o contacto com ela e com uma única resposta, a possibilidade de mostrar esta capacidade e criatividade.

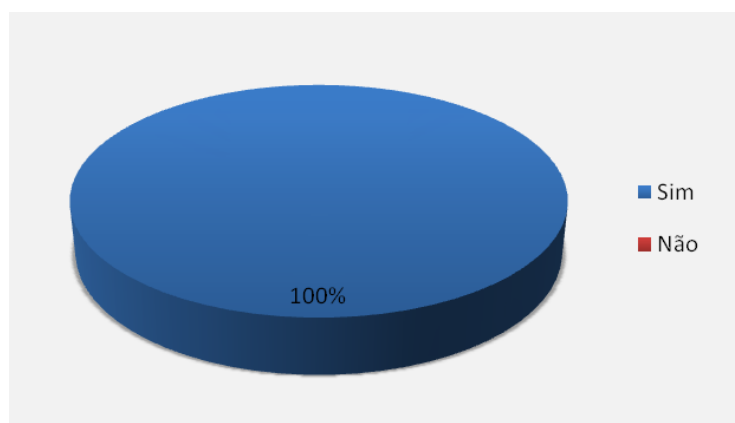


Figura 69 – Gosto por repetir a experiência de Land Art

9.ª Questão – O que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas

Nesta nona questão, tencionou-se saber o que os alunos entender ser necessário para trabalhar nas expressões plásticas. De entre as três opções, a mais assinalada foi a opção para trabalhar nas expressões plásticas, o mais importante é pensar 1.º e fazer pesquisas, com 65% (13 alunos). Os restantes 35% (7 dos 20 alunos) referiram que para trabalhar nas expressões plásticas preciso de pensar e de fazer. Nenhum aluno assinalou a terceira opção: para trabalhar nas expressões plásticas não preciso de pensar, só preciso de fazer.

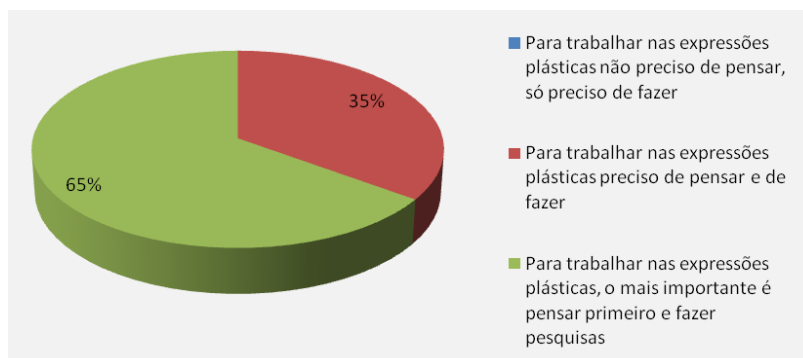


Figura 70 – O que será necessário para trabalhar nas expressões plásticas

10.ª Questão – Conhecimentos adquiridos com as atividades desenvolvidas

Esta última questão serviu para inferir sobre os conhecimentos dos alunos adquiridos com as atividades desenvolvidas.

De entre as sete opções, foram as novas aprendizagens relacionadas com a técnica do barro, a escolha mais assinalada, com 7 (35%) da totalidade dos alunos (20 alunos). Com 15% cada, assinalaram as opções, novas aprendizagens com os quatro elementos (3 alunos), conhecimentos sobre a natureza; projeto. Segue-se a opção métodos de organização, 10% (2 alunos). Ambos com 5% (um aluno), as opções, reflexões que serviram para reavivar matéria já estudada e conhecimento de trabalhos e de novos artistas.

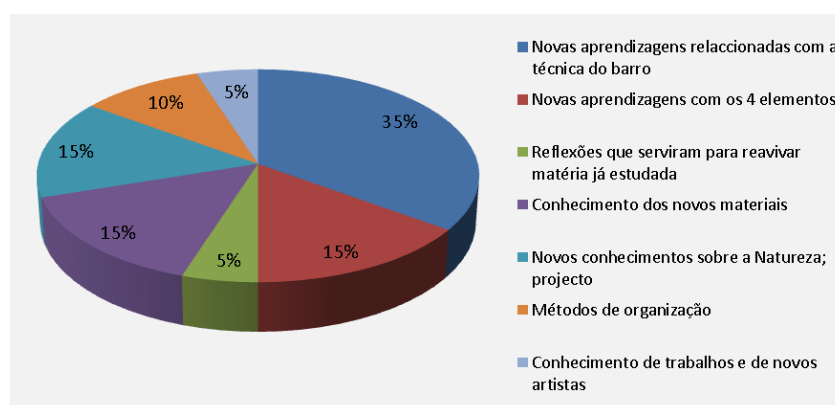


Figura 71 – Conhecimentos adquiridos com as atividades desenvolvidas

3.4.1.7. Interpretação dos resultados dos inquéritos aos alunos

O texto que se segue faz a leitura sistematizada dos resultados dos inquéritos aos alunos apresentados graficamente e de forma descritiva. Ao mesmo tempo referem-se alguns autores que sublinham a importância deste método de trabalho com as crianças em diversos contextos. Na obra “Educar a criança” de Hohmann & Weikart (2011), lê-se “através da aprendizagem pela ação – viver a experiência direta e imediata e retirar delas significado através da reflexão [...] as crianças envolvem-se em experiências chave – interações criativas e permanentes com pessoas, materiais e ideias que promovem o crescimento intelectual, emocional, social e físico” (p. 5).

As respostas às perguntas sobre as preferências de brincar em espaços abertos e em executar trabalhos com diversos materiais naturais (quarta, sexta e sétima perguntas do inquérito inicial) mostram que as crianças sentem ser esta uma forma de agir da sua preferência. Quanto à questão onze, sobre a utilidade do projeto Land Art, a maioria referiu que o mesmo servia para aprender e divertir.

Quanto aos espaços que as crianças preferiam para trabalhar, a maioria escolheu o exterior; o estar ao ar livre. Foi visível a felicidade que sentiam nesse contexto e a forma como interagiam entre elas e o meio. Hohmann & Weikart (2011) referem “enquanto aprendizes ativos, as crianças desenvolvem os seus próprios interesses, encontram as respostas para as suas próprias perguntas e partilham as suas descobertas com os outros” (p. 15).

Quanto à definição de Land Art, as crianças tiveram dificuldade em interiorizar o conceito, quer no inquérito intermédio, onde no 3.º ano só dois alunos assinalaram a opção verdadeiramente correta e no 4.º ano, cinco alunos. Hohmann & Weikart (2011), afirmam que “habitualmente são precisas muitas experiências para que uma criança adquira um conceito novo” (p. 21).

Nos inquéritos finais, as crianças responderam à primeira questão, preferência por viver na cidade ou no campo, optando maioritariamente pela opção, viver no campo. Cinco crianças do 3.º ano e uma do 4.º ano, justificaram esta preferência por no campo terem mais liberdade de fazerem Land Art, Hohmann & Weikart (2011), citando Gardner (1983), completam que “a inteligência espacial nasce da ação que a criança exerce sobre o mundo” (p. 737).

Quando foram questionados sobre os materiais com que preferiam trabalhar (terceira questão do inquérito intermédio), quer o 3.º ano quer o 4.º ano escolheram o barro. À questão sobre com qual elemento da natureza gostariam de executar uma obra de Land Art, o 3.º ano respondeu maioritariamente o elemento água, e o 4.º ano o elemento terra. Revelaram que a técnica que preferiam para trabalhar o barro era a

roda de oleiro no caso do 3.º ano e o 4.º ano repartiu as suas preferências pela técnica do repuxado e do rolinho/columbinas.

Hohmann & Weikart (2011), afirmam que “as experiências chave são oportunidades contínuas de aprendizagem, sobre as propriedades dos materiais” (p. 452). É curioso assinalar que as crianças do 3.º ano optaram pela roda de oleiro, pois não trabalharam com a mesma, esta apenas lhes foi explicada como funcionava.

À sexta questão do inquérito final, palavras novas aprendidas, os dois grupos ficaram confusos e, apontaram palavras que já conheciam, talvez tenha existido confusão com o facto de as usarem com pouca frequência.

A sétima questão, importância do diário de Land Art, o 3.º ano considerou ser uma atividade divertida e o 4.º ano, útil.

A questão, gosto por repetir a experiência de Land Art, recolheu dos dois grupos unanimidade em desejar a repetição da experiência.

Quando se perguntou o que será necessário para se trabalhar nas expressões plásticas, os dois grupos referiram ser mais importante “pensar primeiro e fazer pesquisa”.

Na última questão do inquérito final pretendeu saber-se se os alunos tinham considerado ter adquirido conhecimento com as atividades desenvolvidas. Os dois referiram que o que aprenderam de novo estava relacionado com a técnica do barro. A esta opção seguiu-se as aprendizagens com os quatro elementos da natureza; outros referiram a botânica e topiária e, no 4.º ano houve quem referisse ter adquirido conhecimentos sobre trabalhos artísticos e novos artistas (Land Artists e Arcimboldo).

Para terminar esta breve análise, o objetivo de levar os alunos a olharem/observarem a natureza e, não sendo este o objetivo de mais peso em todo o trabalho. Ele foi razoavelmente conseguido e é evidente a riqueza de abordagens que o mesmo permite, assim como a interdisciplinaridade de que é portador. Uma das situações privilegiadas que permite, a do trabalho de grupo, foi dado observar que ao ar livre se gerem estes de forma mais pacífica. Os grupos organizam-se de forma não conflitual, o que não acontece em contexto de espaço fechado, na maioria das vezes.

Como dizem Hohmann & Weikart (2011), “as crianças em ação são questionadoras e inventoras” (p. 23).

Ainda a propósito do ambiente, Soczka (2005), citando Proshansky, Ittelson & Rivlin (1971), afirmam:

O ambiente é um processo ativo e contínuo cujas componentes definem e são definidas pela natureza das inter-relações entre elas num dado momento e ao longo do tempo [...] apesar do participante permanecer em larga escala parte inconsciente das envolventes do

processo ambiental, essas envolventes continuam a exercer uma influência considerável no seu comportamento (p. 105).

3.4.2. Respostas dos inquéritos aos pais dos alunos do 3.º ano de Ensino Básico

No 3.º ano o grupo tinha 20 elementos, mas só 16 pais responderam ao inquérito, por diversos motivos, entre os quais, início do tempo de férias antes de terminar o período letivo.

3.º Ano – Ensino Básico

1.ª Questão – Comentários que os alunos teceram sobre as atividades desenvolvidas

Quando se perguntou aos pais se os seus educandos abordavam as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio, 12% (2 alunos) referiram que os mesmos nunca falaram no tema, 38% (6 alunos) falaram algumas vezes e 50% (8 alunos) falaram muitas vezes.

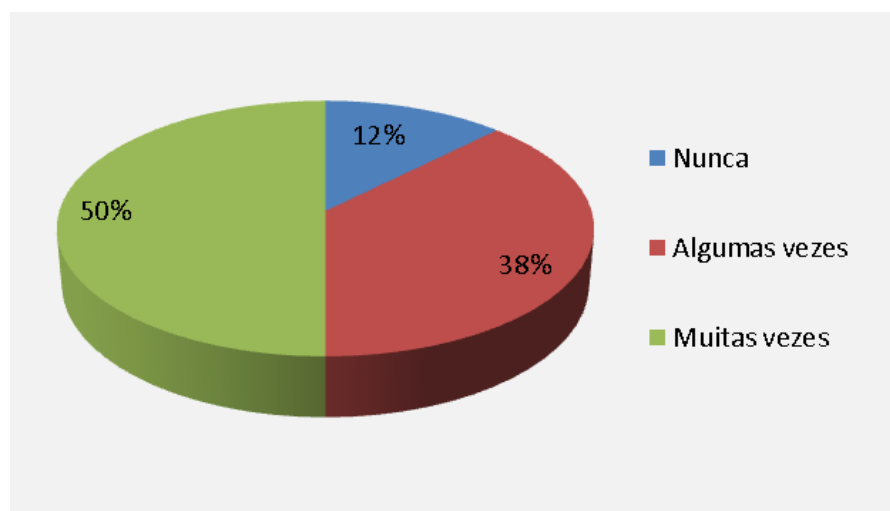


Figura 72 – Comentários que os alunos teceram sobre as atividades desenvolvidas

2.^a Questão – Solicitada ajuda para realização de trabalhos, inclusive o do Diário de Land Art

Na segunda questão, 50% do grupo (8 pais) referem que os seus educandos solicitaram ajuda na realização de trabalhos. Outros tantos, 50% (8 pais) responderam que não houve qualquer pedido de ajuda.

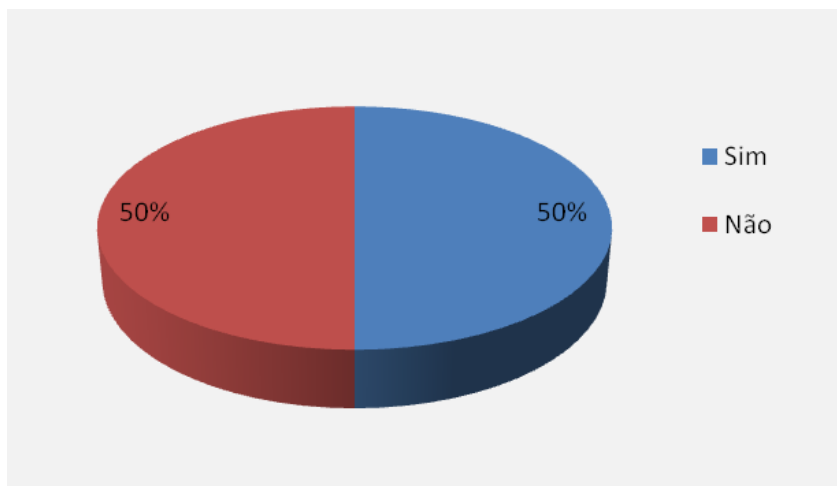


Figura 73 – Solicitada ajuda para realização de trabalhos, inclusive o do diário de Land Art

3.^a Questão – Realizadas consultas/Pesquisas sobre Land Art

Na figura n.º 74, verifica-se a quantidade de alunos que realizaram consultas e/ou pesquisas sobre Land Art. Inquiridos os pais, 31% (5 pais) responderam negativamente e 69% (11 pais) referiram que se aperceberam das consultas e/ou pesquisas realizadas pelos seus filhos.

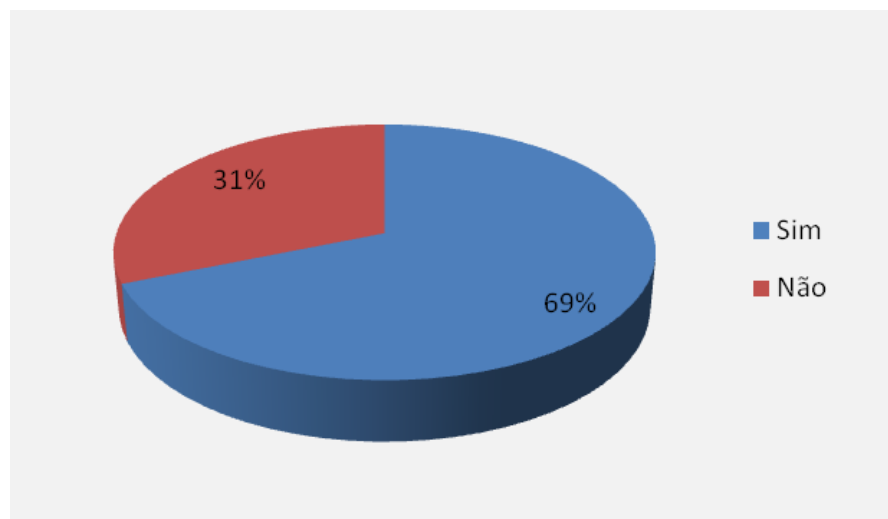


Figura 74 – Realizadas consultas/Pesquisas sobre Land Art

4.^a Questão – Demonstração de maior interesse para sair para o campo/natureza

Inquiridos os pais relativamente às saídas para o campo/natureza solicitadas pelos seus educandos, verifica-se que existiu por parte de 19% (3 alunos) mais pedidos de saídas desde que participaram no projeto, 50% (8 alunos) apenas o solicitou algumas vezes e 31% (5 alunos) nunca demonstrou maior interesse nessas saídas.

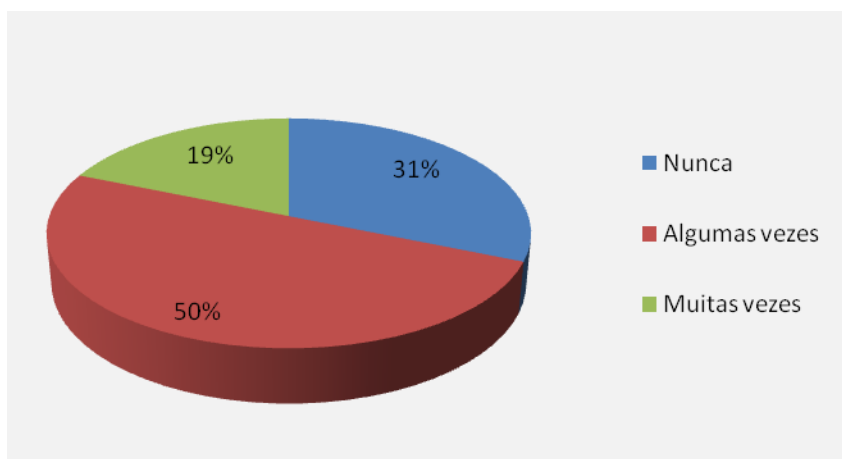


Figura 75 – Demonstração de maior interesse para sair para o campo/natureza

5.ª Questão – Importância do projeto no desenvolvimento dos alunos

Na quinta questão, os pais foram questionados relativamente à importância do projeto no desenvolvimento dos seus educandos. A maior parte deles, 87% (14 pais), considerou útil e 13% (2 pais) desconheciam o projeto.

Entre os pais que viram no projeto interesse, foram apontadas como vantagens, a aquisição de novos conhecimentos, estímulo à descoberta e melhor consciência do que existe à sua volta; desenvolvimento do gosto e curiosidade dos alunos pela natureza; responsabilização dos alunos; desenvolvimento psico-motor; conhecimento do meio ambiente e utilização dos bens da natureza e dar-lhe o devido valor; possibilidade de novas experiências; possibilidades de desenvolver novas capacidades e interesses; resultados educativos no futuro; promoção do respeito pelo ambiente; alargar os conhecimentos culturais e sensoriais; bom para a criatividade e a linguagem.

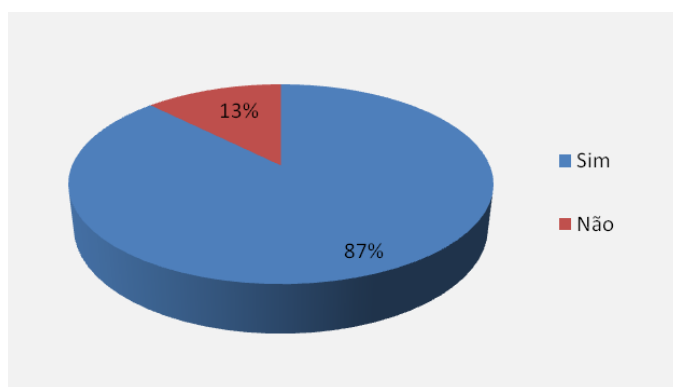


Figura 76 – Importância do projeto no desenvolvimento dos alunos

6.ª Questão – Conhecimento da corrente artística Land Art

Apenas 6% dos inquiridos (1 pai), disse conhecer esta corrente artística. Os restantes, 94% (15 pais) disseram desconhecer esta forma de arte.

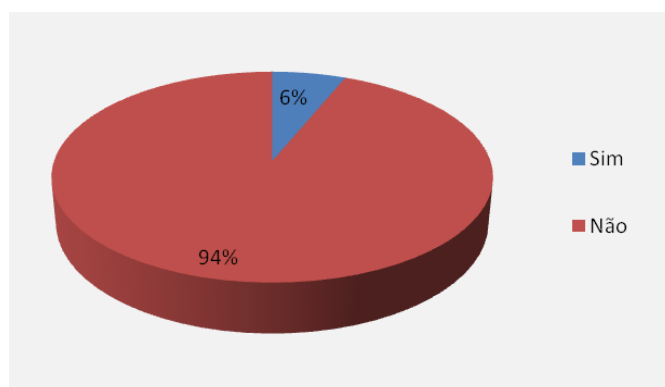


Figura 77 – Conhecimento da corrente artística Land Art

7.ª Questão – Consideração sobre se as expressões artísticas melhoram o desenvolvimento/desempenho curricular

No total dos inquéritos realizados (16), apenas são contabilizadas nesta questão 15 respostas por um dos inquiridos não ter entendido a questão.

Como é visível na figura n.º 78, todas as respostas (100%) foram favoráveis quando os pais foram questionados relativamente às expressões artísticas se melhoram, ou não, o desenvolvimento/desempenho curricular dos seus educandos.

Embora fosse objetivo da questão, grande parte dos inquiridos não justificaram a sua afirmação. Ainda assim foi possível recolher algumas justificações. Segundo pais dos alunos, consideram que as expressões artísticas melhoram o desempenho curricular dos seus educandos na medida que aumentam o desenvolvimento das capacidades cognitivas e da sua imaginação, porque as faz sair dos hábitos diários como o computador, a televisão e a consola de jogos, porque os ajuda a ser mais criativos, motiva-os a querer saber mais, tornando-os mais desinibidos e com maior autoconfiança, permite-lhes novas aprendizagens tanto para os alunos como para os pais (promove a interação entre pais e filhos) e o desenvolvimento da sensibilidade e nova forma de ver determinadas coisas.

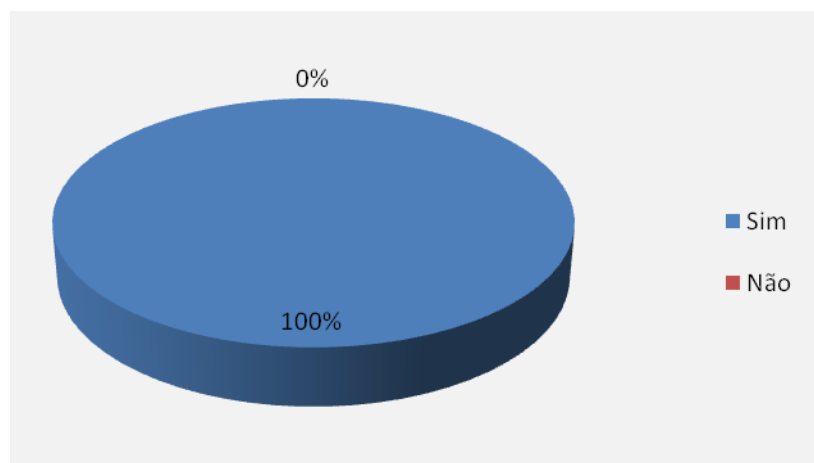


Figura 78 – Consideração sobre se as expressões artísticas melhoram o desenvolvimento/desempenho curricular

8.ª Questão – Apetência por desenvolver um projeto similar

Na questão oito do inquérito final realizado juntos dos pais dos alunos do 4.º ano, foi importante conhecer a sua opinião relativamente às suas apetências por desenvolver um projeto similar (interação entre pais e educandos). Pela tipologia de respostas negativas conferidas (81%, isto é, 13 dos 16 pais) pode ter havido falta de entendimento por parte dos inquiridos em relação a esta questão ou então estes sentiram efetivamente não estarem preparados para desenvolver um projeto similar, partindo da sua iniciativa. 19% (3 pais) consideraram estar aptos.

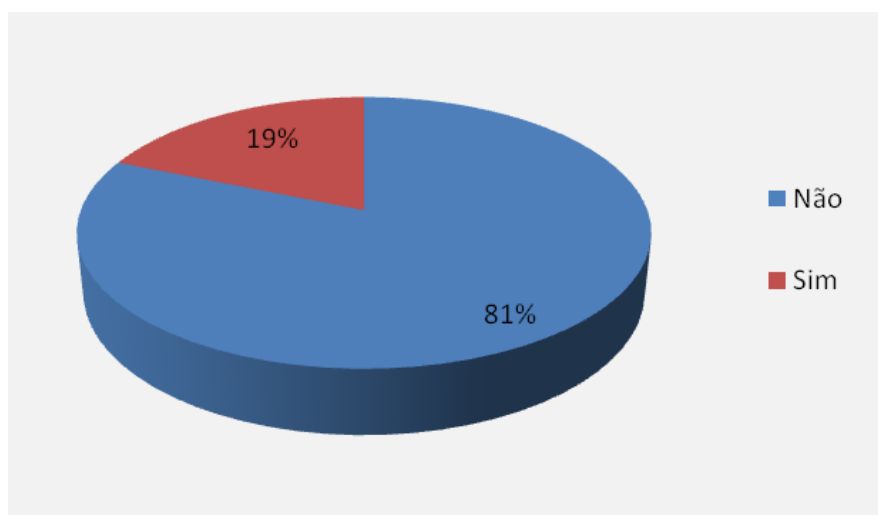


Figura 79 – Apetência por desenvolver um projeto similar

3.4.3. Resultados do inquérito aos pais dos alunos do 4.º ano do Ensino Básico

O grupo do 4.º ano contava com 22 elementos, contudo apenas 16 pais responderam, ao inquérito. Os motivos prenderam-se essencialmente com o início de férias que começaram antes de terminar o ano letivo.

1.^a Questão – Comentários que os alunos teceram sobre as atividades desenvolvidas

Na primeira pergunta do inquérito realizado aos pais dos alunos do 4.º ano do 1.º Ciclo, a opção muitas vezes foi a mais assinalada, com 63% (10 pais entre 16) quando lhes foi perguntado se os seus educandos teciam comentários sobre as atividades desenvolvidas no decurso do projeto Land Art. Outra opção contou com 37%, isto é, 6 pais responderam algumas vezes e nenhum pai respondeu nunca.

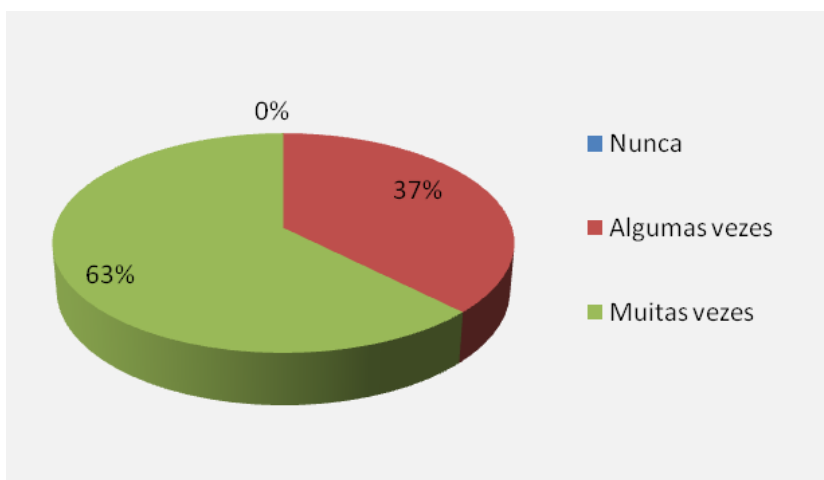


Figura 80 – Comentários que os alunos teceram sobre as atividades desenvolvidas

2.^a Questão – Solicitada ajuda para realização do diário de Land Art

62%, assim 10 num total de 16 pais assinalaram a resposta positiva à pergunta se os alunos solicitavam ajuda para realização do diário de Land Art. Os restantes 38% (6 pais) responderam que não lhes foi solicitada ajuda.

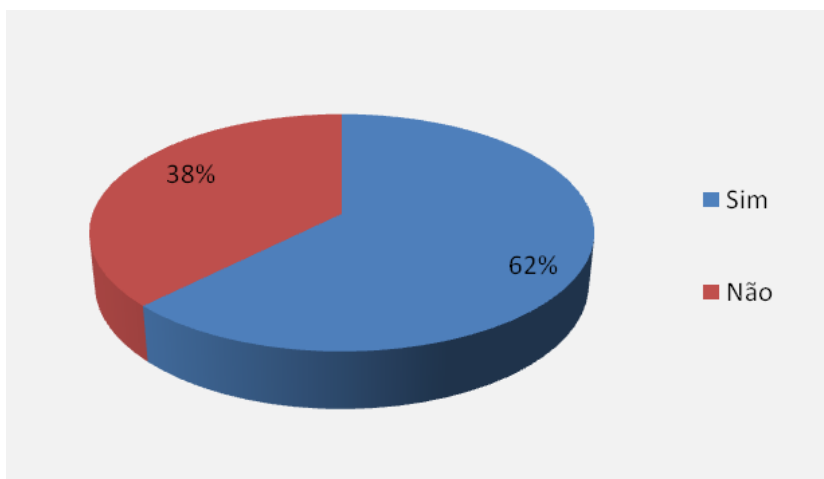


Figura 81 – Solicitada ajuda para realização do diário de Land Art

3.^a Questão – Realizadas consultas/Pesquisas sobre Land Art

Na figura 82 pode-se avaliar a percentagem de respostas à 3.^a questão do inquérito. Quando questionados se os seus educandos realizavam consultas/pesquisas sobre a temática da Land Art, 94% (15 dos 16 pais) assinalaram o sim como opção. Só um pai referiu que o aluno não realizava consultas.

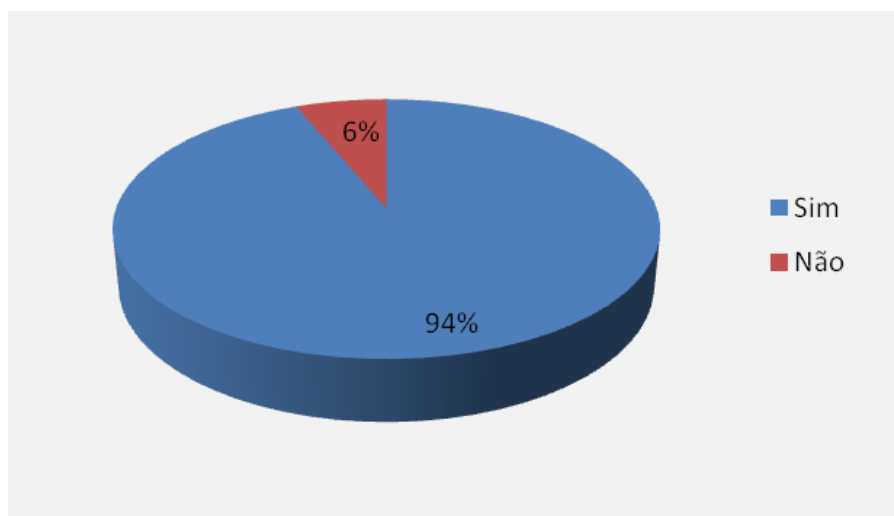


Figura 82 – Realizadas consultas/Pesquisas sobre Land Art

4.^a Questão – Demonstração de maior interesse para sair para o campo

No entendimento da mestrandade, é importante perceber se a partir do envolvimento dos alunos com os trabalhos de Land Art, se houve demonstração de maior interesse por parte deles para sair para o campo.

A opção algumas vezes foi a mais assinalada com 87% (14 pais). Os restantes 13% (2 pais) referiram que a vontade de sair para o campo tem sido demonstrada muitas vezes.

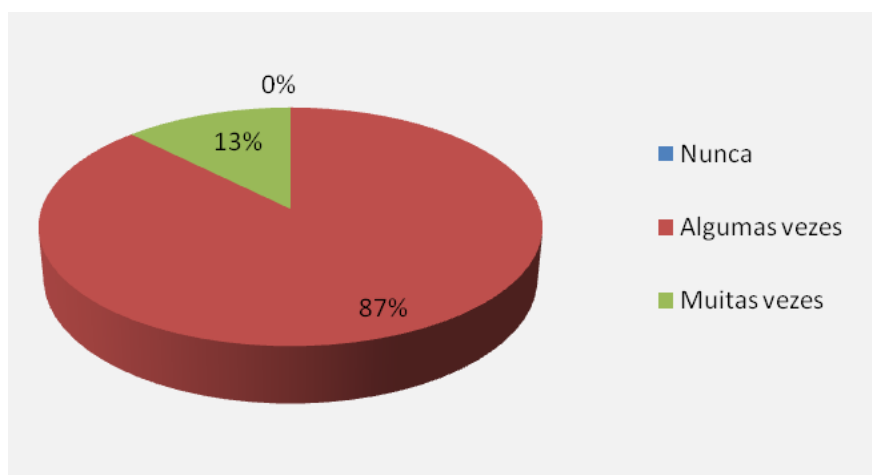


Figura 83 – Demonstração de maior interesse para sair para o campo

5.ª Questão – Importância do projeto no desenvolvimento da criança

Os pais dos alunos foram questionados relativamente à importância do projeto no desenvolvimento da criança. Todos os inquiridos (16 pais) consideraram ser importante.

Dentro das justificações mencionadas, referem que é importante pelo contato que existe com a natureza enquanto formação como indivíduo; que esse contato com a natureza é benéfico já que cada vez há menos essa possibilidade de contato; existe maior desenvolvimento cultural, da sua imaginação, aprofundado o conhecimento da natureza pela via artística; desperta em geral os sentidos dos alunos, nomeadamente o tato, que está relacionado com a mente. Repete-se a aproximação dos alunos à natureza, estimulando a criatividade, permitindo perceber o contexto natural e a interação entre a relação humana e a paisagem; abordagem de novos conceitos como a estética e efemeridade. É importante também porque há por parte dos alunos a percepção das alterações da natureza ao longo dos tempos; a natureza acaba por ter um efeito tranquilizador, pois os alunos têm liberdade de expressão, promove a destreza motora, sensibilizando-os para a importância do ambiente e da reutilização dos materiais naturais.

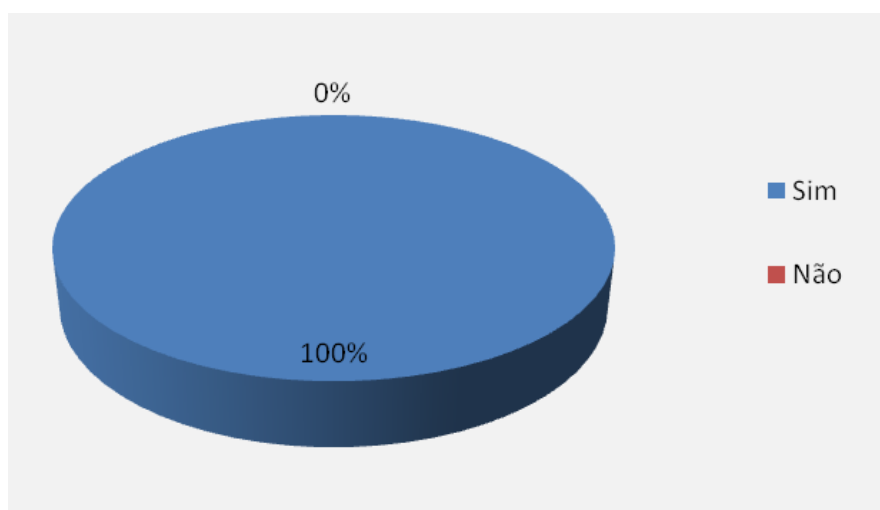


Figura 84 – Importância do projeto no desenvolvimento da criança

6.^a Questão – Conhecimento da corrente artística Land Art

Da totalidade dos inquiridos (16 pais), 53% (8 pais) tinham já conhecimento desta expressão artística. Os restantes 47% (7 pais) nunca tinham ouvido falar neste conceito.

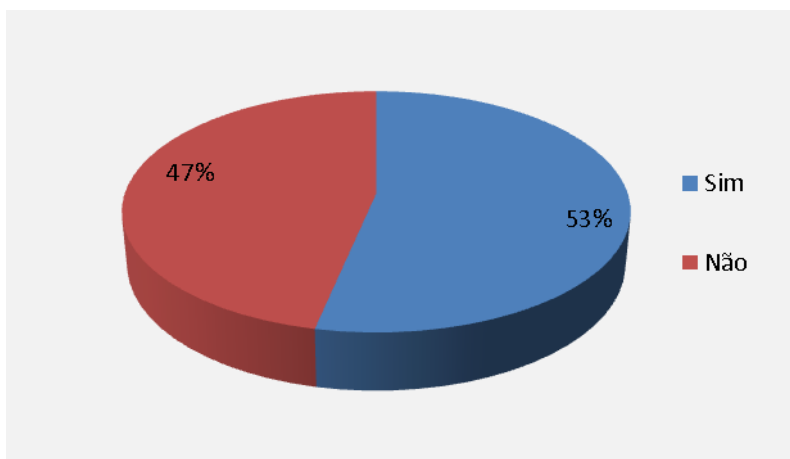


Figura 85 – Conhecimento da corrente artística Land Art

7.^a Questão – Consideração sobre se as expressões artísticas melhoram o desenvolvimento/desempenho curricular

A totalidade dos pais (16) considera que as expressões artísticas melhoram o desenvolvimento/desempenho curricular dos seus educandos, justificando a afirmação da seguinte forma: as expressões artísticas são um forte contributo para o aumento das aptidões; há um progresso na visão diferenciada sobre os materiais e como estes podem assumir outras formas através da transformação livre; há o descobrimento de novos talentos e a descoberta de interesses por novos materiais; aumenta a sensibilidade e o aluno exterioriza sentimentos. Este tipo de ações estimulam a criatividade como motor de inovação, os sistemas de relação entre pessoas, conceitos e linguagens; é um complemento para o quotidiano, um complemento enriquecedor; contribui para um crescimento mais harmonioso e promove o trabalho interdisciplinar; proporciona momentos únicos que contribuem para a sensibilização para as questões ambientais e desperta a necessidade de observação, desenvolve a memória, o espírito prático e o criativo. Desenvolve a motricidade que vai contribuir para o equilíbrio emocional e pessoal, competências essenciais no desenvolvimento dos alunos.

8.^a Questão – Apetência por desenvolver um projeto similar

Dos 16 inquiridos, só 15 pais responderam à oitava questão deste inquérito. Pode-se ter prendido com a falta de entendimento da questão. Quando questionados

se os pais sentem que teriam apetências por desenvolver um projeto similar, 67% (10 pais) responderam negativamente. Os restantes 33% (5 pais) consideraram estar aptos.

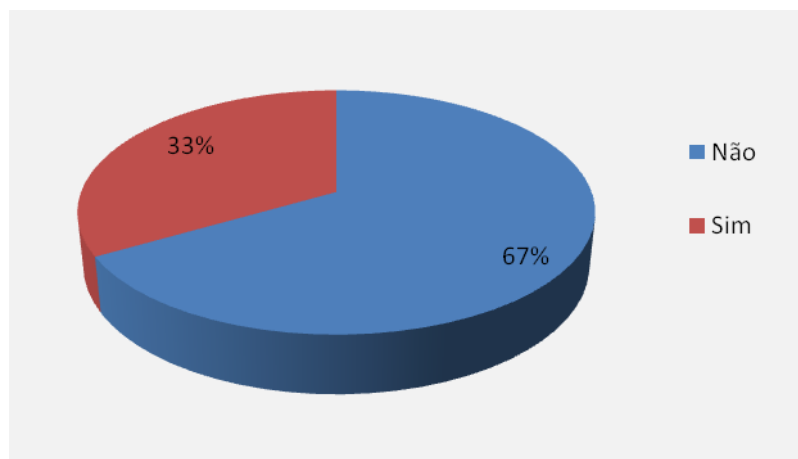


Figura 86 – Apetência por desenvolver um projeto similar

3.4.3.1. Interpretação dos resultados dos inquéritos aos pais

Os inquéritos aos pais foram elaborados com o objetivo, de saber da importância da validade do projeto, junto dos alunos e possível importância do mesmo para os pais.

Na primeira questão, os pais do 3.º ano referiram, maioritariamente, que os filhos falaram muitas vezes sobre as atividades desenvolvidas. No 4.º ano, a percentagem foi ligeiramente superior. Na segunda questão “ajuda para realização do diário de Land Art”, os alunos do 4.º ano solicitaram mais o apoio dos pais, do que os do 3.º ano. Relativamente à questão sobre os pedidos de saída para o campo/natureza, os alunos de ambos os grupos optaram maioritariamente por “algumas vezes”.

À questão “importância do projeto no desenvolvimento da criança”, 87% dos pais do 3.º ano respondeu, que era importante; enquanto que os pais dos alunos do 4.º ano responderam todos que tinha importância. Quando se inquiriu os pais sobre o conhecimento da corrente artística Land Art, os pais dos alunos do 3.º ano, numa percentagem de 94, responderam não conhecer e no 4.º ano, 47% responderam conhecer.

Quer no 3.º ano quer no 4.º ano, os pais foram unânimes em considerar que, as expressões artísticas melhoram o desenvolvimento/desempenho curricular das crianças.

Quando se perguntou aos pais se sentiam apetência por desenvolver um projeto semelhante, a maioria respondeu negativamente.

3.4.4. Respostas aos inquéritos das professoras do Jardim Escola

Foi importante ficar a conhecer a opinião das duas professoras do 3.º e 4.º ano do 1.º Ciclo relativamente ao projeto de Land Art desenvolvido no Jardim Escola onde trabalham. Foi assim realizado um inquérito por questionário no fim do projeto. As conclusões não serão apresentadas graficamente mas sim num texto descritivo de análise aos inquéritos.

A primeira questão diz respeito às atividades relacionadas com a Land Art e se os alunos desenvolveram ou não destrezas técnicas e manuais. Ambas as professoras foram da mesma opinião e, responderam que os alunos desenvolveram muitas destrezas técnicas e manuais.

As opiniões são divergentes quando a resposta é dada à segunda questão do inquérito, que pergunta se algum aluno ficou mais comunicativo. A professora dos alunos do 4.º ano respondeu que todos ficaram mais comunicativos e a outra professora respondeu que só alguns. Como é óbvio, os grupos não são homogêneos e dependendo dos anos escolares, assim podem divergir as respostas e/ou opiniões.

Quando questionadas sobre o ponto de vista da criatividade e se observaram algumas diferenças depois de iniciados os trabalhos sobre Land Art, as duas professoras responderam positivamente.

A questão seguinte fazia referência ao envolvimento dos alunos no tema da Land Art. Ambas as professoras concordaram que os alunos se envolveram muito no tema.

Foi importante perceber se os alunos fizeram referências aos trabalhos realizados durante as sessões de Land Art. Neste caso, as professoras não foram da mesma opinião. Uma respondeu que algumas vezes e, a outra muitas vezes, que os alunos fizeram referências aos trabalhos realizados durante o projeto.

O trabalho em equipa deve ser cada vez mais valorizado e, por isso foi colocada uma questão às professoras em que se queria saber se os alunos demonstraram melhor desempenho no trabalho em equipa, depois de iniciarem as sessões semanais sobre Land Art. A professora do 4.º ano respondeu à questão que muito e, a do 3.º ano respondeu que um pouco.

Segue-se a sétima questão, onde as professoras tiveram de responder sobre se depois da participação dos alunos nas sessões sobre Land Art, se adquiriram novos vocábulos e/ou conceitos. Houve concordância entre as professoras e ambas responderam que sim.

Foi importante perceber se as professoras consideraram suficiente o tempo dedicado às expressões artísticas no currículo escolar. A professora do 4.º ano foi da opinião que não, pois num currículo tão vasto o tempo dedicado às expressões artísticas é pouco em relação a outras áreas curriculares. A professora da turma do 3.º ano respondeu que sim, que o tempo dedicado às expressões artísticas é suficiente porque estas não devem interferir nem haver uma interdisciplinaridade com as outras áreas.

No final e como última questão, pretendia-se conhecer a opinião de ambas relativamente à continuidade de um projeto como o de Land Art. As duas respostas foram positivas, uma justificando que este tipo de projetos são ótimos porque os alunos interagem com o ambiente, adquirem novos conhecimentos, novos conceitos e vocábulos, fazendo-os pensar e criar com a natureza. A outra professora defendeu que os projetos como o de Land Art são benéficos porque abordam novas perspetivas de arte, novos conceitos, novas estratégias e novos vocábulos.

3.5. Apresentação dos dados recolhidos através de entrevista à diretora

Depois de se avaliar o todo da reação dos alunos à temática da Land Art, e a opinião dos pais e professores relativamente ao impacto e vantagens do projeto, considerou-se pertinente saber a opinião da diretora do Jardim Escola face ao ensino pela arte neste nível de escolaridade e ao trabalho desenvolvido no estágio, opinião essa recolhida numa entrevista.

Para apoiar a realização dessa entrevista, foi elaborado um guião (ver anexo 2). As respostas foram registadas em áudio. Foi com algum cuidado que se escolheu o local de realização da entrevista, tendo-se assegurado um local calmo, sem muito ruído e alguma privacidade, estando a diretora sozinha, não acompanhada de outras pessoas, podendo essas interferir.

Na fase de tratamento de dados, teve que se fazer a leitura dos mesmos da entrevista, com o objetivo de se detetar referências importantes para os objetivos que se pretende com a própria.

Assim, na entrevista realizada foram abordados tópicos como a educação pela arte, a sua conveniência no currículo do 1.º Ciclo e quais as expressões artísticas fundamentais para o desenvolvimento dos alunos. Na opinião da diretora, o ensino pela arte contribui para que os alunos cresçam de uma forma mais saudável no relacionamento com a sociedade, que a ajuda a interagir com o mundo em que está

inserido. O tempo que a diretora considera razoável dedicar-se ao ensino pela arte é o do período das 3 horas semanais.

No decurso da entrevista, a diretora afirmou que o papel da arte é o de também humanizar o homem de hoje, e que todas as expressões artísticas são necessárias e importantes, pois dão conhecimentos e permitem o saber-fazer ao mesmo tempo, que contribuem para o enriquecimento e mudança do ser humano.

Quanto à pergunta – se os alunos desenvolvem competência com o projeto Land Art? – a diretora concordou que este tema permite um melhor conhecimento do espaço exterior, dos elementos naturais que podem ser usados na expressividade e serem constituintes de uma obra de arte e a criança desenvolve uma relação com o meio mais atenta e cuidada. De referir ainda a possibilidade dos alunos adquirirem novos conhecimentos culturais e olharem para a paisagem/natureza de forma diferente.

Questionada sobre a hipótese, de alguma vez no seu percurso profissional os educadores terem solicitado mais horas para as expressões artísticas, foi dito que tal nunca aconteceu, talvez por nas atividades extra curriculares haver a preocupação de contemplar estas áreas. Por fim, a diretora referiu que introduziria alterações significativas no espaço exterior ao edifício do Jardim Escola, colocando mais árvores, relva, água e areia, de forma a lembrar diversas paisagens, ainda assim, os alunos têm possibilidades de usufruir de algum espaço verde.

3.6. Confirmação dos objetivos

No seguimento do objetivo principal deste trabalho, que passa por dar a conhecer aos alunos a corrente artística Land Art e, diversificar conhecimentos ao mesmo tempo que se desenvolve a criatividade, o gosto pela experimentação, respeito pela natureza e aquisição de novas competências, como, por exemplo, novos vocábulos, pode-se aferir dos resultados do estágio pela análise dos documentos produzidos.

Como se pode verificar pelos resultados dos inquéritos por questionário dirigidos aos alunos, pais e professoras, de entre as várias respostas dadas, confirma-se o objetivo principal e os restantes objetivos que foram apontados.

O reconhecimento da importância do tema veio a ser confirmado pela entrevista dirigida à diretora da instituição que recebeu o projeto.

CONCLUSÕES

1. Discussão dos resultados

Como o provam os documentos produzidos ao longo do trabalho, inquéritos; entrevistas; diário de campo e diário de Land Art, alguns dos objetivos são aqui confirmados.

Os alunos empenharam-se, não só pela empatia que criaram com os temas propostos mas, também, pela ajuda prestada pelos adultos (pais, professoras e a estagiária). Existiu o envolvimento de vários agentes no terreno.

Se bem que os objetivos tenham sido cumpridos dentro do razoável, algumas estratégias podiam ter sido adotadas para uma melhor concretização, como por exemplo: poder-se-ia ter pensado em mais horas de trabalho ao ar livre; ter estruturado o trabalho de forma a envolver mais os pais ou tutores e, insistir mais no trabalho de grupo. De qualquer das formas, a criatividade e imaginação das crianças foi sempre respeitada, eram apenas dadas pistas e depois as crianças optavam livremente pelos trabalhos.

2. Limitações

Levar a cabo um projeto requer muita disponibilidade de tempo. Tempo para estudar, investigar, pesquisar, trabalhar no terreno, organizar os dados e a estudar os mesmos e, finalmente, fazer a reunião de todo este conjunto e a redigir o documento final.

As contingências de tempo foram visíveis no trabalho com os alunos, 45 minutos semanais para cada grupo não é suficiente para as ambições de um projeto.

Por outro lado, a estagiária tinha dificuldade em disponibilizar tempo para dedicar ao trabalho de campo, para além das razões profissionais também condicionarem esse trabalho.

O facto do estágio se desenvolver numa região afastada de grandes centros, onde seria mais fácil encontrar soluções e discutir ideias, pode ser considerada uma limitação.

Por fim, o facto de nenhum projeto similar ter sido desenvolvido com crianças do 1.º Ciclo, não permitiu o termo de comparação e/ou evitar falhas, para além da bibliografia existente ser dispersa.

3. Recomendações futuras

O trabalho aqui apresentado não se encerra e esgota nesta investigação. Pressupõe, quer mais investigação, quer mais ação no terreno, aperfeiçoada, através de uma amostra mais alargada de conhecimento científico e de um trabalho de equipa.

As ações realizadas com os alunos no terreno evidenciaram ser benéficas nas várias áreas de competências dos mesmos. Logo, se estas forem melhor estudadas e estruturadas, podem vir a fazer parte de atividades complementares à formação dos mesmos.

Sugere-se o cruzamento da temática da Land Art com as diversas matérias das disciplinas do currículo escolar, podendo a mesma permitir o despertar de interesses para matérias consideradas pouco atrativas (matemática, química, língua materna, ...).

Um dos exemplos da utilidade da implementação de um projeto deste género é o despertar de uma consciência ecológica e de um maior entendimento da natureza.

Parafraseando Legendre (1983, pp. 163 e 164), citado por Lessard, Goyette & Boutin (2010):

As ciências da educação são possíveis se os investigadores aceitarem abandonar o conforto das suas bibliotecas, dos seus gabinetes, do seu laboratório *in vitro* e das suas reuniões político-administrativas para proceder às suas investigações no próprio terreno da aprendizagem, isto é, no seio das vivências escolares reais, dos laboratórios *in vivo*. [...] Para que as hipóteses de sucesso aumentem, dever-se-ão conjugar todas as abordagens de estudo possíveis: investigações quantitativas, qualitativas e de ação, percepções etnológicas, sociológicas, ecológicas, filosóficas, psicológicas, naturalistas, idiossincráticas, etc. (p. 177).

Assim, um projeto de ciências da educação deve envolver a comunidade educativa num sentido mais alargado, é benéfico a qualquer projeto e melhora a relação que todos têm com o conhecimento. O(s) trabalho(s) de grupo promovem a sociabilização, o aprender, o viver com o outro e respeitá-lo.

É importante o registo áudio e/ou fílmico de todas as atividades, para melhor se elaborar o relatório e respeitar verdades.

Para que se verifique um bom trabalho interdisciplinar, como este, é importante conseguir e promover parcerias.

Para terminar e, como diz Stake (2009), este estudo não deixou de ser “intrincado, pessoal e situacional” (p. 148).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto Carneiro - Exposição antológica. (Janeiro de 1991). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, A. B., de Mendonça, M.J., Secarrão, G. d., Teixeira, M. E., Grácio, R., Cabral, M., dos Santos, A.A. (1971). Serviço educativo dos museus. In APOM, *Museus e educação*, (p. 117). Lisboa.
- Arnheim, R. (2007). *Arte e percepção visual: Uma psicologia da Visão Criadora*. São Paulo: Pioneira – Thomson Learning.
- Bertrand, Y. (2001). *Teorias contemporâneas da educação* (2.^a ed.). Montreal: Éditions Nouvelles.
- Best, D. (1996). *A racionalidade do sentimento*. Lisboa: Edições ASA.
- Boavida, J., & Amado, J. (2008). *Ciências da Educação – Epistemologia, identidade e perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *A investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto editora.
- Carroll, N. (2010). *Filosofia da arte*. Lisboa: Edições texto & Grafia.
- Chevalier, J., & Gheerbrandt, A. (1994). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda.
- Comissão Nacional da UNESCO (2007). Relatório das Conferências – Educação artística. In C. N. UNESCO (Ed.). Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- Doron, R., & Parot, F. (Outubro 2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Dutton, D. (2010). *Arte e instinto*. Rio de Mouro. Portugal: Círculo de Leitores.
- Giordan, A., & Souchon, C. (1997). *Uma educação para o ambiente*. Lisboa: Instituto de Promoção Ambiental - Ministério do Ambiente | Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raíz Editora.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jung, C. G. (1964). *O homem e os seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Júnior, J.-F. D. (1991). *Por que Arte-Educação?* (12.^a ed.). São Paulo: Papirus Editora.
- Kastner, J. (2010). *Land Art. Environmental art*. Nova Iorque: Phaidon Press Limited.
- Ketele, J.-M. d., & Roegiers, X. (1999). *Metodologias da recolha de dados - Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. (C. A. Brito, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.

- Lailach, M. (2007). *Land Art*. Colónia: TASCHEN.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas* (3.^a ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Manso, I. M. (2008). *Formação cívica e criatividade*. Dissertação de Mestrado em Educação – Formação Pessoal e Social, Universidade da Beira Interior, Departamento de Psicologia e Educação, Covilhã.
- Marques, A. P. (2010). *Investigação em arte. Uma floresta, muitos caminhos. Investigação em arte. Uma floresta, muitos caminhos*. Lisboa: Edição CIEBA – Faculdade de Belas-Artes de Lisboa.
- Mateus, P. (2008). *A natureza da arte - Uma defesa da filosofia da arte de Arthur C. Danto*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (Departamento de filosofia). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Moura, L. (2009). *INSIDE – arte e ciência*. Lisboa: Editora LxXL.
- Oliveira, L. F. (1989). *Educação ambiental*. Lisboa: Texto Editora.
- Porscher, L. (1982). *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus editorial.
- Prost, A., & all, e. (2002). *Espaços de educação. Tempos de formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Read, H. (1958). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.
- Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rios, M. T. (Março de 2006). "Com engenho e arte: A construção da escrita significativa por alunos de 3.^a e 4.^a séries". Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
- Rocha, M. M. (2001). *Educação em arte: Concepções e práticas - Um estudo sobre o acto educativo de professores do 2.º Ciclo do ensino básico*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Ciências da Educação). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA.
- Santos, A. d. (1999). *Estudos de psicopedagogia e arte*. Lisboa: Livros Horizonte – Biblioteca do Educador.
- Santos, A. d. (2008). *Mediações artededucacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas.
- Santos, J. d., Skapinakis, N., Rebelo, L. F., Portas, N., Branco, J. d., & Grácio, R. (1966). *Educação estética e ensino escolar. Educação estética e ensino escolar*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Serrão, L. (2003). *O livro da água*. Paço de Arcos: Edimpresa Editora, Lda.

- Silva, J. H., & Calado, M. (Março de 2005). *Dicionário de termos de arte e arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença.
- Snow, C. P. (1993). *The two cultures* (2.^a ed.). Cambridge: University Press.
- Soczka, L. (2005). *Contextos humanos e psicologia ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - Serviço de Educação e Bolsas.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (Vols. I - Bases psicopedagógicas). Lisboa: Instituto Piaget (Horizontes Pedagógicos).
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.
- Stake, R. E. (2009). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tufnell, B. (2006). *Land Art*. Londres: Tate Publishing.
- Vale, P. P. (2011). *Arte, educação e autonomia*. Lisboa: L+arte (Arte).
- Bourdon, D. (2001). *KWY Paris 1958-1968. Christo: revelar escondendo*. Lisboa: Assírio & Alvim.

WEBGRAFIA

- Guerreiro, A. A. (2009). *Um toque d'ASA*. Recuperado em 2010, outubro 26, de http://um-toque-de-asa.blogspot.com/2009_02_01_archive.html
- Infopédia. (s.d.). *Dennis Oppenheim*. Recuperado em 2012, dezembro 09, de [http://www.infopedia.pt/\\$dennis-oppenheim](http://www.infopedia.pt/$dennis-oppenheim)
- Infopédia. (s.d.). *Richard Long*. Recuperado em 2012, outubro 30, de [http://www.infopedia.pt/\\$richard-long](http://www.infopedia.pt/$richard-long)
- Infopédia. (s.d.). *Walter de Maria*. Recuperado em 2012, dezembro 09, de [http://www.infopedia.pt/\\$walter-de-maria](http://www.infopedia.pt/$walter-de-maria)
- Instituto Camões. (s.d.). *Camões Portugal - Instituto da Cooperação e da Língua*. Recuperado em 2012, dezembro 02, de <http://cvc.instituto-camoes.pt/arte-e-artistas-biografias/821-alberto-carneiro.html>
- Richard Shilling. (s.d.). *Richard Shilling - Land Artist*. [Artigo de web blog]. Recuperado em 2012, dezembro 08, de <http://www.richardshilling.co.uk/>
- Shilling, R. (s.d.). *Land Art for Kids*. Recuperado em 2011, janeiro 17, de <http://landartforkids.com>

ANEXOS

Anexo 1 – Relatório das sessões com grupos experimentais (alunos)

Anexo 1 – Relatório das sessões com grupos experimentais (alunos)

27/10/2010 – 4.º Ano

Itens a observar	Itens observados = Dados	Inferências
Reação à apresentação de imagens sobre Land Art.	A maior parte da turma não conhecia mas mostraram muito interesse no tema.	Interesse em desenvolver trabalhos quando se lhes falou em ateliês de Land Art.

Propôs-se aos alunos que pensassem o que era a Arte, para conversarmos num próximo encontro.

02/11/2010 – 4.º Ano

O conceito de Arte para estas crianças:

- É uma obra bonita que se pode fazer com várias coisas;
- Pega-se em material e faz-se, cria-se;
- Pegar num pincel e ouvir sons e pintar;
- Arte é inspiração;
- Imaginar e criar coisas que não existem;
- Criar a partir de coisas inúteis;
- Olhar para um quadro e torná-lo nosso;
- Ter muitas ideias, juntar e torná-las em algo muito especial (Maria Ana);
- Juntar capacidades;
- A arte é o artista conseguir superar-se.

4/11/2010 – 3.º Ano

Itens a observar	Itens observados = Dados	Inferências
Reação às imagens sobre Land Art e conceito.	A maior parte da turma não conhecia o conceito mas mostraram muito interesse no tema.	Curiosidade quando não conseguiam interpretar a imagem observada (os materiais utilizados, formas, técnicas, conceção do espaço, etc.).

11/11/2010 – 3.º Ano

Distribuição de cadernos onde vão anotar situações que se referem à Land Art e temas tratados nos ateliês. Alguns alunos começaram logo a utilizar o caderno e a desenhar temas já tratados.

Abordagem ao tema dos quatro elementos onde alguns alunos ficaram muito entusiasmados ao se falar de vulcões.

23/11/2010 – 4.º Ano

Exploração dos quatro elementos.

As crianças demonstraram muitos conhecimentos sobre os quatro elementos. Recordaram uma visita a uma exposição no Museu em que havia quadros que representavam os quatro elementos.

25/11/2010 – 3.º Ano

Itens a observar	Itens observados = Dados	Inferências
Reação à experiência do basalto.	<ul style="list-style-type: none">• Os 21 alunos revelaram interesse;• Espanto por não conhecerem;• Dúvidas em relação ao aspeto se seria terra ou pedra;• Pesou-se a pedra para tirar dúvidas.	<ul style="list-style-type: none">• Interesse;• Curiosidade científica• Processo científico.

O pedaço de basalto foi para iniciar a conversa sobre o elemento ar uma vez que se tratava de uma bomba vulcânica.

Verificam-se reações semelhantes às do grupo do 3.º ano, com a diferença de que estas crianças fizeram mais perguntas sobre outras rochas, e lembrando que trabalhos de Land Art poderiam fazer com as rochas.

30/11/2010 – 4.º Ano

Itens a observar	Itens observados = Dados	Inferências
Reação à experiência do basalto.	<ul style="list-style-type: none">• Os 22 alunos revelaram interesse;	<ul style="list-style-type: none">• Interesse;• Curiosidade científica

	<ul style="list-style-type: none"> • Espanto por não conhecerem; • Dúvidas em relação ao aspeto, se seria terra ou pedra; • Pesou-se a pedra para tirar dúvidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Processo científico. • Curiosidade por mais nomes de pedras vulcânicas; • Perguntaram por que a pedra seria tão preta; • O tema sobre o ar derivou para a vulcanologia.
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

14/12/2010 – 4.º Ano

Itens a observar	Itens observados = Dados	Inferências
Comportamento perante a realização de um ateliê de Land Art.	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos demonstraram muita euforia na recolha dos materiais. • Organizaram-se rapidamente em grupo; • Iniciaram os trabalhos de composição; • Tiveram dificuldades em distinguir pedaços de pedra de pedaços de cimento; • Dificuldade por causa da euforia (um aluno chocou com uma árvore). 	<ul style="list-style-type: none"> • Muito Interesse; • Processo criativo; • Capacidade de resolução de problemas (devido ao vento, os alunos foram obrigados a novas soluções na aplicação de materiais – ver imagens); • Dificuldade em desligar-se da atividade pelo empenho e satisfação.

Os trabalhos resultaram em coloridos muito interessantes, uma vez que ainda conseguiram aproveitar medronhos. Como havíamos falado de vulcões num encontro anterior, um grupo resolveu “construir” um.

04/01/2011 – 4.º Ano

Verificação de conhecimentos sobre o elemento da água. Os alunos inclusive conheciam o símbolo químico da água. Conversa sobre a presença da água na Natureza e possibilidade de se fazer Land Art.

No diálogo surgiu o tema dos filmes de ficção científica em que os extraterrestres atacam o planeta Terra para roubar a água.

Perante a possibilidade de ficarmos sem água, algumas crianças disseram logo que isso nunca iria acontecer, enquanto outras fizeram referência às questões da poluição.

Fez-se referência também ao tratamento da água em ETAR.

13/01/2011 – 3.º Ano

Diálogo sobre o elemento a água. Apesar da turma estar turbulenta, alguns elementos interessaram-se pelo tema e foram revelando conhecimentos. Analisámos imagens retiradas de uma revista de geografia.

Sugeriu-se às crianças para que fizessem acrósticos com a palavra água. Aceitaram de bom grado a sugestão uma vez que estão habituados a este tipo de exercício.

Falou-se dos aquedutos romanos, a partir de uma imagem.

20/01/2011 – 3.º Ano

Ateliê de Land Art no Museu ao ar livre.

Itens a observar	Itens observados = Dados	Inferências
Comportamento perante a realização de um ateliê de Land Art.	<ul style="list-style-type: none">• Os alunos demonstraram muita euforia na recolha dos materiais.• Levaram algum tempo a organizar-se em grupo;• Iniciaram os trabalhos de composição;• Dificuldade por causa da euforia (um aluno chocou com uma árvore);• Alguns grupos tiveram dificuldade em iniciar o trabalho;• Alguma imitação nos trabalhos e quando um grupo utilizou água, toda a gente quis utilizar (ver imagens):• Queria continuar a utilizar a água.	<ul style="list-style-type: none">• Muito Interesse;• Processo criativo;• Capacidade de resolução de problemas;• Dificuldade em desligar-se da atividade pelo empenho e satisfação;• Foi preciso gerir alguns conflitos dentro do grupo e entre grupos;• Confusão entre o verbo evaporar e infiltrar.

As crianças manifestaram desejo de continuar, houve exclamações como: “XPTO; eu queria mais umas horas; *fantabulástico*; quando é que fazemos outra vez...”; consideraram que precisavam de mais água: “tivemos falta de água”. Um dos grupos foi muito rápido a executar o trabalho e, quando lhes disse para fazerem outro, um dos

elementos: “não sei o que hei-de fazer!”; outros tomaram a iniciativa e fizeram uma “estrada” para ligar à obra seguinte.

27/01/2011 – 3.º Ano

O elemento água volta a ser abordado através da leitura de um texto e interpretação do mesmo (ver anexos de materiais usados). Mostra de imagens relativas ao tema.

A turma foi difícil de motivar, à exceção de cinco a seis alunos que mostraram interesse e desenharam e pediram para repetir o texto, inclusive escreveram no caderno da Land Art. Os restantes não se mostraram entusiasmados e estiveram sempre desatentos.

01/02/2011 – 4.º Ano

Diálogo sobre o elemento fogo. Mostra de imagens relativas ao tema, mais com a vertente incêndio, o triângulo do fogo, o tipo de combustão e formas de controlar o fogo.

Fizer muitas perguntas, inclusive porque é que a chama do fogo tem tantas cores diferentes.

Falámos na importância do fogo na importância da humanidade, como fonte de energia, calor e luz.

Curiosamente, a maior parte deles, não sabia o que era o carvão. Um deles sabia que o carvão é preto porque há falta de água na matéria. Um outro sabia que existe carvão mineral. Todos tinham ideia de que o carvão já aparece feito na Natureza. Um achou inclusive que a cinza era carvão.

03/02/2011 – 3.º Ano

Aproveitou-se o facto de um dos estagiários no Museu ser bombeiro e socorrista, para ser ele a falar sobre o fogo e a responder às perguntas. Sabia que seria arriscado uma vez que é uma turma muito turbulenta e, mais uma vez a questão disciplinar veio ao de cima.

Revelaram muita preocupação com os incêndios e mostraram ter conhecimentos de como se defenderem do perigo do fogo. Estavam mais interessados em contar histórias e em inventá-las do que nas perguntas que podiam fazer ao estagiário.

Muitos já tinham assistido a incêndios e queimadas controladas. Sabiam que para pedir ajuda ligam o 112.

Aprenderam algumas das técnicas de extinção de fogo por abafamento, só conheciam por arrefecimento.

10/02/2011 – 3.º Ano

Visita à exposição temporária no Museu intitulada “A campanha da resina”. Alguma turbulência, a exposição, apesar de muito rica, está um pouco estrangulada, necessitava mais espaço, o que influenciou o comportamento das crianças. Fizeram um *origami* em forma de pinheiro.

15/02/2011 – 4.º Ano

Como as condições atmosféricas não permitiram a ida ao Museu para verem a exposição “A campanha da resina”, voltámos ao tema do carvão. Ficou esclarecida a origem do carvão mineral e do carvão vegetal (mostrei imagem de fornos e imagem de um pedaço de carvão mineral). Associaram de imediato a mina de carvão mineral à história dos mineiros colombianos. A aluna BA quis saber se estávamos a falar do elemento Fogo ou Terra, uma vez que vieram novamente à baila os vulcões. Já todos perceberam que a presença dos quatro elementos não é solitária.

la apenas por meia hora mas fiquei uma! Há uma grande vontade de expor ideias, contar histórias e saberem se vão dizer asneira, bem como se entenderam bem o que ouviram em documentários: não sei se vou dizer asneira, posso dizer-te ao ouvido?

Ex: Ouvi dizer que há carvão castanho.

Esclareceu-se que o carvão castanho se chama “lenhite”.

15/03/2011 – 4.º Ano

Visita à exposição temporária no salão nobre do Museu, obras da coleção de arte da câmara municipal de Vila Velha de Ródão e atividade ao ar livre no espaço do Museu. A atividade era executarem composições só com pedras. Pediram para utilizar areia e gravilha. A certa altura começaram a *forrar* as pedras com musgo (necessidade da cor?). Verificou-se que o tema mais escolhido foi o dos vulcões. Um grupo dispersou-se e focou o interesse em arrancar um ferro que estava enterrado no solo, com alguma fúria! Mais uma vez, pediram para usar água, tal não aconteceu por falta de tempo. O tempo também faltou para averiguar o grau de satisfação quanto à atividade

contudo, foi visível a boa disposição e alegria. Pediram para lhes levar as fotos na próxima sessão.

Mostraram uma laranja enorme, disse-lhes que é arte e o Idanha disse que era arte mas não Land Art.

17/03/11 – 3.º Ano

Atividade de observação e comentário sobre fotografias de paisagens diversas que se referem ao elemento terra. A atividade foi de apenas 40 min. mas ainda assim alguns tiveram tempo para desenhar as paisagens que lhes suscitaram mais curiosidade, alguns pediram as imagens para copiar (são os que têm mostrado mais interessado).

22/03/2011– 4.º Ano

Os alunos quiseram saber se na atividade anterior se tinham portado bem! Foi-lhes dito que ao ar livre ficamos todos mais bem-dispostos, além de que todos tinham tarefas para realizar. Como as condições atmosféricas não permitiam ateliê no exterior, partimos para a análise de imagens de paisagens, uma vez que iniciámos o trabalho sobre o elemento Terra.

O trabalho que foi proposto foi o da análise de imagens de paisagens. Os alunos em grupos de dois discutiram a forma de interpretação da imagem e, como apresentariam as conclusões. Houve duas formas de apresentação: uns dividiram a imagem em partes e cada um apresentava a sua, outros optaram por um porta-voz enquanto o outro elemento apontava os pormenores a que o colega se ia referindo. Houve sempre palmas.

Os sentimentos que algumas imagens despertaram nas crianças e como as interpretaram:

- A propósito de uma paisagem de rochas erodidas: “um castelo, um palácio, há príncipe e princesa, uma cidade dentro da muralha”.
- A propósito de um arquipélago no Pacífico: “vemos muitos animais e a ilha pequenina parece um barco”
- A propósito de uma paisagem humanizada de uma cidade alemã: “temos vários planos, rio, cidade, castelo e aqui uma floresta onde todos ficamos menos rabugentos”.

- A propósito de uma paisagem de gelo com um urso polar e mar: “estamos a ver animais desenhados no gelo e também uma gruta”. Curiosamente o urso não foi referido, talvez por se ver a uma escala diminuta.
- A propósito de um templo na Índia: “está cheio de coisas valiosas, foi restaurado e tem umas cores muito bonitas”.
- A propósito de uma paisagem de vulcanismo ativo: “temos uma piscina de água quente com muita energia e imaginamos que há muito calor”.
- A propósito de uma paisagem de casario grego: “tem uma luz e parece o arco-íris”.
- A propósito de uma paisagem do Kilimanjaro: “desejamos que a natureza continue sempre bonita!”.

29/03/2011 – 4.º Ano

Há uns tempos que vinham pedindo para ver as fotos dos trabalhos. A sessão de trabalho realizou-se à volta das fotos, tiveram como principal preocupação descobrir quem tinha feito o quê. Foi-lhes exigido que interpretassem quanto à forma e cor; nos “vulcões” deram várias interpretações às formas, como formigueiros, brincadeiras de praia e outras casas de animais. Concluíram que gostavam de ver algumas fotos em livros e que podíamos fazer histórias a “ilustra-las”.

05/04/2011 – 4.º Ano

Hoje, foi proposto ao grupo, que fizessem trabalhos só com paus. Trabalharam dois a dois, por questões de segurança. Como habitualmente, pediram se podiam introduzir outros materiais, foi-lhes dito que sim mas os paus tinham que ter “maior presença”, entenderam o pedido depois de um breve diálogo, contudo alguns trabalhos acabaram por fugir ao “tema”. Quiseram escrever o nome da professora com paus (provável influencia de pesquisas na internet), o que mostra a admiração e respeito que têm por ela. Um duo contemplou-me com um postal de tema Land Art.

07/04/2011 – 3.º Ano

Como vem sendo habitual, o grupo chega tarde da aula de informática. Acordei com a professora a mudar a estratégia no 3.º período: quartas-feiras será para sair para o exterior, e quintas-feiras o trabalho é feito em contexto de sala de aula. Hoje trabalhamos imagens para se entender o conceito de paisagem humanizada e o de

paisagem natural, bem como entenderem que há paisagens que têm alguns elementos introduzidos pelo homem mas em que a natureza tem maior presença. Este grupo continua com problemas de comportamento. B quis oferecer-me um desenho: “eu quero oferecer porque acho que me saiu bem”, de facto saiu!

26/04/2011 – 4.º Ano

A atividade partiu de recortes de revistas, com paisagens onde os alunos tinham que fazer “intervenções”. Aceitaram a tarefa com muito entusiasmo e houve crianças que se divertiram. Alguns não entenderam e insistiam em recortar carros, embora de início tivéssemos falado da paisagem natural e humanizada.

A análise final dos trabalhos (ver figuras) pode-se considerar positiva, tendo a maior parte dos alunos captado a ideia, alguns escolham o espaço sideral.

A atividade foi concluída no próprio dia.

Permutaram as revistas entre si depois de questionarem se o podiam fazer.

28/04/2011 – 3.º Ano

A atividade partiu de recortes de revistas, com paisagens onde os alunos tinham que fazer “intervenções”. Aceitaram a tarefa com muito entusiasmo mas com maior concentração, curiosamente surpreenderam uma vez que esta turma é mais turbulenta.

Alguns alunos pediram para continuar a tarefa em casa ou noutra sessão e comentaram que foi a sessão de que mais gostaram, a seguir à atividade no exterior (no Museu).

05/05/2011 – 3.º Ano

Apresentação do artista Arcimboldo e dos seus quadros dos elementos e das quatro estações. Dois a dois, os alunos analisaram imagens das obras de Arcimboldo e identificaram os elementos que compõem estas obras.

Facilmente perceberam que Arcimboldo tinha uma capacidade extraordinária de combinar os elementos da natureza e de a observar. Algumas crianças divertiram-se muito a identificar os frutos e as flores e outros chegaram a observar pormenores interessantes como, um figo aberto que faz de brinco.

12/05/2011 – 3.º Ano

Apresentação de “Land Artists”. Esta sessão vem a propósito e na sequência da sessão sobre Arcimboldo e para que as crianças entendessem melhor esta corrente artística, uma vez que pelos inquéritos, se averiguou que a maioria da turma não tinha compreendido do que trata concretamente a Land Art.

A partir de três livros sobre o tema, os alunos visualizaram imagens e tentaram decodificar os materiais utilizados e “adivinhar” a ideia do autor. Ficaram atraídos pela obra de Christo e Jeanne-Claude intitulada “Wrapped Coast” de 1969.

Muitas destas obras serviram para as crianças entenderem a importância da luz natural, na conceção das obras de Land Art.

17/05/2011 – 4.º Ano

A turma do 1.º Ano de Animação Cultural da Escola Superior de Educação do Politécnico de Castelo Branco propôs-se fazer um trabalho de Land Art no Museu. A partir deste trabalho e ainda durante a sua execução, os alunos do 4.º ano foram tentando descobrir qual era o objetivo do trabalho e, o que ela ia representar.

O projeto dos alunos da ESE visava a representação dos 4 Elementos, recorrendo a diversos materiais, desde cortiça a pinhas, limalha de madeira, casca e rama de pinheiro, pedras, bagas, etc.

Ainda antes de terminarem o projeto, a faltar a representação de um elemento, o Ar, uma aluna disse: - “acho que consigo ver três dos quatro elementos”. Por sua vez um outro colega que não tinha ouvido disse: - “daqui vão sair os quatro elementos”.

A registar ainda, o facto de os alunos da ESE pedirem colaboração aos do 4.ºano, dando-lhes paus de videira para partirem em bocadinhos, tarefa que realizaram com entusiasmo.

19/05/2011 – 3.º Ano

Visita ao projeto de Land Art feito pelos alunos da ESE e discussão sobre o que estávamos a observar. Encontraram muitas semelhanças com imagens de jogos de computador, acharam que eram rotundas e caminhos. Depois de muito conversarmos sobre a identificação dos materiais usados, foram chegando à conclusão que estávamos perante a representação dos quatro elementos.

Levaram casca de pinheiro para fazerem um trabalho, queixaram-se que cheirava mal. Alguns desenharam o projeto no caderno. As viagens de ida para o Museu e volta para a Escola foram “animadas”, é difícil mantê-los juntos.

24/05/2011 – 4.º Ano

Apresentação de “Arcimboldo”. Os alunos interpretaram com facilidade as imagens que lhes foram distribuídas, apenas o quadro que se diz ser a representação do inverno, gerou alguma polémica, que foi desfeita quando as imagens das quatro estações e dos quatro elementos foram postas lado a lado.

O trabalho foi feito em grupos de dois e, alguns grupos dividiram a apresentação de forma a intervirem oralmente os dois e outros, enquanto um apresentava a obra, o outro apontava para as diferentes áreas.

Fizeram perguntas sobre o pintor; perguntaram porque razão as “caras” não estavam sempre viradas para o mesmo lado; foram muito minuciosos na descrição dos elementos que compõem os quadros. Alguns não estavam interessados em ir lanchar.

26/05/2011 – 3.º Ano

Pediu-se às crianças que, em grupos de três (organizados pela professora) se dirigissem para cada um dos sete plátanos do pátio da escola. Debaixo da árvore tinham que escrever no diário da Land Art o que sentiam, viam, que ideias lhes vinham à cabeça, se conseguiam conversar com o plátano, falar da altura, da cor, das folhas... A maior parte perguntou se podiam colar e desenhar, ao que respondi que fazer isso também era parte do trabalho. Terminámos a sessão com os elementos de cada grupo a apresentar o que tinha feito no diário. Segue-se uma pequena lista do que mais foi dito pelas crianças, algumas frases são muito poéticas, houve crianças que mostraram uma extraordinária sensibilidade:

- Vamos ouvir o coração da árvore; quero que se veja como a folha começa e depois acaba; ao estar com esta árvore eu sinto muita energia; achei que a natureza estava feliz por nos interessarmos; sinto-me um membro da natureza; a imaginação leva-nos à vida da árvore, eu ouvi; debaixo da árvore não tenho medo, estou calma; ...eu preciso de ti...sinto-me envolvido numa dança de folhas; quando estava debaixo da árvore senti que ela gostava que a abraçássemos; a nossa árvore tinha escrita ...

Na expressão plástica houve crianças que utilizaram o decalque. No desenho algumas preocuparam-se com pormenores, outras aplicaram no discurso escrito conhecimentos adquiridos, utilizando expressões como: - ser vivo, espécies, importância do O2

(escreveram 20 mas leram corretamente) ... Na generalidade, deram importância à cor.

31/05/2011 – 4.º Ano

Atividade igual à do grupo do 3.º ano. Os alunos formaram 6 grupos de 3 elementos e um de 4. Dois dos sete grupos estiveram muito inquietos, o que acabou por se traduzir no trabalho final. Em geral foram mais pragmáticos do que o grupo mais novo, abordaram o tema sob um ponto de vista mais científico, fazendo inclusive o BI da árvore e, ingenuamente, tentaram adivinhar a altura da árvore, alguns perguntaram-me a idade, ao que só disse que talvez um tivesse à volta de 20 anos, e que às outras não conseguia atribuir qualquer idade. Uma das crianças encenou um diálogo em que ameaçava os que destroem a floresta. Escreveram frases como: - *parece antiga e guarda segredos ancestrais; a árvore é a árvore da vida; é um tesouro; é moradia...*

Os comentários à cor ficaram para trás, ao contrário a textura esteve sempre presente e as observações às formas das folhas também foram em número considerável. Todos fizeram decalques e colagens, houve quem utilizasse a “*terra que alimenta a árvore*”. Alguns referiram os sons que vêm da árvore.

No próximo encontro terminamos a apresentação dos trabalhos, com um acróstico feito por um aluno.

O grupo do 3.º ano tem o sentido do maravilhoso mais presente do que este.

07/06/2011 – 4.º Ano

A sessão foi dedicada ao trabalho do barro, iniciou-se com a explicação das técnicas que podemos utilizar para dar forma a esta matéria -: repuxado, lastra, rolinhos (columbinas), bola e roda de oleiro. Algumas crianças recordaram que já havíamos falado da forma como o barro aparece na natureza em sessões anteriores. Seguidamente distribuiu-se um pedaço de barro a cada aluno e cada um escolheu a técnica com que melhor se identificava. A maioria das crianças nunca tinha trabalhado com esta matéria-prima, apenas com pastas que se adquirem embaladas e que, como muitos observaram, não é “fresquinha”. Todos os alunos conseguiram finalizar um trabalho, sendo que uma criança se saiu particularmente bem na técnica do repuxado. “Descobriram” que com moldes e a técnica da lastra, as possibilidades de composição eram muitas, ao mesmo tempo que se tinha a possibilidade de reproduzir. De sublinhar que foram muito disciplinados e empenhados. Antes de terminarmos, apresentou-se o acróstico feito por uma das crianças, em casa.

N A T U R E Z A
P R E S E R V A
V I D A
M A R A V I L H O S A
P R E C I O S A
E S S E N C I A L

08/06/2011 – 3.º Ano

Sessão dedicada ao barro. Embora o método de trabalho tenha sido o mesmo que se aplicou no 4.º ano e, tenham beneficiado de mais espaço, os alunos comportaram-se de forma muito turbulenta; não prestaram atenção às explicações, abusaram do uso da água e a grande maioria estava mais interessada no trabalho dos que estavam ocupados do que em desenvolver um projeto seu. O espaço ficou tão sujo que foi necessário chamar uma auxiliar para ajudar a limpar.

14/06/2011 – 4.º Ano

Como nos inquéritos realizados muitas crianças manifestaram desejo de realizar um trabalho com cristais, nesta sessão observámos pequenos cristais, falámos do precioso e semiprecioso, assunto que já tinha sido abordado e acerca do qual alguns pesquisaram e uma criança fez questão de ler o resultado da sua pesquisa. Ficaram com os pequenos cristais.

Foram recolhidos os diários de Land Art

15/06/2011 – 3.º Ano

Por terem surgido muitas dúvidas sobre o que era a Land Art, tivemos mais uma conversa e cada um foi expondo as suas ideias e dando exemplos. Percebeu-se que as crianças mais entusiastas e atentas se expressaram melhor e já conseguem construir um conceito de Land Art.

Recolha dos diários de Land Art.

21/06/2011 – 4.º Ano

Último encontro: devolução dos diários de Land Art e entrega de lembrança. Desejámos boas férias às crianças e que ao iniciarem o ano letivo 2011/2012 o fizessem da melhor forma. Houve tempo para conversarmos sobre o que tínhamos feito e recordar alguns momentos, a maioria preferiu as sessões ao ar livre.

24/06/2011 – 3.º Ano

Último encontro: devolução dos diários de Land Art e entrega de lembrança. Desejámos boas férias às crianças e que ao iniciarem o ano letivo 2011/2012 o fizessem da melhor forma.

Chamou-se a atenção ao grupo para a necessidade de fazerem um esforço no sentido de se comportarem de forma mais correta nas aulas e, prestarem atenção ao que se lhes diz.

Anexo 2 – Guião de entrevista à diretora da escola

Anexo 2 – Guião de entrevista à diretora da escola

**Entrevista à diretora da escola
Ano Letivo 2010/2011**

- 1. No decurso da sua experiência, considera o ensino pela Arte fundamental no currículo do 1.º Ciclo? Justifique.**
- 2. Quantas horas semanais considera razoáveis dedicar às expressões artísticas, apontando as razões.**
- 3. Quais são as expressões artísticas que considera fundamentais serem abordadas e porquê?**
- 4. Que competências desenvolvem os alunos com este projeto *Land Art*?**
- 5. Vê neste projeto de Land Art alguns benefícios para os alunos do 1.º Ciclo. Quais?**
- 6. Alguma vez no decorrer do seu percurso profissional, os educadores manifestaram desejo de que os seus educandos tivessem mais horas de expressões artísticas?**
- 7. Enquanto diretora do jardim-escola, que alterações introduziria no espaço físico, para benefício de atividades vocacionadas para a educação pela arte.**

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 3 – Transcrição da entrevista

Anexo 3 – Transcrição da entrevista

Entrevista à Diretora da Escola
Ano Letivo 2010/2011

- 1. No decurso da sua experiência, considera o ensino pela Artes fundamental no currículo do 1.º Ciclo? Justifique.**

Sim, considero o ensino pela arte fundamental pois o mesmo possui um significado relevante na formação integral da pessoa inserida numa sociedade.

Também porque através da arte exprimimos sentimentos, aprendemos a estar bem connosco mesmo e com o mundo.

- 2. Quantas horas semanais considera razoáveis dedicar às expressões artísticas, apontando as razões.**

Sou a favor de que cada turma de crianças deve ser avaliada e o curriculum adaptado às suas necessidades. Contudo, considero como média razoável a das 3 horas/semanais.

- 3. Quais são as expressões artísticas que considera fundamentais serem abordadas e porquê?**

Na minha perspetiva todas as expressões artísticas são importantes. Proporcionam uma intimidade com o universo da arte e as crianças adquirem ao mesmo tempo um conhecimento e um saber-fazer.

A aprendizagem artística abarca um leque variado de distintos conhecimentos, os quais propendem à criação de aceções, desenvolvendo ao mesmo tempo a constante possibilidade da mudança do ser humano.

É ainda um modo de aproximação entre culturas, privilegiando o reconhecimento das diferenças e semelhanças dos indivíduos culturalmente distintos.

Quase que posso dizer, que a arte tem como tarefa a necessidade de humanizar o Homem de hoje.

- 4. Que competências desenvolvem os alunos com este projeto Land Art?**

Penso que o projeto Land Art concerne às criações artísticas que aproveitam como suporte, tema ou meio de expressão todo o espaço exterior.

Mostra aos outros a importância dos elementos naturais como um meio de expressividade e constituintes de uma obra de arte. Penso, que esta disponibilidade de elementos para a criação de arte desenvolve nas crianças uma relação como meio mais atento e cuidada.

- 5. Vê neste projeto de Land Art alguns benefícios para os alunos do 1.º Ciclo. Quais?**

Como a Land Art procura locais inacessíveis ao público, logo revela paisagens até então desconhecidas ou inimagináveis. Além de que como os materiais utilizados na

realização destes trabalhos não são os convencionais, fica-se com outra percepção do que pode ser arte, logo, os conhecimentos culturais são alargados e a paisagem/natureza “apresenta-se” de forma diferente.

6. Alguma vez no decorrer do seu percurso profissional, os educadores manifestaram desejo de que os seus educandos tivessem mais horas de expressões artísticas?

Não, pois o tempo que disponibilizamos é o suficiente. As expressões estão contempladas no curriculum de forma a satisfazer as necessidades de cada grupo.

Além de que muitas atividades extracurriculares são na área das expressões artísticas.

7. Enquanto diretora do jardim-escola, que alterações introduziria no espaço físico, para benefício de atividades vocacionadas para a educação pela arte.

Colocava mais árvores e relva, espaços com água e areia na zona exterior dos pavilhões. O ideal seria ter uma minifloresta e um espaço rochoso a lembrar uma zona deserta.

Contudo, considero estarmos numa zona privilegiado pois estamos rodeados de espaços verdes.

O espaço onde está o jardim-escola foi uma quinta e ainda existem vestígios em redor.

Obrigada pela sua colaboração!

**Anexo 4 – Inquérito por
questionário – Aplicado aos alunos
do 3.º ano – Inquérito inicial**

Anexo 4 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 3.º ano – Inquérito inicial

Ano Letivo 2010/2011
(3.º ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloca uma cruz (X) na tua escolha.

1. Idade _____

2. Sexo:

☐ F

☐ M

3. Onde vives?

☐ Na cidade

☐ No campo

4. Desejas muitas vezes brincar na natureza?

☐ Poucas vezes

☐ Algumas vezes

☐ Muitas vezes

5. Quantas vezes tens contacto com o campo/natureza?

☐ 1 vez por semana

☐ 3 vezes por semana

☐ Todos os dias

☐ Esporadicamente

☐ Só ao fim de semana

☐ Nunca

6. Dos seguintes elementos naturais, escolhe sobre os quais gostarias de fazer um trabalho de expressão plástica (Assinala duas opções).

☐ Árvores

☐ Fogo

☐ Cristais

☐ Barro

☐ Plantas de vaso

☐ Aves/Penas

☐ Conchas

7. Gostas mais de mexer na terra, na água, na areia, no musgo ou na erva (Coloca por ordem crescente entre 1 e 5, em que 1 é o que gostas menos e 5, o que gostas mais):

☐ Terra

☐ Água

☐ Areia

☐ Musgo

☐ Erva

8. Consideras que em Castelo Branco há espaços verdes suficientes?

- ☐ Sim
- ☐ Não

**9. Que espaços costumavas frequentar na cidade de Castelo Branco?
(Assinala 4 dos espaços mais frequentados).**

- ☐ Jardim do Paço Episcopal
- ☐ Parque da cidade
- ☐ Zona de Lazer
- ☐ Cine Teatro
- ☐ “Docas” (zona de bares, cafés e comércio local)
- ☐ Centro comercial
- ☐ Piscinas
- ☐ Museus

10. Já sabes o que é Land Art? Escolhe a afirmação que te parece mais adequada.

- ☐ Land Art é Natureza.
- ☐ Land Art são formas da Natureza que parecem ser feitas pelo Homem.
- ☐ Land Art são formas estranhas que encontramos na Natureza.
- ☐ Land Art é uma forma de expressão feita por crianças.
- ☐ Land Art são intervenções feitas por artistas plásticos nas paisagens (pode ser só numa árvore, numa pedra, no gelo, num lago, etc.).

11. Este projeto de Land Art tem servido para?

- ☐ Só aprender
- ☐ Só divertir
- ☐ Para aprender e divertir

Obrigada pela tua colaboração!

**Anexo 5 – Inquérito por
questionário – Aplicado aos alunos
do 3.º ano – Inquérito intermédio**

Anexo 5 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 3.º ano – Inquérito intermédio

Ano Letivo 2010/2011
(3.º ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloca uma cruz (X) na tua escolha.

1. Como já trabalhamos algumas vezes, de forma direta ou indireta temas de Land Art, das seguintes sessões, assinala as três que mais gostaste.

- ☐ Diálogo sobre os quatro elementos.
- ☐ Observação de imagens e comentários sobre as mesmas.
- ☐ Trabalho no exterior com pedras.
- ☐ Trabalho de expressão plástica “intervenção na paisagem”/ Criar a minha paisagem.
- ☐ Apresentação do artista plástico Giuseppe Arcimboldo.
- ☐ Apresentação de Land Artists contemporâneos.
- ☐ Observação do trabalho de Land Art feito pelos alunos da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- ☐ “Diálogo com o plátano.”

2. O teu diário da Land Art tem muitas folhas preenchidas?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Algumas
- ☐ Muitas

3. Já fizeste algumas pesquisas sobre Land Art?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Algumas
- ☐ Muitas

4. Estas atividades levaram-te a querer conhecer melhor a Natureza?

- ☐ Sim
- ☐ Não

5. Tens vontade de proteger a Natureza de forma diferente daquela que tinhas?

- ☐ Sim
- ☐ Não

6. De todos os espaços onde tivemos a trabalhar, qual o teu preferido?

- ☐ Sala de aula.
- ☐ Espaço ao ar livre do Museu.
- ☐ “Quinta”
- ☐ Pátio da escola.

7. Das seguintes afirmações, escolhe a que te parece mais correta:

- ☐ A Natureza é Land Art.
- ☐ Os artistas plásticos só fazem Land Art.
- ☐ A Land Art foi “inventada” para contrariar a ideia de que, só podemos encontrar artes plásticas nos Museus e nas galerias.
- ☐ A única forma de arte que existe chama-se Land Art.
- ☐ Só as crianças são que devem fazer Land Art.
- ☐ O homem faz Land Art há muitos séculos.

Obrigada pela tua colaboração!

**Anexo 6 – Inquérito por
questionário – Aplicado aos alunos
do 3.º ano – Inquérito final**

Anexo 6 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 3.º ano – Inquérito final

Ano Letivo 2010/2011
(3.º ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloca uma cruz (X) na tua escolha.

1. Onde é que preferias viver?

☐ Cidade

☐ Campo

Porquê?

2. A Land Art contribuiu para que tu penses se é melhor viveres na cidade ou no campo?

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

3. Dos seguintes materiais e elementos da Natureza com que trabalhamos, escolhe os dois que mais gostaste.

☐ Folhas

☐ Paus

☐ Pedras

☐ Areia

☐ Água

☐ Papel

☐ Musgo

☐ Flores

☐ Barro

4. Pensa nos quatro elementos na Natureza (Água, Fogo, Ar e Terra) e assinala aquele sobre o qual realizavas uma obra. Não penses só na Land Art mas noutras expressões artísticas.

☐ Água

☐ Fogo

☐ Ar

☐ Terra

5. No ateliê sobre o barro, qual a técnica que te despertou mais interesse:

☐ Roda de oleiro

☐ Da bola

☐ Da lastra

☐ Repuxado

☐ Dos rolinhos (columbinas)

6. Escreve seis palavras novas que tenhas aprendido nas sessões que desenvolvemos. Recorre ao teu diário de Land Art.

1 _____
2 _____
3 _____
4 _____
5 _____
6 _____

7. Para ti o Diário Gráfico foi (assinala duas opções):

- ☐ Importante
- ☐ Útil
- ☐ Divertido
- ☐ Para continuar a usar
- ☐ Aborrecido
- ☐ Nada interessante
- ☐ Nunca me servirá para nada

8. Gostarias de voltar a participar numa experiência destas?

- ☐ Sim
 - ☐ Não
- Porquê?

9. Das três afirmações que se seguem, assinala a que consideras correta:

- ☐ Para trabalhar nas expressões artísticas não preciso de pensar, só preciso de fazer.
- ☐ Para trabalhar nas expressões artísticas preciso de pensar e de fazer.
- ☐ Para trabalhar nas expressões artísticas, o mais importante é pensar 1.º e fazer pesquisas.

10. Tenta lembrar-te das atividades que desenvolvemos.

Numa frase, refere algum conhecimento que adquiriste.

Obrigada pela tua colaboração!

**Anexo 7 – Inquérito por
questionário – Aplicado aos alunos
do 4.º ano – Inquérito inicial**

Anexo 7 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 4.º ano – Inquérito inicial

Ano Letivo 2010/2011
(4.º ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloca uma cruz (X) na tua escolha.

1. Idade _____

2. Sexo:

☐ F

☐ M

3. Onde vives?

☐ Na cidade

☐ No campo

4. Desejas muitas vezes brincar na natureza?

☐ Poucas vezes

☐ Algumas vezes

☐ Muitas vezes

5. Quantas vezes tens contacto com o campo/natureza?

☐ 1 vez por semana

☐ 3 vezes por semana

☐ Todos os dias

☐ Esporadicamente

☐ Só ao fim de semana

☐ Nunca

6. Dos seguintes elementos naturais, escolhe sobre os quais gostarias de fazer um trabalho de expressão plástica (Assinala duas opções).

☐ Árvores

☐ Fogo

☐ Cristais

☐ Barro

☐ Plantas de vaso

☐ Aves/Penas

☐ Conchas

7. Gostas mais de mexer na terra, na água, na areia, no musgo ou na erva (Coloca por ordem crescente entre 1 e 5, em que 1 é o que gostas menos e 5, o que gostas mais):

☐ Terra

☐ Água

- ☐ Areia
- ☐ Musgo
- ☐ Erva

8. Consideras que em Castelo Branco há espaços verdes suficientes?

- ☐ Sim
- ☐ Não

**9. Que espaços costumavas frequentar na cidade de Castelo Branco?
(Assinala 4 dos espaços mais frequentados).**

- ☐ Jardim do Paço Episcopal
- ☐ Parque da cidade
- ☐ Zona de Lazer
- ☐ Cine Teatro
- ☐ “Docas” (zona de bares, cafés e comércio local)
- ☐ Centro comercial
- ☐ Piscinas
- ☐ Museus

10. Já sabes o que é Land Art? Escolhe a afirmação que te parece mais adequada.

- ☐ Land Art é Natureza.
- ☐ Land Art são formas da Natureza que parecem ser feitas pelo Homem.
- ☐ Land Art são formas estranhas que encontramos na Natureza.
- ☐ Land Art é uma forma de expressão feita por crianças.
- ☐ Land Art são intervenções feitas por artistas plásticos nas paisagens (pode ser só numa árvore, numa pedra, no gelo, num lago, etc.).

11. Este projeto de Land Art tem servido para?

- ☐ Só aprender
- ☐ Só divertir
- ☐ Para aprender e divertir

Obrigada pela tua colaboração!

**Anexo 8 – Inquérito por
questionário – Aplicado aos alunos
do 4.º ano – Inquérito intermédio**

Anexo 8 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 4.º ano – Inquérito intermédio

Ano Letivo 2010/2011
(4.º ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloca uma cruz (X) na tua escolha.

1. Como já trabalhamos algumas vezes, de forma direta ou indireta temas de Land Art, das seguintes sessões, assinala as três que mais gostaste.

- ☐ Diálogo sobre os quatro elementos.
- ☐ Observação de imagens e comentários sobre as mesmas.
- ☐ Trabalho no exterior com pedras.
- ☐ Trabalho de expressão plástica “intervenção na paisagem”/ Criar a minha paisagem.
- ☐ Apresentação do artista plástico Giuseppe Arcimboldo.
- ☐ Apresentação de Land Artists contemporâneos.
- ☐ Observação do trabalho de Land Art feito pelos alunos da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- ☐ “Diálogo com o plátano.”

2. O teu diário da Land Art tem muitas folhas preenchidas?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Algumas
- ☐ Muitas

3. Já fizeste algumas pesquisas sobre Land Art?

- ☐ Nenhuma
- ☐ Algumas
- ☐ Muitas

4. Estas atividades levaram-te a querer conhecer melhor a Natureza?

- ☐ Sim
- ☐ Não

5. Tens vontade de proteger a Natureza de forma diferente daquela que tinhas?

- ☐ Sim
- ☐ Não

6. De todos os espaços onde tivemos a trabalhar, qual o teu preferido?

- ☐ Sala de aula.
- ☐ Espaço ao ar livre do Museu.
- ☐ “Quinta”
- ☐ Pátio da escola.

7. Das seguintes afirmações, escolhe a que te parece mais correta:

- ☐ A Natureza é Land Art.
- ☐ Os artistas plásticos só fazem Land Art.

- ☐ A Land Art foi “inventada” para contrariar a ideia de que, só podemos encontrar artes plásticas nos Museus e nas galerias.
- ☐ A única forma de arte que existe chama-se Land Art.
- ☐ Só as crianças são que devem fazer Land Art.
- ☐ O homem faz Land Art há muitos séculos.

Obrigada pela tua colaboração!

**Anexo 9 – Inquérito por
questionário – Aplicado aos alunos
do 4.º ano – Inquérito final**

Anexo 9 – Inquérito por questionário – Aplicado aos alunos do 4.º ano – Inquérito final

Ano Letivo 2010/2011
(4.º ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloca uma cruz (X) na tua escolha.

1. Onde é que preferias viver?

☐ Cidade

☐ Campo

Porquê?

2. A Land Art contribuiu para que tu penses se é melhor viveres na cidade ou no campo?

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

3. Dos seguintes materiais e elementos da Natureza com que trabalhamos, escolhe os dois que mais gostaste.

☐ Folhas

☐ Paus

☐ Pedras

☐ Areia

☐ Água

☐ Papel

☐ Musgo

☐ Flores

☐ Barro

4. Pensa nos quatro elementos na Natureza (Água, Fogo, Ar e Terra) e assinala aquele sobre o qual realizavas uma obra. Não penses só na Land Art mas noutras expressões artísticas.

☐ Água

☐ Fogo

☐ Ar

☐ Terra

5. No ateliê sobre o barro, qual a técnica que te despertou mais interesse:

☐ Roda de oleiro

☐ Da bola

☐ Da lastra

☐ Repuxado

☐ Dos rolinhos (columbinas)

6. Escreve seis palavras novas que tenhas aprendido nas sessões que desenvolvemos. Recorre ao teu diário de Land Art.

1 _____

- 2 _____
3 _____
4 _____
5 _____
6 _____

7. Para ti o Diário Gráfico foi (assinala duas opções):

- ☐ Importante
☐ Útil
☐ Divertido
☐ Para continuar a usar
☐ Aborrecido
☐ Nada interessante
☐ Nunca me servirá para nada

8. Gostarias de voltar a participar numa experiência destas?

- ☐ Sim
☐ Não
Porquê?

9. Das três afirmações que se seguem, assinala a que consideras correta:

- ☐ Para trabalhar nas expressões artísticas não preciso de pensar, só preciso de fazer.
☐ Para trabalhar nas expressões artísticas preciso de pensar e de fazer.
☐ Para trabalhar nas expressões artísticas, o mais importante é pensar 1.º e fazer pesquisas.

10. Tenta lembrar-te das atividades que desenvolvemos.

Numa frase, refere algum conhecimento que adquiriste.

Obrigada pela tua colaboração!

Anexo 10 – Inquérito por questionário – Aplicado aos pais dos alunos

Anexo 10 – Inquérito por questionário – Aplicado aos pais dos alunos

Ano Letivo 2010/2011
(3.º e 4.º Ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloque uma cruz (X) na sua escolha.

1. O seu educando tem vindo a participar num projeto de estágio sobre Land Art. Ele tem comentado, em casa, as atividades desenvolvidas neste âmbito?

- ☐ Nunca
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Muitas vezes

2. Solicitou ajuda para realizar trabalhos, nomeadamente no Diário de Land Art (caderno de capa vermelha)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

3. Apercebeu-se se o seu educando realizou consultas e/ou pesquisas sobre Land Art?

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. O seu educando solicitou mais saídas para o campo/Natureza desde que participa neste projeto?

- ☐ Nunca
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Muitas vezes

5. Considera importante para o desenvolvimento das crianças em geral, um projeto como este? Justifique porquê?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Justifique:

6. Tinha conhecimento desta forma de expressão artística (Land Art)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

7. Na sua opinião, as expressões artísticas contribuem para uma melhoria do desenvolvimento e do desempenho curricular das crianças? Justifique porquê?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Desde que este projeto se iniciou, alguma vez pensou em desenvolver algo similar?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 11 – Inquérito por questionário – Aplicado às professoras do Jardim Escola

Anexo 11 – Inquérito por questionário – Aplicado às professoras do Jardim Escola

Ano Letivo 2010/2011
(3.º e 4.º Ano – Ensino Básico)

Em cada resposta, coloque uma cruz (X) na sua escolha.

1. Considera que as atividades relacionadas com a Land Art desenvolveram destrezas técnicas e manuais nas crianças?

- ☐ Nenhumas
- ☐ Algumas
- ☐ Muitas

2. Considera que alguma das crianças ficou mais comunicativa?

- ☐ Nenhumas
- ☐ Algumas
- ☐ Todas

3. Do ponto de vista da criatividade, observou algumas diferenças depois de iniciados os trabalhos sobre Land Art.

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. Considera que as crianças se envolveram no tema da Land Art?

- ☐ Muito
- ☐ Pouco
- ☐ Nada

5. As crianças fizeram referências aos trabalhos realizados durante as sessões de Land Art?

- ☐ Nunca
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Muitas vezes

6. Considera que as crianças demonstraram melhor desempenho no trabalho em equipa depois de iniciarem as sessões semanais sobre Land Art?

- ☐ Muito
- ☐ Algum
- ☐ Pouco

7. Depois da participação nas sessões sobre Land Art, considera que as crianças adquiriram novos vocábulos?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não observado

7.1 Os alunos adquiriram novos conceitos?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não observado

8. Considera suficiente o tempo dedicado às expressões artísticas no curriculum escolar?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Porquê?

9. Na sua opinião, um projeto como o da Land Art deve ser continuado?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Porquê?

Obrigada pela tua colaboração!

**Anexo 12 – Documento de
informação dirigido aos pais dos
alunos com pedido de autorização
de saída do espaço do jardim-
escola**

Anexo 12 – Documento de informação dirigido aos pais dos alunos com pedido de autorização de saída do espaço do jardim- escola

Estimados Pais e Encarregados de Educação:

Venho solicitar autorização, para que os Vossos educandos se ausentem da Escola, em visitas e/ou realização de trabalhos no Museu, no espaço da Quinta envolvente à Escola e, visitas a outros espaços ou localidades (destas daremos conhecimento específico). Estas saídas e atividades ocorrem sempre às Terças-feiras, salvo possíveis exceções.

Com os melhores cumprimentos, também pessoais:

A estagiária do Mestrado em Educação pela Arte,

Celeste Ribeiro

Castelo Branco, 23 de Novembro de 2010

Eu, Encarregado de Educação de:

Declaro que autorizo o meu Educando:

No que se refere ao assunto em epígrafe.

Anexo 13 – Ofício dirigido aos pais dos alunos com informação com realização do estágio

Anexo 13 – Ofício dirigido aos pais dos alunos com informação com realização do estágio

Estimados Pais e Encarregados de Educação:

Eu, Celeste Maria Pissarra Ribeiro, a frequentar o Mestrado de Educação pela Arte na Escola Superior João de Deus em Lisboa, e a realizar estágio do último ano do referido Mestrado no Jardim Escola João de Deus de Castelo Branco, venho junto de Vexas. Pedir apoio na realização do trabalho dos Vossos educandos, no que se refere a completar o caderno que lhes foi entregue, para anotarem as tarefas relacionadas com a temática da Land Art.

Queria agradecer a atenção e, quando enviar questionários, o favor de os preencherem.

Desde já grata pela atenção dispensada, e ao vosso dispor para o que entenderem por bem.

Celeste Ribeiro

Castelo Branco, 11 de Novembro de 2010

Anexo 14 – Documentos com exemplo de redações dos alunos retirados dos diários de Land Art

Anexo 14 – Documentos com exemplo de redações dos alunos retirados dos diários de Land Art

A ideia da minha árvore

Para mim, uma árvore é um milagre da mãe natureza. Porque as folhas é que dão a respiração e uma árvore tem centenas de folhas. Os ramos são abrigos para os animais desabrigados que não têm casas.

As árvores são fontes de vida. São como "gotinhas de água" que a natureza cria. Eu batizo esta árvore como:

Semiárvore. Porque à volta desta árvore e na árvore há centenas de formigas.

Desde à muitos anos, o homem tem destruído as florestas. Mas se ele fosse uma árvore, eu queria ver se ele gostasse. Espero que daqui a alguns anos, o homem compreenda o que a árvore sofre.

Hoje, dia 17 de maio de 2011,

fomos ao Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, ver os alunos do 1º ano do Curso de Animações da ESE. Fizemos um tipo de jogo. Eles fizeram algo lindo, e nós tentamos adivinhar:

- É uma silva, uma semente e árvores de fruto!
- É um campo abandonado!
- É um vaso, uma flor e um rebento!
- São os 4 elementos! Mas falta um, o ar!

Foi esta última ~~da~~ sugestão a ~~correta~~ correta. Afinal, estava lá o centro, a terra, uma fogueira (pau e folhas coloridas), o fogo, cascas de árvore grandes, com água e frutos cor-de-laranja, vê-se logo que é a água, e, no final de tudo!! o ar! Era um catavento com folhas.

Pediram-nos para cortar paus e nós fizemos.

Aquilo que eles fizeram estava maravilhoso! Os alunos fartaram-se de estar a olhar e começaram a fazer coisas com os pés e ~~escreveram~~ escreveram "Célia", o nome do nosso professor, e como aquilo era um circuito, chamamos-lhe "Circuito da Célia". Muitos se juntaram e ajudaram.

Foi triste, a despedida, mas tivemos de voltar e vê-los e aprendemos com eles, divertindo-nos!

Anexo 15 – Registos fotográficos do estágio em suporte digital
